

Catálogo sinóptico dos ortópteros de Portugal¹

EXISTENTES NO MUSEU ZOOLOGICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FAM. LOCUSTIDAE

N. v. — *Gafanhotos, saltões* ou *saltaricos*. No outono, ao mesmo tempo que põe os ovos, a fêmea fabrica um tubo constituído por fragmentos terrosos aglutinados por muco (*Doclostaurus maroccanus*) ou faz com o seu curto e robusto ovideponente um buraco na terra, onde fica abrigada a ooteca, como que moldada no buraco referido. A seguir à postura, morrem. Os ovos abrem na primavera seguinte ou antes, segundo os climas.

Além da sua menor corpulência, os jovens distinguem-se dos adultos pela sua côr indeterminada, antenas mais curtas e grossas e pelo estado das suas azas, reduzidas a simples côtos. É de notar que os elitros se encontram então debaixo das azas e não por cima, como nos adultos, facto que por si só é suficiente para distinguir as larvas dos locustídeos braquípteros adultos. O órgão do canto é uma espécie de rabeca. Êste é produzido, com efeito, pela fricção das cristas dos fémures posteriores contra certas nervuras dos elitros ou contra uma placa situada de cada lado do primeiro anel do abdomen, ou ainda fricionando durante o vôo as tíbias médias contra determinadas nervuras das azas. Os tímpanos encontram-se dum e doutro lado da base do abdómen, logo atrás do metatorax. Algumas espécies são extremamente nocivas à agricultura, devido não só à sua voracidade (desnudam quási todas as plantas), mas também ao seu grande número, sendo mais para receiar a geração saída da postura efectuada pela nuvem de gafanhotos invasores duma região do que propriamente êstes últimos. Empregam-se diferentes processos para os destruir, mas todos êles pouco eficazes.

¹ Continuado do vol. iv, pág. 212.

Divisão em géneros

- 1 { Tarsos com *arólio*. Pronoto não prolongado sôbre o abdomen, azas cobertas pelos elitros 2
- 1 { Tarsos sem *arólio*. Pronoto prolongado sôbre o abdomen. Azas em repouso escondidas debaixo do pronoto. Prosterno com o bôrdo anterior escavado para receber a bôca. Insectos muito pequenos 26
- 2 { Prosterno inerme. 3
- 2 { Prosterno com um tubérculo entre as patas anteriores ou uma gibosidade em parte formada pelo bôrdo anterior 19
- 3 { Fronte oblíqua, formando ângulo agudo os planos tangentes a esta e ao vertex. Elitros com reticulação sensível e larga, sendo a maioria das malhas regulares; nervuras transversais da célula discoidal, sobretudo na parte média do elitro, paralelas entre si. Azas incolores ou levemente córadas sem faixa negra arqueada 4
- 3 { Fronte vertical; vertex arredondado não saliente ou muito inclinado, formando o plano tangente à frente um ângulo muito obtuso com o vertex. Elitros cobertos, pelo menos até ao meio, por uma reticulação abundante, a qual forma numerosas malhas irregulares e pequenas, de que resulta a maior consistência e opacidade desta parte do elitro. Células discoidal e ulnar, principalmente esta última, sem nervuras transversais regulares e paralelas. Azas quási sempre coradas e em muitas espécies com uma grande faixa escura arqueada. Tibias posteriores sem espinho apical no bôrdo externo; quilha frontal plana ou sulcada. 14
- 4 { Fastígio do vertex lateralmente foliáceo. Antenas muito deprimidas e ensiformes. Elitros ponteagudos. Lóbulos geniculares dos fémures posteriores agudos. Tibias posteriores com mais de vinte espinhos de cada lado 5
- 4 { Fastígio do vertex não foliáceo. Antenas geralmente filiformes, raras vezes ensiformes. Elitros e lóbulos referidos não ponteagudos. Tibias posteriores com menos de quinze espinhos de cada lado 6
- 5 { Elitros iguais em ambos os sexos; células mediastina e escapular normais, opacas e irregularmente reticuladas. Terceira nervura radial dos elitros e primeiro ramo da radial das azas bifurcados ao meio ou antes. Quilhas laterais do pronoto rectas. Azas levemente esverdeadas. gén. *Acrida* Linn.

- 5 } Elitros desiguais, sendo no ♂ as células mediestina e escapular dilatadas até ao meio, onde se tornam transparentes e regularmente reticuladas. Nervura e ramo referidos bifurcados além do meio. Quilhas laterais do pronoto flexuosas, altas, convexas e divergentes na metazona. Azas côr de rosa com numerosos traços pardacentos gén. *Acridella* Bol.
- 6 } Fastigio do vertex sem fossetas laterais (se existem as fossetas ocupam uma posição vertical ou muito inclinada; para as ver é necessário olhar dos lados da cabeça) 6
- 6 } Fastigio do vertex com fossetas laterais ou com superfícies laterais pontuadas, que o limitam dum e doutro lado e mais ou menos visíveis (olhadas por cima). 8
- Antenas ensiformes e delgadas. Vertex com fossetas verticais ou muito inclinadas sôbre os bordos em forma de facetas triangulares. Pronoto estreitado no meio com as quilhas laterais angulosas. Lóbulos metasternais distantes . . gén. *Calephorus* Fieb.
- 7 } Antenas filiformes. Vertex em forma de triângulo equilátero, sem fossetas, com os bordos delgados e lisos. Pronoto plano por cima, com quilhas laterais sómente na prozona; sulco típico situado antes do meio, o bôrdo posterior obtusângulo. Tibias posteriores dilatadas gradualmente para a ponta e com quilhas laterais na metade apical. gén. *Paracinema* Fisch.
- 8 } Célula discoidal do elitro sem verdadeira nervura intercalar (uma leve linha sinuosa formada pela reunião de várias nervuras, que às vezes aparece, não é uma verdadeira nervura). Lóbulos metasternais, separados atrás das fossetas correspondentes.. 9
- 8 } Célula discoidal do elitro em geral com uma nervura intercalar grossa, inteira e saliente, às vezes delgada e indecisa; mas então os lóbulos metasternais reúnem-se por trás das fossetas correspondentes 12
- 9 } Quilhas laterais do pronoto contínuas, cortadas sómente pelo sulco típico. Fossetas do vertex estreitas. Corpo em geral esbelto. Tímpano abdominal fechado ou muito pouco aberto . . . 10
- 9 } Quilhas laterais do pronoto interrompidas no meio do dorso ou ponteadas e pouco nítidas neste sítio, cortadas por dois sulcos e geralmente com faixas amarelas, que as representam nas porções em que faltam e lhes dão aparência de contínuas. Fossetas do vertex alargadas e ponteadas. Tímpanos abertos.. 11
- 10 } Antenas filiformes ou levemente deprimidas do lado terminal. Tímpano fechado 27
- 10 } Antenas claviformes, sendo a dilatação terminal nos ♂♂ maior do que nas ♀♀. Tímpanos um pouco abertos. . gén. *Gomphocerus* Thunb.

- 11 { Fossetas do vertex romboidais ou trapesoidais e bem limitadas. Quilhas do pronoto obliteradas em parte e representadas por faixas amarelas desenhando estas o sinal \times . Célula discoidal do elitro tanto ou mais larga na extremidade do que a ulnar gén. *Dociostaurus* Fieb.
- 11 { Fossetas do vertex obtusas e largas. Quilhas do pronoto mais ou menos angulosas e, adiante do sulco típico, cobertas de grossas pontuações fundidas. Célula discoidal do elitro mais estreita do que a ulnar gén. *Arcyptera* Serv.
- 12 { Lóbulos metasternais reunidos; em vez de fossetas do vertex, espaços quási rectangulares e pontuados. Quilhas do pronoto direitas e também pontuadas. Azas róseas. Nervura intercalar do elitro, variável gén. *Ramburiella* Bol.
- 12 { Lóbulos metasternais afastados. Fossetas do vertex, triangulares. Nervura intercalar robusta. Azas incolores ou levemente esverdeadas ou azuladas 13
- 13 { Nervura intercalar do elitro situada no meio da célula discoidal ou mais aproximada da radial, principalmente do lado do arco estigmático. Fossetas do vertex bem limitadas. gén. *Aelopus* Fieb.
- 13 { Nervura intercalar do elitro mais aproximada da nervura ulnar. Fossetas do vertex figurando pontuações. gén. *Mecostethus* Fieb. *¹.
- 14 { Pronoto percorrido em todo o seu comprimento por uma quilha inteira ou interrompida pelo sulco típico 15
- 14 { Pronoto sem quilha média ou com ela incompleta ou com uma quilha linear baixa e interrompida não só pelo sulco típico, mas ainda pelo que o precede 18
- 15 { Pronoto com uma quilha ininterrompida e uma fosseta ou depressão de cada lado da quilha média. Azas de côr vermelha viva, com a extremidade preta. gén. *Psophus* Fieb.
- 15 { Pronoto com quilha interrompida pelo sulco típico 16
- 16 { Quilha média do pronoto, alta, comprimida 17
- 16 { Quilha média do pronoto pouco elevada, sobretudo na metazona. Quilha superior dos fémures posteriores mais baixa na metade apical; azas de côr variável com uma faixa escura arqueada e distante da extremidade. gén. *Oedipoda* Latr.
- 17 { Pronoto com quatro linhas amarelas dispostas em cruz. Azas amareladas com uma grande faixa pardacenta, arqueada. gén. *Oedaleus* Fieb.

¹ O sinal * indica que o género ou espécie marcados são conhecidos em Portugal, mas não existem na colecção do Museu.

- 17 } Pronoto quasi sempre com duas linhas pretas longitudinais. Azas incolores. gén. *Pachytylus* Fieb.
- Quilha média do pronoto prolongando-se do bordo anterior ao posterior, pouco elevada, interrompida pelo sulco tipico e chanfrada na prozona; esta, igual ou pouco mais curta do que a metazona; bordo posterior do pronoto obtuso ou arredondado.
- 18 } Corpo muito pubescente gén. *Acrotylus* Fieb.
- Metazona do pronoto quasi três vezes mais comprida do que a prozona, com o bordo posterior em ângulo recto ou pouco obtuso. Fémures posteriores com uma grande mancha escuro-azulada na sua face interna. Esporões das tibias posteriores pequenos. gén. *Sphingonotus* Fieb.
- Cabeça cônica; vertex saliente adiante dos olhos e cercado pelas fontes, as quais se reúnem anteriormente uma à outra. Fémures posteriores delgados, com linhas oblíquas na sua parte médio-esterna, substituido o desenho peniforme dos seguintes. Gibosidade arredondada no prosterno. . gén. *Pyrgomorpha* Serv.
- 19 } Vertex não cercado pelas fontes, que não se reúnem adiante dele 20
- Corpo grosso e pesado; elitros lobiformes e laterais. Azas nulas ou rudimentares. Quilha frontal comprimida e sulcada. Tubérculo prosternal de forma cúbica ou denteado. Fémures largos com os bordos comprimidos e a parte médio-externa reticulada 21
- 20 } Corpo geralmente esbelto; elitros ordinariamente bem desinvolvidos, às vezes lobiformes ou nulos. Quilha frontal geralmente plana, sulcada desde o ocelo até ao epistoma e às vezes sulcada em todo o seu comprimento. Tubérculo prosternal tanto ou mais alto do que as ancas anteriores, geralmente cilíndrico ou cônico. Fémures de forma ordinária, não comprimidos e com desenho peniforme na área médio-externa. Tibias anteriores cilíndricas. Lóbulos mesosternais muito afastados. 23
- Bordo anterior do prosterno dirigido para baixo, abaulado e sem verdadeiro tubérculo prosternal. Bordo interno dos lóbulos mesosternais dirigido oblíquamente para fóra a partir da base gén. *Ocnerodes* Brunn.
- 21 } Bordo anterior do prosterno concorrendo para a formação do tubérculo prosternal, também constituido pelo disco do mesmo, que é frequentemente denteado ou papiloso. Elitros oblongos, espatuliformes e um pouco prolongados na base. Bordo anterior do prosterno mais alto do que o tubérculo. 22

- Elitros largos, com margens arqueadas, principalmente a margem interna gén. *Eumigus* Bol.
- 22 { Elitros espatuliformes, estreitos e alongados, de margens elevadas. Corpo esbelto, pontuado ou rugoso. Crista do pronoto sem sulco longitudinal fino. Tubérculo prosternal pequeno ou sómente provido de duas cristas obtusas. Corpo cilindro-comprimido. Crista frontal sinuosa e distintamente prolongada entre as antenas gén. *Acinipe* Ramb. *
- 23 { Espinho apical no bôrdo externo das tibias posteriores. Pronoto não giboso, obtusamente tectiforme. Elitros esquamiformes gén. *Pelecycclus* Fieb.
- Tibias posteriores sem espinho apical externo 24
- Pronoto sem quilhas laterais 25
- 24 { Pronoto com quilhas laterais mais ou menos aparentes, pelo menos na prozona; quilha média linear, visível em toda a sua extensão; fronte quási vertical, principalmente na ♀. Fémures posteriores curtos e largos, duas vezes e meia tão compridos como o pronoto na ♀. Cerques tão compridos como o pronoto. Azas e elitros bem desenvolvidos; ângulo posterior do pronoto obtuso gén. *Calliptamus* Serv.
- 25 { Pronoto tectiforme, cerques cónicos no ♂ e placa infraanal do ♂ fortemente tridentada. gén. *Orthacanthacris* Karsch.
- Pronoto deprimido; quilha média linear, nula na prozona. Cerques do ♂ curtos, largos e deprimidos, arredondados ou quási truncados na extremidade. Placa infraanal na ♀ chanfrado na extremidade. gén. *Schistocerca* Stal.
- 26 { Vertex angular mais largo do que o ôlho visto por cima e passando adiante dos olhos visto de perfil. gén. *Acrydium* Geoffr.
- Vertex truncado, mais estreito do que o ôlho visto por cima e não passando adiante quando visto de perfil gén. *Paratettix* Bol.
- 27 { Célula mediastina dos elitros estreitando gradualmente para a ponta, prolongada ao longo do bôrdo anterior e não lobulada na base, ficando o mesmo bôrdo direito. 28
- Célula mediastina dos elitros estreitando rápidamente para a ponta, não ultrapassando geralmente a metade do elitro e dilatada junto à base, formando um lóbulo arredondado (o bôrdo do elitro não é direito mas convexo) 29
- 28 { Valvas superiores e inferiores do ovideponente com um forte dente externo voltado no mesmo sentido que a ponta das valvas (para baixo o das inferiores; para cima o das superiores) gén. *Stenobothrus* Fisch.

- 28 } Valvas do ovideponente sem dente lateral com uma chanfradura,
às vezes em forma de degráu agudo. . . gén. *Omocestus* Bol.
- 29 } Quilhas laterais do pronoto angulosas ou flexuosas na prozona e
divergentes para trás na metazona . . gén. *Stauroderus* Bol.
- Quilhas laterais do pronoto, direitas e paralelas ou sómente um
pouco curvas para dentro, na prozona. . gén. *Chorthippus* Fieb.

GÉN. ACRIDA Linn.

24. **A. turrita** Linn. — *Grillus (Acrida) nasutus*, Linné, 1764, Mus.
Lud. Ulr., p. 118.

— *Trixalis nasuta*, Brunner, *ob. cit.*, p. 88.

Encontram-se os individuos adultos em junho e julho. Os jóvens,
no inverno e na primavera.

Coimbra. Beja. Algarve.

GÉN. ACRIDELLA Bol.

25. **A. variabilis** Klug (Rb.) — *Trixalis unguiculata* Ramb., Brun-
ner, *ob. cit.*, p. 90.

Ponte de Sôr. Évora. Aviz. Mora. Algarve.

GÉN. CALEPHORUS Fieb.

26. **C. compressicornis** Latr. — *Acrydium compressicorne*, Latreille,
1804, Hist. Nat. des Crust. et des Inst., t. XII, p. 155.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 93.

Vila do Conde. Espinho. Esmoriz. Serra da Estrêla.

GÉN. PARACINEMA Fisch.

27. **P. tricolor** Thunb. — *Gryllus tricolor*, Thunberg, 1815; *Mém.*
Acad. S.^{te} Petersb., t. v, p. 245.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 97.

Encontra-se nos lameiros e margens dos rios, sôbre o *Scirpus ho-*
loschænus; os individuos adultos encontram-se no fim do verão e no
outono.

Vizela. Vila do Conde. Espinho. Guarda. Figueira. Ponte
de Sôr. Mora.

GÉN. STENOBOTHRUS Fisch.

Divisão em espécies

- 1 } Quilhas laterais do pronoto divergindo um pouco, quer anterior
quer posteriormente, e um pouco também incurvadas para

- dentro, antes do sulco típico. Nervuras ulnares distintas e divergentes desde a base; célula interulnar insensivelmente dilatada para trás. Elitros geralmente mais curtos do que o abdomen na ♀ e um pouco mais compridos no ♂, com a segunda nervura radial recta, a célula discoidal percorrida por uma faixa preta interrompida por manchas brancas e com uma pequena mancha branca situada perto da extremidade, no quarto apical. esp. *St. stigmaticus* Ramb.
- 1 } Quilhas laterais do pronoto distintamente incurvadas e subangulosas na prozona, muito mais divergentes posterior do que anteriormente. Célula interulnar dos elitros dilatada gradualmente desde a base 2
- Menores. Último artigo dos palpos da mesma côr dos outros. Antenas curtas. Quilhas laterais do pronoto angulosas. Área médio-externa dos elitros de lados paralelos ou muito leve e insensivelmente dilatados do lado da extremidade.
. esp. *St. festivus* Bol.
- 2 } Maiores. Último artigo dos palpos de côr diferente dos outros, sendo o último artigo dos palpos maxilares do ♂ globoso e coralino e o da ♀, cilíndrico e róseo. Área médio-externa dos elitros, dilatada no meio. Elitros e azas ultrapassando o abdomen. esp. *St. Bolivari* Brunn.

28. *St. stigmaticus* Ramb. — *Gryllus stigmaticus*, Rambur, 1839. *Faune de l'Andal*, p. 93.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 106.

Esta espécie, muito variável pela sua coloração, pelos elitros tão compridos como o abdomen ou mais curtos nalgumas fêmeas, encontra-se de julho a dezembro, conforme as localidades.

Serra do Gerez. Serra da Estrêla. Braga. S. Gião. Felgueira. Guarda. Beja. Táboa.

29. *St. festivus* Bol., 1877. *An. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, t. xvi, p. 94.

Adulto desde junho.

Serra da Estrêla. S. Gião. Táboa.

30. *St. Bolivari*, Brunner, *ob. cit.*, p. 107.

Encontra-se desde junho a outubro.

Serra da Estrêla.

GÉN. OMOCESTUS Bol.

Divisão em espécies

- Valvas do ovideponente pequenas e de forma ordinária, ocultas as superiores; as inferiores com um sulco transverso por baixo e no meio, por forma que a parte apical é igual ou menor do que a basilar. No lado externo, um lóbulo arredondado e separado do ápice por uma chanfradura obtusa. Elitros com mancha branca estigmática. 2
- 1 { Valvas do ovideponente muito prolongadas, sendo descobertas e mais ou menos cilíndricas as superiores e as inferiores com o sulco transverso da face de baixo situado antes do meio, por forma que a porção apical é a mais comprida. O bôrdo externo com uma chanfradura separando um dente anguloso e mais ou menos agudo. Elitros com mancha branca estigmática pouco perceptível ou nula e bem desenvolvidos, chegando até à extremidade do abdomen. Azas com célula anal verde e no resto cinzento-escuro. Quilhas laterais do pronoto, levemente arqueadas na prozona, prolongando-se a quilha média mais do que as outras na metazona. esp. *O. viridulus* Linn.
- Quilhas laterais do pronoto muito curvas para dentro no meio da prozona; divergentes para o lado do bôrdo anterior e ainda mais para o do posterior, onde ficam quasi duas vezes mais distantes do que no anterior 3
- 2 { Quilhas laterais do pronoto quasi direitas, paralelas na primeira parte da prozona e levemente divergentes para o bôrdo posterior, ficando aqui pouco mais distantes do que no anterior. Elitros tanto ou pouco mais compridos do que o abdomen. Côr muito variável. esp. *O. Panteli* Bol.
- Côr cinzento-acastanhada ou pardacenta. Elitros geralmente, sobretudo na ♀, com uma faixa branca, inteira ou interrompida ao longo da célula escapular. Palpos de côr uniforme. Fémures posteriores cinzento-acastanhados com manchas escuras. Tibias pardacentas. 4
- 3 { Côr verde e escura ou pardo-acastanhada. Elitros escuros anteriormente e verdes na parte interna ou posterior, com algumas manchas escuras e sem faixa branca escapular. Palpos brancos na extremidade, pelo menos no ♂. Fémures mais ou menos avermelhados, assim como o abdomen, no ♂. Tibias vermelhas no ♂ e escuras na ♀. Quilha da metazona do pronoto mais comprida do que a da prozona e as laterais flexuosas esp. *O. rufipes* Zett.

- Antenas filiformes. Elitros do ♂ mais compridos do que o abdómen; os da ♀, com as três nervuras radiais bem desinvolvidas, divergindo a terceira da segunda desde a base. Azas tão compridas como os elitros, chegando durante o repouso à extremidade dêstes. Valvas do ovideponente com uma chanfradura, que contribue para a formação dum tubérculo arredondado ou que há de cada lado na base. Abdómen do ♂ vermelho no ápice. Comprimento do ♂, 12 a 13^{mm}; da ♀, 16 a 19^{mm}. . . 5
- 4 Antenas notavelmente deprimidas na extremidade, quasi como na ♀ do gén. *Gomphocerus*. Elitros do ♂ um pouco mais curtos do que o abdomen e muito mais curtos ainda os da ♀, ambos êles sómente com duas nervuras radiais (a terceira só excepcionalmente existe e parece geralmente representada por um ramo que sai da segunda além do meio). Valvas inferiores do ovideponente sumamente sinuosas dos lados; as superiores sem tubérculos na base e apenas visíveis durante o repouso esp. *O. Uhagoni* Bol.
- 5 Fossetas do vertex com bordos obtusos e pouco profundas. Sulco típico do pronoto situado aproximadamente no meio. Azas incolores. Elitros não ultrapassando os fémures posteriores *O. haemorrhoidalis* Charp.
- Fossetas do vertex com bordos vivos e bem limitadas. Sulco típico do pronoto situado antes do meio. Azas esfumadas exteriormente. Elitros mais compridos do que os fémures, sobretudo na ♀. esp. *O. Raymondi* Yers.

31. **O. haemorrhoidalis** Charp. — *Gryllus haemorrhoidalis*, Charpentier, 1825, *Horae. ent.*, p. 165.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 114.

Coimbra.

32. **O. Raymondi** Yers, 1863, *Ann. Soc. Ent. de France*, 4.^{eme} série, III, p. 289.

Gerez. Aviz. Coruche.

33. **O. Uhagoni** Bol. — *Gomphocerus Uhagoni*, Bolivar, 1876, *Sinopsis*, p. 118, tab. III, fig. 12.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 108.

Guarda.

34. **O. rufipes** Zett. — *Gryllus rufipes*, Zetterstedt, 1821, *Orth. Suec.*, p. 90.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 113.

Serra do Gerez. Felgueira. S. Gião. Bussaco. Coimbra. Algarve.

35. **O. Panteli** Bol., 1887, *Ann. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, t. xvi, p. 95.

Gomphoceris stigmaticus, Bol. (pars), *Ann. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, t. vii, p. 427.

Vive nos vales e nas faldas dos montes, não se encontrando nunca nas altitudes, onde parece ter sido substituído pelo *St. stigmaticus* Ramb., com que muitas vezes se pode confundir.

Serra da Estrêla. Guarda. Miranda do Côrvo. Ponte de Sôr. Aviz.

36. **O. viridulus** L. — *Gryllus viridulus* Linné, 1761, *Fauna Suec.*, p. 238.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 111.

Ponte de Sôr. Vizela.

GÉN. STAURODERUS Bol.

Divisão em espécies

- | | | |
|---|---|--|
| 1 | } | Sulco típico do pronoto situado além do meio. 2 |
| | | Sulco típico do pronoto situado no meio, ou à quem 4 |
| 2 | } | Tibias posteriores avermelhadas, com um anel pálido ao pé da base, não manchadas de negro por debaixo, na extremidade. Fémures do mesmo par com faixas transversais escuras. Elitros e azas ultrapassando a extremidade do abdomen, os primeiros de côr uniforme sómente com o estigma esbranquiçado. Côr verde-azeitona na maioria dos indivíduos. esp. <i>St. binotatus</i> Charp. |
| | | Tibias posteriores amarelas ou ligeiramente azuladas. Fémures posteriores sem faixas escuras, sómente com manchas desta côr, irregularmente espalhadas. Elitros e azas bem desenvolvidos e mais compridos do que o abdomen. 3 |
| 3 | } | Maiores (♂, 15 a 19 ^{mm} ; ♀, 21 a 27 ^{mm}). Côr pálido-azeitonada ou amarelada com a parte superior da extremidade do abdomen no ♂ sanguinea e a célula escapular do elitro na ♀ com uma faixa longitudinal esbranquiçada. Azas incolores com ápice escuro esp. <i>St. apicalis</i> Herr-Sch. |
| | | Menores (♂, 13 a 15 ^{mm} ; ♀, 20 a 22 ^{mm}). Côr pálido-ocrácia ou terrosa, geralmente com pequenas manchas cinzentas, a extremi- |

- 3 } dade do abdomen da côr geral ou levemente avermelhada; os
 elitros da ♀ sem faixa branca escapular. Azas escuras ou in-
 colôres. esp. *St. vagans* Fieb.
- 4 } Elitros do ♂ muito dilatados, com o bôrdo anterior em arco muito
 saliente, a célula escapular e a extremidade dilatadas, brilhantes
 e transparentes. A primeira e a segunda nervuras radiais,
 flexuosas. Na ♀, os elitros são mais estreitos, o bôrdo anterior
 é arqueado e a célula escapular levemente dilatada. Tamanho
 menor (♂, 13 a 15^{mm}; ♀, 17 a 22^{mm}). . . esp. *St. biguttulus* Linn.
- 4 } Elitros do ♂ pouco dilatados; bôrdo anterior arqueado, mas não
 saliente; célula escapular pouco e a extremidade nada dilatadas
 e as primeiras nervuras radiais rectilineas. Na ♀, os elitros
 são bastante estreitos, com o bôrdo anterior quási direito e pa-
 ralelo ao posterior, e a área escapular não dilatada. Tamanho
 um pouco maior (♂, 15 a 16^{mm}; ♀, 19 a 24^{mm}).
 esp. *St. bicolor* Charp.

37. *St. binotatus* Charp. — *Gryllus binotatus*, Charpentier, 1825,
Horae. Ent., p. 158.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 116.

Encontra-se sobre *Genista scorpius* e *Erinacea pungens*, de julho
 a setembro.

Gerez. Braga. Serra da Estrêla. Guarda. Arganil. Goes.
 Ponte da Mucela. Tábua. Miranda do Corvo. S. Gião. Ponte
 de Sôr. Coruche. Mora. Aviz.

38. *St. apicalis* Herr-Sch. — *Acridium apicalis*, Henrrich-Schäffer,
Nomencl., p. 10.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 117.

Coimbra. Coruche.

39. *St. vagans* Fieb. — *Oedipoda vagans*, Fieber, Eversman, 1848,
Addit ad Fischer orth., p. 229.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 118.

Adulto de maio a dezembro.

Braga. Serra do Gerez. Serra da Estrêla. Guarda. S. Gião.
 Coimbra. Ponte da Mucela. Miranda do Corvo. Ponte de Sôr.
 Aviz.

40. *St. biguttulus* L. — *Gryllus biguttulus*, Linné, 1766, *S. N.*, I,
 2, p. 702.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 121.

Coimbra.

41. **St. bicolor** Charp. — *Gryllus bicolor*, Charpentier, 1825, *Hor. Ent.*, p. 161.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 120.

É a espécie mais comum na Península e varia bastante pelo tamanho e coloração. Maio a dezembro.

Serra do Gerez. Serra da Estréla. Coimbra. Miranda do Corvo. Coruche.

GÉN. CHORTHIPPUS Fieb.

Divisão em espécies

- | | | |
|---|---|---|
| 1 | } | Maiores (♂, 20 a 24 ^{mm} ; ♀, 33 a 36 ^{mm}). Côr verde uniforme com as tíbias posteriores sanguíneas. . . esp. <i>C. jucundus</i> Fisch. |
| | | Menores e de côr variável, frequentemente verde; tíbias posteriores pálidas ou azuladas ou côr de tijolo 2 |
| 2 | } | Terceira nervura radial dos elitros inteira. Placa subgenital do ♂ dirigida para trás; côr pálida ou cinzento-clara e às vezes, faixas longitudinais escuras . . esp. <i>C. pulvinatus</i> Fisch. W. |
| | | Terceira nervura radial dos elitros bifurcada. Placa subgenital do ♂ dirigida para cima. Côr verde. Elitros bem desenvolvidos no ♂, curtos e aguçados na extremidade, na ♀. Azas abortadas em ambos os sexos (aparecem individuos alados). Fémures posteriores, escuros na extremidade. . . esp. <i>C. parallelus</i> Zett. |

42. **C. jucundus** Fischer, 1853, *Orth. Eur.*, p. 351.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 123.

Vive nos prados, sôbre ervas altas e próximo dos rios, de julho a novembro.

Serra do Gerez. Serra do Suajo. Serra da Estréla. Guarda. Arganil. Ponte de Sôr.

43. **C. pulvinatus** Fischer W. — *Oedipoda pulvinata*, Fischer de Waldheim, 1846, *Orth. Ross.*, p. 305.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 123.

Adulto de julho a dezembro.

Serra do Gerez. Serra do Suajo. Braga. Guarda. Goes. Gardunha. Beja. Mora. Aviz.

44. **C. parallelus** Zett. — *Gryllus parallelus*, Zetterstedt, 1821, *Orth. Suec.*, p. 85.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 127.

Vive nos prados.

Serra do Gerez. Braga. Coimbra.

GÉN. GOMPHOCERUS Thunb.

Ortópteros pequenos. Face superior do corpo unida, sem rugosidades nem pontuações profundas. Reconhecem-se geralmente pela saliência acentuada da parte anterior da cabeça, que tem adiante de cada um dos olhos, no limite do vertex, uma fosseta estreita, alongada e bastante profunda. Quando não há fosseta, o bôrdo do vertex é cortante.

45. **G. maculatus** Thunb, 1815, *Mém. Ac. St. Petersb.*, t. v, p. 221.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 132.

Serra da Estrêla.

GÉN. DOCIOSTAURUS

Divisão em espécies

{ Tibias posteriores avermelhadas. . . esp. *D. Maroccanus* Thunb.
 { Tibias posteriores azuladas esp. *D. Genei* Osck.

46. **D. Genei** Osck. — *Gryllus Genei*, Osckay, 1832, *Nov. Act. Acad. Leop. Car.*, t. xvi, II, p. 961.

Julho a dezembro.

Guarda. Coimbra. Ponte de Sôr. Aviz.

47. **D. Maroccanus** Thunb. — *Gryllus Maroccanus*, Thunberg, 1815, *Mém. Acad. Petersb.*, t. v, p. 244.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 136.

Há anos êste gafanhoto causou notáveis prejuizos no Alentejo e ainda na Beira, formando uma verdadeira praga.

Serra da Estrêla. Coimbra. Coruche. Mora.

GÉN. ARCYPTERA Serv.

Divisão em espécies

{ Fossetas do vertex não bem limitadas por um espaço mate. Azas e elitros mais compridos do que o abdomen no ♂, mas bastante mais curtos na ♀. Côndilo das tibias posteriores, pelo menos no ♂, escuro. Azas anegradas. 2
 1 { Fossetas do vertex bem limitadas. Elitros e azas tanto (♀) ou mais (♂) compridos do que o abdomen. Côr acinzentada. Lóbulos femurais e côndilos tibiais do terceiro par de patas, geralmente pálidos, raras vezes pretos no ♂. Azas incolores sómente com algumas nervuras longitudinais pardacentas . . .
 esp. *A. occidentalis* Bol.

- 1 Côr dominante no ♂, pardo-olivácia. Côndilos das tíbias posteriores e lóbulos geniculares dos fémures do mesmo par, escuros em ambos os sexos. Elitros do ♂ ultrapassando os joelhos posteriores, com todas as células cobertas de nervuras transversais regulares e paralelas, excepto a discoidal que é quasi linear; os da ♀ ultrapassam a metade dos fémures posteriores e são de forma oblonga. esp. *A. fusca* Pall.
- 2 Côr dominante no ♂ amarela viva. Côndilos das tíbias posteriores e lóbulos geniculares dos fémures do mesmo par, pretos no ♂ e pálidos na ♀. Elitros do ♂ mais curtos, não chegando quasi aos joelhos posteriores; todas as suas células muito desigualmente reticuladas, incluindo a discoidal, que é quasi tão larga no meio do elitro como a médio-externa; os da ♀ mal excedem a metade dos fémures posteriores e estreitam-se para o ápice esp. *A. Tornosi* Bol.

48. **A. fusca** Pall. — *Gryllus fuscus*, Pallas, 1773, *Reise* II, *Anh.*, p. 727.
 — *Stethophyma fuscum*, Pallas. — Brunner, *ob. cit.*, p. 141.
 Serra do Gerez. Coimbra.

49. **A. Tornosi** Bol., 1887, *An. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, t. XVI, p. 97, est. IV, fig. 9 ♀.
 Serra do Gerez. Serra do Suajo. Braga. Serra da Estrêla. S. Gião. Arganil. Tábua. Coimbra. Gardunha. Fundão.

50. **A. occidentalis** Bol.
 — *A. flavicosta*, Fisch. — *Stauronotus flavicosta*, Fischer, 1853, *Ort. Eur.*, p. 353, tab. XVII, fig. 12, 12 a.
 Serra da Estrêla.

GÉN. RAMBURIELLA Bof.

51. **R. hispanica** Ramb. — *Gryllus hispanicus*, Rambur, 1839, *Faune de l'Andal.*, p. 88, tab. V, fig. 6, 7.
 S. Fiel. Coruche. Ponte de Sôr. Mora.

GÉN. AELOPUS Fieb.

Divisão em espécies

- { Fémures posteriores delgados com a mancha preta da face interna interrompida ao pé da base. Azas quasi incolores
 { esp. *A. thalassinus* Fabr.

{ Fémures posteriores grossos, com a mancha preta interior não interrompida até ao meio. Azas escuras num largo espaço até ao ápice. esp. *A. strepens* Latr.

52. **A. thalassinus** Fabr. — *Gryllus thalassinus*, Fabricius, 1793, *Ent. Syst.*, II, p. 139.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 146.

Bragança. Espinho. Coimbra. Ponte de Sôr. Aviz. Coruche. Beja. Faro.

53. **A. strepens** Latr. — *Acrydium strepens*, Latreille, 1804, *Hist. Nat. Crust. et Ins.*, XII, p. 154.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 145.

Serra do Gerez. Serra da Estrêla. Arganil. S. Gião. Bussaco. Coimbra. Miranda do Corvo. Ponte de Sôr. Beja. Mora. Coruche. Algarve.

GÉN. PSOPHUS Fieb.

54. **P. stridulus** Linn. — *Gryllus (Locusta) stridulus*, Linné, 1761, *Fauna Suec.*, p. 238.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 175.

Serra do Gerez.

GÉN. PACHYTYLUS Fieb.

55. **P. Danicus** Linn. — *Gryllus (Lacusta) danicus*, Linné, 1766, *S. N.*, I, 2, p. 702.

— *Pachytylus cinerescens*. — Brunner, *ob. cit.*, p. 172.

Em certos anos tem sido muitíssimo abundante.

Serra da Estrêla. Poiares. Tábua. Coimbra. Ponte de Sôr. Coruche. Mora. Aviz.

GÉN. CEDALEUS Fieb.

56. **Oe. nigrofasciatus** De Geer. — *Acrydium nigrofasciatus*, De Geer, 1773, *Mém.*, III, p. 493.

— *Pachytylus nigrofasciatus*. — Brunner, *ob. cit.*, p. 169.

Serra do Gerez. Serra da Estrêla. Arganil. Tábua. Bussaco. Coimbra. S. Gião. Moru.

GEN. OEDIPODA Latr.

Divisão em espécies

- 1 { Faixa preta da aza prolongando-se adiante da nervura divisória no sentido da axila e tanto ou mais do que ao longo do bôrdo posterior. 2
- 1 { Faixa preta da aza prolongando-se ao longo do bôrdo posterior, avançando para a base muito mais do que a faixa radial, muito curta e às vezes nula. Azas verde-azuladas na variedade da Península; no tipo da espécie azas amarelas esp. *Oe. Iberica* Bol.
- 2 { Faixa preta avançando ao longo do bôrdo posterior, quando muito, tanto como o referido prolongamento anterior dirigido para a axila (estando a aza bem estendida, uma linha, que passasse pelos extremos destas duas faixas, seria paralela ao eixo do corpo do insecto). Azas azues. . esp. *Oe. coerulescens* Linn.
- 2 { Faixa da aza pouco prolongada ao longo do bôrdo posterior e a a radial referida muito prolongada. Azas azues ou côr de rosa clara esp. *Oe. Charpentier* Fieb.

57. *Oe. coerulescens* Linn. — *Gryllus coerulescens*, Linné, 1764.

Mus. Lud. Ulr., p. 145.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 164.

Ctyhippus coerulescens, L. var. *assumptio*, Matozo, *Jorn. da Acad. das Sc. de Lisboa*, 1884.

Serra do Gerez. Braga. Serra da Estrêla. Guarda. Arganil. S. Gião. Goes. Miranda do Corvo. Coimbra. Ponte de Sôr. Coruche. Mora. Aviz. Beja.

58. *Oe. Charpentieri* Fieb., 1853, *Synopsi*, p. 23.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 166.

Serra da Estrêla. Aviz.

59. *Oe. Iberica* Bol., *An. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, Actas, junho, 1897.

Serra do Gerez. Serra da Estrêla. S. Gião. Coimbra. Miranda do Corvo.

GEN. ACROTYLUS Fieb.

Divisão em espécies

- { Bôrdo posterior do pronoto em ângulo obtuso. Corpo grosso e curto esp. *A. insubricus* Scop.
- { Bôrdo posterior do pronoto arredondado. Corpo esbelto e alongado esp. *A. patruelis* Sturm,

60. **A. insubricus** Scop. — *Gryllus insubricus*, Scopoli, 1786, *Delic. Flor. et Fauna Ins.*, P. I, p. 64.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 155.

Encontra-se em todas as épocas, mesmo no inverno.

Serra do Gerez. Cedães. Mirandela. Pôrto. Coimbra. Bussaco. Coruche. Évora.

61. **A. patruelis** Sturm. — *Gryllus patruellis*, Sturm., Henrich-Schäfer, 1840, *Fortsetz. von Panzer's Fauna Ins. Germ. Fase*, p. 157, tab. 18.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 156.

Vizela. Ponte de Sôr. Aviz. Beja.

GEN. SPHINGONOTUS Fieb.

Divisão em espécies

- | | | |
|---|---|--------------------------------|
| { | Azas posteriores de côr azul clara na base e incolores no ápice | |
| | | esp. <i>S. coerulans</i> Linn. |
| { | Azas posteriores azuladas interiormente, com uma faixa escura | |
| | mais ou menos intensa e desenvolvida. . . | esp. <i>S. azurescens</i> Rb. |

62. **S. coerulans** Linn. — *Gryllus (Locusta) coerulans*, Linné, 1766, *S. N.*, I, part. II, p. 701.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 150.

Ponte de Sôr. Mora.

63. **S. azurescens** Ramb. — *Gryllus azurescens*, Ramb., 1838, *Faune de l'Andal.*, p. 83, tab. VII, fig. 3.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 152.

Adulto de julho a novembro, sôbre as colinas pastosas e nos sítios arenosos.

Serra do Gerez. Serra do Montesinho. Braga. Coimbra. Figueira da Foz. Ponte de Sôr. Beja.

GEN. PYRGOMORPHA Serv.

64. **P. Conica** Ol. — *Truxalis grylloides*, Latreille, 1804, *Hist. Nat. des Crust. et des Ins.*, p. 148.

— *P. grylloides*. — Brunner, *ob. cit.*, p. 185.

De maio a agosto.

Serra da Estrêla. Bussaco. Ponte da Mucela. S. Fiel.

GEN. OCNERODES Brunn.

Divisão em espécies

- Corpo comprimido e com granulações numerosas e finas; quilha dorsal do pronoto aguçada; quilha dorsal dos fémures posteriores direita e comprimida. esp. *O. fallaciosus* Bol.
- Corpo menos granuloso e as granulações menos finas; quilha dorsal do pronoto romba e pouco elevada; quilhas dos fémures posteriores onduladas. esp. *O. Brunneri* Bol.

65. **O. Bruneri** Bol. — *Acocera Brunneri*, Bolivar, 1876, *Sinops*, p. 84, est. II, fig. 7, 7 a.
— Brunner, *ob. cit.*, p. 192.

Campos incultos e planaltos áridos. Adultos, de maio a junho; jóvens, durante o inverno.
Algarve.

66. **O. fallaciosus** Bol., *Trabajos del Museu de Ciencias Naturales*, n.º 6 — Bolivar, *Estudios entomológicos*, 1912, p. 23.
Cardigos.

GEN. EUMIGUS Bol.

Divisão em espécies

- Lóbulos laterais do pronoto com o ângulo póstero-inferior arredondado esp. *E. cucullatus* Bol., var. *Almeriensis* Bol.
- Lóbulos laterais do pronoto com o ângulo póstero-inferior obtuso esp. *E. Ayresi* Bol.

67. **E. cucullatus** Bol., var. *Almeriensis* Bol. — Bolivar, *Estudios Entomologicos*, n.º 6, 1912, p. 15.
Coimbra.

68. **E. Ayresi** Bol. — Bolivar, *Estudios Entomologicos*, n.º 6, 1912, p. 17.
Serra da Estrêla. Ponte da Mucela. Coimbra. Cardigos. Mora. Ponte de Sôr. Coruche.

GEN. ACINIPE Ramb.

69. **A. Paulinoi** Bol. — Bolivar, *Estudios Entomologicos*, n.º 6, 1912.
— *Pamphagus Paulinoi* Bol., in Sauss, 1887. — Brunner, *ob. cit.*, p. 77.
Ponte de Sôr. Vila Nova de Milfontes.

GÉN. PELECYCLUS Fieb.

70. **P. Giornae** Rossi. — *Gryllus Giornae* Rossi, 1794, *Mantiss*, II, p. 104.
 — Brunner, *ob. cit.*, p. 230.
 Gerez. Coimbra. Aviz.

GÉN. ORTHACANTHACRIS Karsch.

71. **O. Aegyptia** Linn. — *Gryllus Aegyptius* Linné, *Mus. Lud. Ulr.*, p. 138.
 — Brunner, *ob. cit.*, p. 213.

Aparece muito cedo, encontrando-se já na primavera os insectos perfeitos. P. Pantel encontrou, em setembro, nas margens do Tejo, sobre ervas altas (*Corex* e *Scirpus*) grandes bandos de jovens e adultos, o que faz suspeitar tenha este insecto uma segunda época de desenvolvimento.

Coimbra. Coruche. Aviz. Mora. Evora. Algarve.

GEN. SCHISTOCERCA Stal.

72. **S. gregaria** Forsk. Ol. — *Acrydium peregrinum*, Olivier, 1807, *Voy Emp. Othoman*, II, p. 424.
 — Brunner, *ob. cit.*, p. 215.

Invadiu Lisboa em 1908. Encontra-se frequente e constantemente.

Lisboa.

GEN. CALLIPTAMUS Serv.

73. **C. italicus** Linn. — *Gryllus italicus*, Linné, 1766, *S. N.*, I, 2, p. 701.
 — Brunner, *ob. cit.*, p. 217.

Gerez. Braga. Serra do Suajo. Serra da Estrêla. Guarda. Goes. S. Gião. Tábua. Miranda do Corvo. Coimbra. Ponte de Sôr. Mora. Aviz. Coruche. Beja.

74. — var. *marginellus* Serv. — Bolivar, *Catálogo Sinóptico*, p. 86.

Serra do Gerez. Braga. Serra da Estrêla. Miranda do Corvo. Coimbra. Ponte de Sôr. Mora. Aviz. Vila Nova de Milfontes.

GEN. ACRYDIUM Geoffr.

Divisão em espécies

- | | | |
|---|---|---|
| 1 | } | Quilha média do pronoto tectiforme, aguda na parte anterior, decotada e deprimida antes do meio (o que se percebe bem olhando o insecto de lado). esp. <i>A. depressum</i> Briss. |
| | | Quilha média do pronoto tectiforme e mais ou menos comprimida, mas não rebaixada súbitamente antes do meio 2 |
| 2 | } | Dorso do pronoto em ângulo diedro agudo por cima, avançando a sua aresta para diante 3 |
| | | Dorso do pronoto achatado com quilhas laterais apagadas em todo o seu comprimento e truncado adiante. 4 |
| 3 | } | Pronoto rugoso com a quilha média alta e fortemente comprimida. Fémures anteriores com os bordos ondeados |
| | | esp. <i>A. Nobrei</i> Bol. |
| 4 | } | Pronoto liso com a quilha média pouco elevada. Fémures anteriores com os bordos inteiros. . . esp. <i>A. bipunctatum</i> Linn. |
| | | Fémures anteriores com os bordos direito e inteiros |
| 4 | } | esp. <i>A. subulatum</i> Linn. |
| | | Fémures anteriores com os bordos ondeados |
| | | esp. <i>A. Ceperoi</i> Bol. |

75. *A. depressum* Briss.—*Tetrix depressa*, Brissout, 1848, *An. Soc. Ent. de France*, 2.^{me} serie, VI, p. 424.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 240.

Guarda.

76. *A. Nobrei* Bol., 1887, *An. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, t. xvi, p. 99, est. IV, fig. 10.

Serra do Gerez.

77. *A. bipunctatum* Linn.—*Gryllus bipunctatus*, Linné, 1761, *Fauna Suec.*, p. 235.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 235.

Serra do Gerez. Mata do Fundão. Coimbra. Beja.

78. *A. subulatum* Linn.—*Gryllus subulatus*, Linné, 1761, *Faun. Suec.*, p. 237.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 237.

Vive nos sitios secos.

Serra do Montesinho. Espinho. Bussaco. Coimbra.

79. **A. Ceperoi** Bol., 1887, *An. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, t. xvi,
p. 100.
Serra do Gerez.

GEN. PARATETTIX Bol.

80. **P. meridionalis** Ramb. — *Tetrix meridionalis* Ramb.
— Brunner, *ob. cit.*, p. 239.
Bragança. Mata do Fundão.

5.ª FAM. AQUETIDAE

Geralmente denominados *grilos*. Insectos terrestres; vivem alguns sobre plantas mas ordinariamente em galerias subterrâneas por êles abertas, ou debaixo das pedras.

Por isso são geralmente de côr escura, raras vezes amarelada, mas nunca verde. Salvo os *ralos* (*gryllotalpa*) os nossos grilos possuem um ovideponente, raras vezes comprimido e curvo, quási sempre em forma de pua. Nas larvas, os côtos dos elitros encontram-se debaixo dos azas. O seu canto resulta do atrito dum elitro contra o outro sem intervenção das patas; os tímpanos encontram-se na base das tibias anteriores.

Divisão em géneros

- | | | |
|---|---|--|
| 1 | { | Sem ovideponente. Patas anteriores robustas e em forma de pás, proprias para escavar as galerias. Corpo tomentoso; antenas setácias pluriarticuladas. Insectos grandes (35 a 50 ^{mm})
..... gén. <i>Curtilla</i> Oken. |
| 2 | { | Ovideponente. Patas anteriores ordinárias. 2
Bordos superiores das tibias do terceiro par de patas com duas espécies de espinhos: uns pequenos e numerosos; outros grandes, dispostos aos pares e espaçados. Elitros e azas esbranquiçados e ajustados ao corpo na ♀; no ♂, formando posteriormente uma superfície larga e arredondada.
..... gén. <i>Oecanthus</i> Sauss. |
| 3 | { | Bordos superiores das tibias posteriores com uma só espécie de espinhos e situados superiormente. 3
Sem elitros nem azas ou com elitros córneos e escamiformes.
Sem tímpano. Tibias posteriores lisas por cima a princípio, depois com os bordos serreados e a partir do meio, espinhosos
..... 4 |

- 3 } Elitros normais, embora possam ser muito curtos; geralmente azas mais ou menos desenvolvidas. Tímpano em ambos os lados das tíbias ou pelo menos no lado externo. Base das tíbias posteriores lisa por cima e espinhosa no resto 5
- 4 } Elitros planos quasi lanceolados e prolongados, mais largos do que o pronoto; êste, rogado por cima na base e com um rebordo posterior. Nono segmento dorsal do ♂ truncado. Placa infraanal do mesmo nem fendida nem comprimida. Tíbias intermédias com quatro esporões. Corpo avermelha ou coberto de manchas pardas gén. *Petaloptila* Pantel.
- 5 } Elitros nulos. Pronoto sem bôrdo posterior. Nono segmento dorsal do ♂, arqueado posteriormente. Placa infraanal do mesmo comprimida e fendida na ponta. gén. *Gryllomorpha* Fieb.
- 5 } Espinhos dos bordos superiores das tíbias posteriores, compridos, delgados e articulados. Elitros truncados posteriormente, não cobrindo todo o abdomen. Azas laterais e quasi reduzidas a côtos. Insectos muito pequenos (< 10,5 mm.) gén. *Nemobius* Serv.
- 6 } Espinhos não articulados nas tíbias posteriores. Elitros e azas variáveis. Insectos maiores 6
- 6 } Cabeça convexa adiante; vertex arredondado 7
- 6 } Cabeça plana ou oblíqua adiante; vertex anguloso ou com um prolongamento foliácio em vizeira. . . . gén. *Sciobia* Burm.
- 7 } Tímpanos em ambos os lados das tíbias anteriores, sendo o externo grande e oval e o interno menor e circular 8
- 7 } Sem tímpano do lado interno das tíbias. . . . gén. *Gryllodes* Sauss.
- 8 } Corpo e fémures posteriores brilhantes e glabros ou muito pouco pubescentes. Esporão súpero-interno das tíbias posteriores, às vezes mais comprido do que o intermédio, Insectos de 20 a 28^{mm}, e com a base dos fémures posteriores avermelhada por baixo gén. *Acheta* Linn.
- 8 } Corpo e fémures posteriores não brilhantes e pubescentes. Esporão súpero-interno das tíbias posteriores menor do que o intermédio ou igual. Insectos menores e de côr variável gén. *Gryllus* Linn.

GEN. CURTILLA Oken.

81. *C. gryllotalpa* Linn., 1807, *Hist. Nat. Crust. et Ins.*

— Brunner, *ob. cit.*, p. 451.

Os *ralos* alimentam-se de larvas e de insectos; procuram a présea

perfurando galerias sob os terrenos leves, como são os cultivados. Destroem então as pequenas raízes que encontram no seu caminho, sendo porisso prejudiciais à agricultura. Combatem-se êstes perigosos insectos, lançando azeite ou água de sabão nas suas galerias ou ainda, atraindo-os com pequenas fossas de estrume, onde êles se juntarão e onde se poderão destruir mais facilmente. Como com os gafanhotos, deve haver o cuidado de destruir os seus ovos.

Encontra-se por toda a parte.

Coimbra.

GEN. NEMOBIUS Serv.

82. **N. sylvestris** Fabr. — *Acheta sylvestres*, Fabricius, 1793, *Ent. Syst.*, II, p. 33.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 424.

Vive nos sítios frescos debaixo das fôlhas caídas, das pedras, etc. Braga. Mata do Fundão.

GEN. ACHETA Linn.

Divisão em espécies

{ Cabeça muito mais larga do que o pronoto, o qual alarga de trás para diante. Esporão súpero-interno das tíbias posteriores mais comprido do que o interno-médio. Azas geralmente ocultas debaixo dos elitros esp. *A. campestris* Linn.
 { Cabeça mais estreita do que o pronoto, que é estreitado de trás para diante. Esporão súpero-interno das tíbias posteriores não mais comprido do que o intermédio. Azas caudiformes esp. *A. bimaculata* de Geer.

83. **L. campestris** Linn., 1764, *Mus. Lud. Ulr.*, p. 124.

— *Gryllus campestris* L. — Brunner, *ob. cit.*, p. 428.

Coimbra. S. Fiel.

84. **L. bimaculatus** de Geer. — *Gryllus bimaculatus* de Geer, 1773, *Mém. pour serv. à l'Hist. Nat. des Ins.*, III, p. 521.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 429.

S. Fiel. Algarve.

GEN. GRYLLUS L.

Divisão em espécies

{ Cabeça acinzentada com faixas transversais castanhas. Corpo acinzentado. esp. *Gr. domesticus* Linn.

{ Cabeça anegrada com duas faixas transversais pálidas próximo das antenas e seis linhas longitudinais pálidas no occiput. Pequenos (♂, 11^{mm}; ♀, 14^{mm}). . . . esp. *Gr. burdigalensis* Latr.

85. **Gr. domesticus** Linn., 1758, *S. N.*, X, I, p. 428.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 432.

São frequentes os indivíduos com azas rudimentares.

Douro. Coimbra.

86. **Gr. burdigalensis** Latr., 1804, *Hist. Nat.*, t. XII, p. 124.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 433.

Arganil. Miranda do Corvo. Coimbra. S. Fiel.

GEN. GRYLLODES Sauss.

Divisão em espécies

{ No ♂, esporões súpero-internos das tibias posteriores desiguais, sendo o primeiro mais comprido do que o segundo; na ♀, o esporão referido é mais comprido do que o intermédio. . . .
. esp. *G. pipiens* Duf.

{ No ♂, os mesmos esporões, os quais são mais curtos do que os fémures; na ♀, esse esporão é mais curto do que o intermédio; ovideponente mais curto do que as tibias posteriores. . . .
. esp. *G. Escalerae* Bol.

87. **Gr. pipiens** Duf. — *Grillus pipiens* Dufour, 1820, *An. des Sc. phys. de Brux.*, VI, p. 315.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 437.

Serra da Estréla. Coimbra.

88. **G. Escalerae** Bol., 1894, *An. Soc. Esp. d'Hist. Nat.*, t. XXIII, p. 56.

Mata do Fundão. Gardunha.

GEN. SCIOBIA Burm.

89. **S. lusitanica** Serv., 1839, *Orth.*, p. 354.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 440.

Adulto de maio a julho, debaixo das pedras, nas colinas e terrenos estéreis.

Coimbra. Setúbal. Cardigos.

GEN. PETALOPTILA Pantel.

90. **P. aliena** Brunn. — *Gryllomorphus alienus*.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 444.

Gerez. Sobreiral. Bussaco. Mata do Fundão. Setúbal.

GEN. GRYLLOMORPHA Fieb.

91. **G. dalmatina** Oesk. — *Acheta dalmantina* Oeskay, 1833, *Nova Act. Ac. Nat. Cur.*, XVI, II.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 444.

S. Fiel.

GEN. OECANTHUS Serv.

92. **O. pelluscens** Scop. — *Gryllus pelluscens* Scopoli, 1763, *Entomol. carniol.*, p. 32.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 42.

Muito característico pela sua coloração pálida, pela forma dos elitros e pelo canto do macho. Segundo P. Pantel, encontra-se esta espécie sobre as espigas de *Elymus caputmedusae* e de *Aegylops ovata*.

Serra do Gerez. Coimbra.

BERNARDO AIRES, diretor do Museu,
e HORÁCIO MENANO, naturalista adjunto.

Francisco Rodrigues Lobo

ENSAIO BIOGRÁFICO E CRÍTICO¹

VIII

Pastoral

A novela dispõe, como se vê, de bem fraco novelo; esta pobreza de acção é inerente ao género, e uma das suas pechas constitucionais. A *Arcádia* do Sannazaro está despida de todo o interesse dramático; o Montemór tem uma feição mais novelesca, êle e os seus sucessores (M. y P.), mas todos se mostram falhos de fantasia e de urdidura. O Lobo iguala-os na inferioridade do enredo, e estou em dizer que passa abaixo dêles na incoordenação e desconexão de plano.

Todo o primeiro acto da *Primavera* é menos mal concebido: — a paixão infausta do Lereno pela deidade teatralmente aparecida no bosque, — a peregrinação da Lisea, obstinada em cativar-lhe o coração, — o desastre da acometida do cervo que a força a chamar pelo socorro do Lereno e a denunciar a sua paixão pelo pastor, despertando assim natural ressentimento no ánimo da ninfa que se recusa a receber mais o Lereno. O entrecho bem dispensava aqui, por inútil, a sobrecarga mágica do Menalcas e a fábula da fonte do Sileno.

Assim iniciada, a intriga amorosa só vem a reatar-se a meio do *Pastor Peregrino*, quando o Lereno, tornado ao Lis, nas bodas da Lisea, encontra a amada que lhe outorga o perdão e o convida a gozar dos frutos da afeição correspondida. E quando tudo parece aprestar-se para o doce epílogo do himeneu, um golpe de mágica derruba êste castelo no ar; não mais se sabe o que é feito da diva do pastor nem da sua paixão sidérea. A novela deixa sem desfecho a intriga nodal do seu protagonista. Também no *Pastor de Filida* succede o mesmo ao Siralvo.

O Lereno, desterrado do Lis, vagamundeia como um cavaleiro

¹ Continuado do vol. iv, pág. 179.

andante, não leva armas para a defesa de donzelas agravadas, mas parece ter feito voto de remir corações sangrados pelas setas de Cupido. Tudo afronta para jungir aqueles que a desventura persegue e aparta, com o denodo cavaleiresco dum Quixote manso e amavioso. Faz o recheio da pastoral esta sua odisseia de alcoviteiro professo de leaes e honestos amores. Lembra algum daquêles *judeus casamenteiros* doutras eras, agora por devoção desinteressada, sob o hábito romântico de pastor e peregrino. Quando põe a bom recado um casal, pega logo doutro sem afroixar o ánimo na empreitada cirúrgica de vedar e costurar as feridas de amor, mesmo as mais inficionadas e rebeldes. E assim vão surdindo os episódios da Lisea e Filenio, Florício e Althea, Ferino e Florela, Menandro e Montea, Oriano e Nizarda, etc.; alguns de certa peripécia, como o de Ferino e Florela, que mete atentado de morte e prisão do inocente Lereno, indiciado por aparências como cúmplice do matador. Estas intrusões sucessivas de parselhas complicam e cansam a narrativa; às vezes até o próprio autor se esquece da comparsaria, como quando deixa sem conclusão, embora expressamente a prometa, a história dos amores de Tigurino e Orizea.

Estava entendido que todo o bucolismo era de trama artificial e convencional. Davam-se como pastores as personagens, mas só tinham de pastoril os trajes e a figuração. Sob a rusticidade postiça, escondia-se ou antes descobria-se a cortesia com os refinamentos da cultura e do palacianismo. Êglogas ou novelas, tudo se reduzia pois a uma fabulação literária em que a convenção zagalesca sustentava desigualmente as aparências. A tradição erudita, desde Sannazaro, que traía o cenário e os figurantes; repuxavam-se até à fadiga as reminiscências greco-latinas, trazia-se a pastorada em romaria aos templos das divindades pagãs, creavam-se personalidades alegóricas por entre architecturas ultra-fantasistas, falseando e retorcendo o próprio tipo do género com o mais depravado gôsto. Estas deturpações de retórica erudita — expressão da mácula geral da obra da Renascença — são menos sensíveis na *Diana* e nas pastorais que mais a tomaram por padrão. Nenhum mais isento de tal vicio que o Lobo; toda a sua bucólica, lírica ou novelar, distingue-se pela ausência ou atenuação do fedor da fábula clássica. Dispensou quanto foi possível, esse condimento nauseante da cozinha literária do seu tempo. É sob tal aspecto um predecessor do romantismo, que veio a ser o demolidor, nas letras, dos «aureos numes de Ascreu» (Garrett).

As primeiras partes da novela são menos toldadas de classicismo, as mais convizinhas do naturismo rústico. Aflora aqui e além a sua ponta de paganismo, um tudo-nada apenas que não desfaz na im-

pressão do conjunto. Vai ressaltando sempre a feição zagalesca e montesinha, entremeada às vezes da piscatória, até ao episódio da navegação e naufrágio do Oriano e Lereno, que advém no *Pastor Peregrino* e continua no *Desenganado*. Oriano, Nizarda e outras figuras não pertencem já à plebe pastoril; são pessoas de alta roda, tal como as do episódio de Felix e Felismena, creado pelo Montemór. Estas aventuras marítimas com lances trágicos e acometidas de corsários, apartamentos e reconhecimentos, vão filiar-se nas novelas greco-orientais, que, desde a idade média, por via francesa se tinham derramado e popularizado na península, figurando até na literatura de cordel. Há ilhas vizinhas, e não distantes da terra firme, sendo a principal a «ilha do Frederico», pai da Nizarda, que fazem pensar vagamente nos Açores. Já o Gil Polo na *Diana enamorada* enveredara por esta via bizantina da novela marítima, descaracterizando de passagem o tipo novelar da pastoral.

Outro desvio de feitura se reconhece nas partes derradeiras, a arredarem-se da arte inicial da *Primavera*. O eruditismo ultra-fantasia mete mais a cabeça, a ponto que no *Desenganado* se nos depa-ram descrições aparatosas de templos, erriçados da farragem pseudo-pagã, e até povoados de detestáveis fantochios a representar virtudes e estados de alma — logomaquias e figurações que Jorge estadeara já com pompa luzida e que Montalvo estafara no *Pastor de Filida*. Estes relances viciosos refletem o prestígio do Sannazaro, que de vez em quando reimperava no fabrico da bucólica, contra a corrente predominante na escola peninsular. O Lope de Vega na *Arcádia* já é sanazaresco na ênfase e na ostentação erudita; o nosso Fernão Alvares na *Lusitania Transformada*, o bispo Valbuena no *Siglo d'oro* (1608), Suarez de Figueroa na *Constante Amaryllis* (1609), calcam-se às vezes de tal maneira sôbre o padrão italiano que vão até ao plagiato. Não admira que o *Desenganado*, produto já tardio e cansado, viesse mais contaminado dêste contágio a que o Lobo soubera primeiro escapar com uma acentuada imunidade pessoal que faz da *Primavera* e ainda do *Pastor Peregrino* a mais castiça novela bucólica entre todas quantas se produziram.



O MARAVILHOSO entrava como maquinação forçada da pastoral, tal como da epopeia. O poema heroico açambarcava os melhores coturnos do Olimpo; o poema pastoril, muito abaixo na craveira mítica, contentava-se com a mais vulgar mágica que o patriarca transfundira do repositório antigo para animar as scenas da sua *Arcádia*. O

nosso Montemór valeu-se da *sábia Felícia* e da sua *água encantada*, —água maravilhosa que, por feliz hipnose, trocava as paixões. Quem as bebia, virava o coração do invés. Curando ao Sireno do amor pela Diana, a poção feiticeira é, pode dizer-se, a chave da acção dramática da pastoral.

Cervantes embirrava com este ardil poético; no *D. Quixote* o cura sentençaia que à *Diana* «se le quite todo aquello que trata de la sabia Felicia y de la agua encantada». A água da Felícia fez fortuna como padrão de hidrologia novelesca; com ela se amanharam o Peres e o Gil Polo. O Lerenó faz borbulhar nada menos de duas fontes miríficas para a hidriatria erótica: a do *Desengano*¹ que desfaz prontamente as falsidades da afeição, como pedra de toque das verdades do sentimento (*Past. Pereg.*, I, Journ. 2.^a); e a dos *Doidos* que, por mercê do banho, restitue o juízo aos que enlouqueceram de amor (*Ibid.*, II, Journ. 3.^a e 4.^a).

A hidro-medicina, apesar de tão inculcada nos reclamos dos padroeiros das nascentes minerais, não atingiu ainda semelhante pres-tância. Creio que era nos banhos de Panticosa que em tempo se lia o dístico — *Esta agua todo lo cura, menos galico y locura*. Pois o Lobo sai-se um védor de linfas psiquiátricas, a que nem a loucura resistia, a erótica pelo menos.

Feiticeiros, émulos da bruxa Felícia, também não faltam. O sábio Astreo, encovado nas serras de além Tejo, tinha fama nas ribeiras da Lusitânia «pelo muito que alcançou das estrellas, do movimento e ordem dos ceus, da virtude das ervas, da natureza das pedras, da propriedade dos animais, dos segredos das aves» (*Prim.*, III, Flor. 7.^a). Emparelhava-o no Lis o sábio Menalcas, também bruxo de cova, grande adivinho por encantamento. Chega a inspirar-se o Lobo nas superstições e prejuízos populares. A tia Lisandra

¹ Na *Arcádia* do Lope de Vega há um templo do *Desengano*. António Eslava nas *Noches de invierno* traz um capítulo (2.^o) «do se cuenta como fuese descubierta la fuente del Desengaño». Persuadi-me que ali beberia o Lobo a sua invenção, tanto mais que do título da obra se aproveitou mais tarde para a *Côrte na Aldeia*. O confronto das datas tolhe tal suposição, pois que o Eslava tirou à luz as suas *Noches* em 1609 e o Lobo o seu *Pastor Peregrino* em 1608. Esta proximidade de datas também não autoriza a ideia de que o castelhano imitasse o português. Como o Eslava foi em tudo um rapsodista, é possível que se valesse de fonte novelística desconhecida onde talvez se tivesse também inspirado o Lobo. Em todo o caso o engenho mágico é diverso nos dois: no contista espanhol, as águas teem a virtude de retratar a pessoa ou a coisa mais amada de quem nelas se mira; na fonte do Lerenó, a táboa ou pedra em que se faz a consulta, vai ao fundo se leva mentira, vem à tona se fala verdade.

andava procurando hervas pelos penedos do Lis para curar o Lereno do mal de amores (*Prim.*, I, Flor. 5.^a). Um pegureiro (*Prim.*, I, Flor. 6.^a) dá-o por quebrantado de mau olhado, ou embruxado por «amadias» — os elixires de amor. E a Menalcas, curandeiro e alveitar, «não ha mal de olhado, ronha de ovelhas e doença do armentio a que não dê remédio, nem pastor tão desconfiado de seu mal a que não atine com a cura melhor que os mestres da villa» (*Prim.*, III, Flor. 7.^a). Pessoa de virtude, que dava quinau nos médicos.

O *bosque desconhecido*, habitado pela adorada com seu cortejo de ninfas e serventia de montanhesees selvagens, ora de ingresso livre, ora impedido, é uma paragem encantada, onde se desenrolam visua-lidades mágicas, reminiscência no gôsto semi-mítico do padrão dia-nesco.

A *fábula* clássica perpassa raro, aqui ou além, muito discretamente. Alguma aparição fugaz de ninfas e faunos — a metamorfose ovidiana do Sileno nas águas deslizantes duma fonte — as figuras decorativas de Pan, Ceres e outras divindades campestres, nas festas dos guardadores do Lis, eis o que se vai topando pela novela fora, à parte uma ou outra alusão gentilica, tão frequente na giria letrada de então, escassa todavia na pena do Lobo.

Grande máquina de espanto, à láia das que pejam e pesam nas novelas congêneres, é só a scenografia da *Cova do Segredo* (*Deseng.*, II, Disc. 4.^o). Aqui sim, vem o desbarato de portadas e architecturas de quimérico debuxo, guardadas por avantesmas adereçadas a capricho, encarnações teatrais e alegóricas do Respeito, Arrependimento, Cortesia, Fidelidade, Paciência, Sofrimento e outras prendas do rosário das virtudes e sentimentos. E sôbre esta moxinifada, paineis figurativos das scenas históricas e pseudo-históricas das letras greco-latinas. Maravilha da estética avariada do tempo a que o Lereno não podia refugar tributo; ninguém o deu tão avaro à moda perniciososa da erudição de que os seus colegas na bucólica e não-bucólica impavam a toda a hora.

O próprio cristianismo emparceirava com o paganismo, naquele mistifório de maravilhoso em que os *Lusíadas* destingiram. Tanto sacrifica a ranchada pastoril no templo de Diana, como reza na ermida da Virgem; a acção não tem época, ora vigora a idade de oiro, ora a católica. O nosso Fernão Alvares, sesquipedal de gentilidades grotescas, engendra um «Laberinto» em quintilhas à Nossa Senhora e pespega-o no meio da *Lusitania Transformada*. O Lobo esse refugio destas pasteladas religiosas; nada se me deparou, senão uma alusão discreta à noite de S. João sem menção do nome do santo (*Prim.*, III, Flor. ult.), e da ermida aonde vai a Nizarda em romaria

(*Deseng.*, II, Disc. 9.^o), diz-se apenas que é lugar de muita devoção para os pastores.



A SENTIMENTALIDADE, a sensibilidade do coração, absorve toda a psicologia literária da pastoral do Lis. Sannazaro, artista industrioso e erudito, não tem poder afectivo; compõe a frio, é um inestésico. Montemór toma-se da inspiração exclusiva do amor — o amor culto, treinado na técnica da galantaria e nutrido dos conceitos metafísicos do platonismo quatrocentista; o fundo passional é débil, mas exuberante a manifestação patética. O Lobo está muito mais possesso do Eros, todo impregnado do fluido amoroso — terno, melancólico e saudoso; a paixão sinceriza-se e humaniza-se, trasbordando numa efusão perene. Lembra a esteira do Bernardim Ribeiro, a voz cândida e fervorosa das queixas do coração atormentado ¹.

Não se exalta o Lereno em hiperestesia tão aguda, nem vai até à intensidade afectiva e à ingenuidade dolente da *Menina e Moça*; mas, gráu à parte, a mesma melancólica sentimentalidade, tocada de fatalismo e resignação, ensopa a pastoral da *Primavera*... o mesmo livro triste escrito por um triste. Apenas mais temperado e menos enfermiço, o bucolista é prêsa daquela idealidade sentimental da lírica portuguesa, aquela saudosa tristeza da alma poética dêste povo. Numa personagem define o Lobo lindamente êste temperamento estésico, no Florício, o pastor do Tejo, «tão afeiçoado á tristeza dum suspiro e ao apartamento dum lugar saudoso que não lhe parecia bem coisa que o não fosse nem pastor que não sentisse paixões amorosas semelhantes ás que n'alma trazia» (II, Flor. 4.^a). Esta espécie é a de quasi todos os figurantes da novela; só viviam bem, êles e elas, de suspiros e saudades. Pessoas e lugares diluem-se numa névoa cerrada de saudade — tudo ali é saudoso, passos e cantos. Um poema por excelência da saudade lusa, ressaindo na corda afectiva que vai do primitivo Bernardim ao romântico Garrett ².

¹ Não pode alegar-se prova segura de que o autor das *Saudades* influenciasse a *Primavera*; apenas dei tento daquela passagem do começo do *Pastor Peregrino* em que o Lereno no seu solilóquio acorda as respostas do éco, tal como na égl. III do Bernardim. Nem êste fraco indício se pode fazer valer, pois que, segundo me observa a sr.^a D. Car. Mich, os écos estavam ao tempo em moda na literatura peninsular, moda advinda do drama pastoral dos italianos. Introdu-los em Castela o Encina, e imita os em Portugal o Gil Vicente (*Rubena*); no seu rasto vai o Bernardim, se é que é dêle, e não interpolação alheia, o éco da égloga do Amador e Silvestre. Ao romper dos seiscentos os écos imitados do Encina e do Gil Vicente eram numerosos.

² O *saudosismo* appareceu depois de escritas estas linhas, espécie de religião

Semelhante toada, quasi sem pausa, tende à monotonia, ao enervamento, à afeminação. O queixume volve-se em lamúria, a comoção em pieguice. Hugo Rennert castiga «a excessiva e ridícula sentimentalidade» do Montemór, aliás menos vigoroso e menos singelo que o epígono. Aquela pastoradã frenética arrepela-se, chora, perde os sentidos por dá cá aquela palha; são bonifrates de corda tão sensível que ao menor puxão tanto se desconjuntam que movem riso ou aborrecimento.

Êste geito de arte no ciclo pastoril traduz uma endemia cardíaca, tão tenaz que secularmente revivesce, e a ponto tal que seria critica estreita e iníqua, em minha opinião, aquela que só acoimasse de piegas a pastoral peninsular. A obra de Rousseau qué mais dum século andado revoluciona a literatura e os espiritos, que é senão uma explosão de sensibilidade exaltada, duma violência afectiva, apenas mais esquisita, complexa, e torturada do que a tenra amaviosidade dos zagais de outrora. O agitador do sensibilismo, sentado num penedo de Vevey à beira de água, desaperta o caudal das lágrimas e entretém-se a vê-las pingar no espelho do lago; chorão incoercível, pespega o pranto em prosa e filosofia, como o pegureiro em trovas e sanfona. O Lerenó é um avatár embrionariamente acanhado do Saint-Preux, como êste o é dessa progénie de desequilibrados, sonhadores, lipemaniacos e misantropos — Werther, Obermann, Fausto, Manfredo, René, e tantos outros heróis menores dum egotismo dorido e retumbante. A moléstia do romantismo, que afflige a Europa inteira no século passado, não será a expansão do fermento patogénico do bucolismo, eivado agora de superior virulência, difusibilidade e energia mórbida? Requinta a estética, mas exacerba-se a loucura: os bucólicos eram doidos assim, mansos como os cordeiros e puros como os lírios, nas suas cabanas de colmo; os românticos saíram revoltados e tenebrosos, possessos e epilépticos, bramando e contorcendo-se como furiosos em cela de manicómio. A novela bucólica, há que reconhecê-lo, é o fusil duma cadeia que engranza na novela sentimental octocentista onde prende o élo posante e lavrado da novela romántica dos nossos dias.

Estes pastores, de continuo em affição e efusão de cuidados amorosos, parecem meros produtos de contrafeição, uma irrealdade de

artística e social da alma pátria, annunciada por uma pleiade simpática e talentosa de poetas do norte. O Lerenó terá de ser um dos deuses maiores dos seus altares. Sôbre a filologia e a estesia do preconizado vocábulo, saiu também agora o livro gentil e sugestivo de D. Car. Mich. — *A Saudade portuguesa*, 1914.

fantasia literária. Pois não há tal: erraram os que o tinham crido ou creem. Ao querer apurar de raiz essa artificialidade instintivamente e sistematicamente imposta ao romance bucólico, convencemo-nos de que o tipo novelesco da pastoral era, bem pelo contrário, a reprodução duma forma psicológica real. Uma aberração, sim, um tipo mórbido; mais um exemplo das luzes da psiquiatria em matéria de exegese literária. O Lerenó e parelhos perfilam-se com toda a inteireza de sinais entre os *erotómanos*. Já os herois dos livros de cavalaria se recrutavam entre os padecentes da *loucura erótica*, realizada com mais extrema pureza nos heroes das pastorais. O Lerenó, é um exemplar perfeito da psicopatia amorosa.

A *erotomania*¹ define-se por uma exaltação estranha do sentimento do amor, isento de toda a sensualidade. O erotómano é um sentimental, um apaixonado ao último ponto, absolutamente dominado pela obsessão amorosa, mas inteiramente desprendido do apetite carnal. O seu entusiasmo romanesco pela pessoa do outro sexo — diz Krafft-Ebing — não busca senão a satisfação estética. É um amor mórbido, todo psíquico, impulsionando irresistivelmente o sujeito para o objecto amado, e suscitando ilusões delirantes em relação com o romance patológico (P. Garnier). A imagem da aberração amorosa não vem da esfera genital, mas da imaginação — um amor todo intellectual que voga na vaguidão de eterizadas ternuras. Apagam-se os instintos inferiores, inibem-se a espinhal medula e o cérebro posterior, centros dos reflexos sexuais; o amor, sem cubiça venérea, instala-se no cérebro anterior, em plena região frontal, no dominio da ideação (Magnan).

E aqui está o ultra-platonismo que reina na *Primavera*, e a que raro derroga qualquer pastoral. Alucinam-se pela formosura da idolatrada, mas sem um único traço que inspire ou revele ideias libidinosas; não há o roçar de epidermes nem o estalar dum beijo². O

¹ Vid. os trabalhos clássicos de Esquirol, Magnan, Garnier, Krafft-Ebing; — Portemer, *les Érotomanes*, 1902.

² Desta inocência das pastorais zomba o Fr. Lucas de S. Catarina no seu *Serão Político* (2.^a Noite) ao desatar satíricamente os cordeis ridículos da moda pastoril: «Pastora e zagal começam a travar finezas de parte a parte com igual sosego que descoco (bom pai de comedias neles que lhe não deixava coalhar ocasião), coroam-se emfim de viçosas capelas e passam ali a sésta sem bafó de calma até que nos lençoes do ocidente se amortalha o dia; e uma só coisa louvo nestes poetas que é vêr a paz de alma com que estes seus zagais e pastoras andavam a toda a hora por esses vales, de mistura, com tanta simplicidade sem haver nenhuma entre elles. Ó poesias (por uma e por outra coisa) verdadeiros mapas do estado da inocência».

Lereno é um Orígenes funcionalmente castrado; não tem centros genito-espinhais que se abalem perante as pegureiras que languidamente o desafiam por ternuras e suspiros nas noitadas de peregrinação pelas montanhas desertas. O amor estua a toda a hora, mas a carne está mais morta que a dum eremita encanecido e santo.

Paranoia de forma expansiva, desentranha-se em ideias delirantes e representações verbais com uma força extraordinária de imaginação e expressividade — uma hiperpsiquia e hiperlogia *ex abundantia cordis*. Degenerado superior, o erotómano é muitas vezes um intelectual de craveira, capaz das mais altas concepções — literato, artista e poeta. Tal o Lereno *et similes*, mentalmente obsediado pela imagem amorosa e suas associações levadas até à alucinação, destro na música e na poesia — instrumentos artísticos que incessantemente concretizam no verso e na nota a sua exuberância psico-emotiva. Um moinho lirico-musical tangido pelo caudal inestancável que borbulha à flux do cérebro sangrado na veia do amor.

No erotómano o desequilíbrio psíquico traduz-se por uma hiperestesia moral, excitabilidade de sentimentos, fácil produção de emoções dolorosas: um nada o comove, chora por si ou por outrem, às vezes sem saber porquê nem por quem ¹. Seu falar é sempre terno, brando, decente. Cái em sonhos, êxtases, sempre na devoção fervorosa da sua idolatria. A si e ao ídolo, amplifica-os uma megalomania, pueril e imaginária. Eis por uma pena o Lereno e os zagais do seu estofo;

¹ Êste subjectivismo ía a ponto de crear o ídolo, à moda da Dulcineia do Quixote. A esta irreabilidade do objecto amado nos poetas do tempo já nos referimos (cap. II), dando o exemplo do Montemór. A amada pela qual frígiam as entranhas, não passava tantas vezes duma boneca de fantasia. D. Car. Mich. lembra-me a propósito um epigrama curioso de Lope de Vega:

Á un português que lloraba,
Perguntaron la ocasion;
Respondió que *el corazón*
Y que enamorado estaba.
Por mitigar su dolor
Le preguntaran de *quien*;
Respondió que de *ninguem*:
Lloro de puro amor.

Os portugueses eram tidos como mais atreitos a êste malzinho piegas, sempre em via de derretimento, iscas pegadiças de paixão. A choringuice dos bardos platonicos vinha também chasqueada pelo Castillejo:

Por donde los trovadores
Son de burlar y reir,
Que no se dan a escribir
Sino penas y dolores.

eis a chave psicológica da pastoral, que dá conta inteira das acções das suas personagens e da sua feição artística, tão singular à primeira vista.

O estigma psíquico, que facilmente transparece na expressão facial e verbal, aproxima os erotómanos, às vezes tão comunicativos das suas angústias e delírios. Assim o Lerenos topa e apega-se aos afectados do mesmo prurido amatório: e fazia-o, «ou porque seus cuidados à vista dos males alheios pesavam menos, ou porque é alívio de quem os sente, achar muitos queixosos a quem os communique»; por isso «não perdia a ocasião de conversar a um triste». Enternece-os a dôr alheia, choram com ela como se sua fôra, — uma condolência fácil e espontânea que o Lerenos explica tão poéticamente pela consonância musical das almas: o Peregrino «parou alli com o escuro e parecendo-lhe a estancia propria para chorar saudades tristes, dando licença a alguns suspiros, começava, quando ouviu outros que para aquella parte soavam, tão magoados que subitamente o coração se deu por vencido delles e, batendo lhe no peito, fez ameaçar aos olhos umas lagrimas enternecidas — que tambem os animos descontentes respondem a consonancias de sentimento como instrumentos de musica temperados no mesmo ponto» (*Past. Peregr.*, I, Jorn. 9.^a).

Bela e exacta comparação; estes sensitivos andavam em tal hiperessthesia, que na emoção afinavam logo pela dôr do próximo, como o tubo acústico que entra de vibrar, mal junto dêle se desfira a nota do seu registo.

Na melancolia mergulham a pouco e pouco os erotistas. Apossa-os a tristeza, o desánimo. Teem por fé que uma potência oculta e superior os domina e dispõe da sua sorte. Misantropos e desconfiados, buscam a solidão; toma-os uma inquietação que os leva a apartar-se dos seus e da sua terra. Aqui temos a angústia e a soledade do pegureiro romanescos, divagando de ribeira a ribeira, de monte a monte, desterrado de amor, vagabundo pela fôrça fatal da sua estrêla, sem poder arrancar a lança cravada no peito a revolver-se na ferida que não pára de doer e sangrar ¹. Uma melancolia crónica com a

¹ G. Reynier, ao destacar na novela franceza quinhentista o carácter grave e doloroso do amor romanescos, tal como na novela italo-espanhola sua influidora, considera êste pessimismo amatório de tragédias e infortúnios que atingiu a sua suprema feição no romance bucólico, como expressão obstinada duma convenção literária. Descontados os factores ético-sociaes que a favoreceram, tanta jeremiade era o mero sinal dum postico de arte, duma moda de estilo. E espanta-se de que médicos temporâneos tomassem de tal modo a sério estes queixumes e desesperos que, sem intuição irónica, compusessem livros sôbre a preservação e a cura das paixões amorosas (*loc. cit.*, pág. 244). Dois pelo menos respigou a sua bene-

fobia do povoado, que fixa por fim o Lereno, abrandado o frenesi, no ermo das selvas e das penedias.

O Roiz Lobo traz mesmo à scena doidos rematados por amor, na fase já do desconcerto e até da fúria. Roça o novelista pelos tipos nosocomiais e médico-legais dos erotómanos no período da perseguição, das violências e atentados. Junto da fonte milagrosa está esta enfermaria de «perseguidos de amor, a quem o continuo desassossego defendia o somno, espalhados por aquelles valles e outeiros; ora inquietavam aos sisudos que dormiam por aquelles logares vizinhos, ora uns com os outros moviam desordenada guerra». (*Past. Pereg.*, II, Jorn. 4.^a).

Êste endoidece por hervas e feitiços, e a propinadora com êle. Outro perde o juízo de repente por ter estado, sem a reconhecer, com aquela que ama em segredo. Há um, de cabêlo crescido e capela de cipreste na cabeça, endoidecido pela morte da esposa, que «tomou por teima andar buscando pessoas que fossem desta vida para que à outra lhe levem cartas à sua dama». Um doido vagabundo atira o Lereno a um silvado, e os doidos do lago quiseram dar-lhe um mergulho depois de o atarem de pés e mãos. Mas afinal estas loucuras são todas de artifício, de pôr e tirar, como as de tantos romances posteriores; uns golos da fonte do desengano, uma molhadela no charco, põem-nos sãos e escoreitos num ápice.

A trilogia da *Primavera* resolve-se assim numa monografia do... *mal de amores*. O mal de amores de feição tão endémica desta saudosa terra, o mal de amores de que o bom português vive e morre, tão diabólico que nem ao morto dá cova benzida. Lá o dizem os versos do romanceiro:

Quem morre de mal d'amores,
não se enterra em sagrado ¹.

dictina crudição — um, Jean Aubery, autor de *L'Antidote d'amour, contenant les remèdes les plus singuliers pour se préserver et guérir des passions amoureuses* (1599) — outro, Jacques Ferrand, que tratou *De la melancolie erotique, discours curieux qui enseigne à cognoistre l'essence, les causes, les signes et les remèdes de ce mal fantastique* (1623). Ora aqui está gente de ofício que não duvidou vêr na chusma dos ralados do coração que pululavam no seu tempo, uma verdadeira enfermaria a que com sciência caridosa concediam os benefícios da profilaxia e da terapêutica. Aproveitarei o feito como corroboração da tese sustentada no texto — a de que esta tineta do amorio torturado, exalçado pela literatura, constitue um estado real de psicopatia, uma vesânia grassando epidemicamente — psicodemia que contagiou a Europa ilustrada, ultra-secularmente, através duma bateria de livros infestados de erotomania. Há que vêr no mal bucólico, como mais tarde no mal romântico, uma maleita espiritual colectiva relacionada com a psicologia mórbida.

¹ Fecho predilecto dos romances populares que tantas vezes me acariciou os

Esta erotomania singulariza-se na bucólica pelo afeiçoamento aos trajés e hábitos pastoris. Os erotómanos dos livros de cavalaria enfiavam cimeiras e coiraças, os das pastorais o çurrão; aquêles floream o montante, ameaçadores e agressivos, estes, todos mansidão, zangarreavam no rabel. A psicose transitara da fúria bélica à doçura imbele. E é notável que entre os corifeus do género se contem nada menos de três guerreiros — o Sannazaro, o Garcilasso e o Jorge de Montemór.

Ao tilintar das espadas a malhar nas armaduras succede por toda a Europa, ao levantar da Renascença, o toque das gaitas e dos pandeiros, o balido das ovelhas, o murmúrio dos regatos, a cantiga dos zagais; operara-se nas literaturas, na poesia e nas artes, a que pode chamar-se a grande invasão dos pastores (Cherbuliez). Cavaleiros e pegureiros professam a mesma paixão do amor, a mesma nobreza de coração, mas as lançadas e aventuras, a fôrça bruta e destreza do braço, cedem o passo às graças cultas do espírito, às harmonias ternas da arte e do sentimento. Em vez de brandir a durindana, a renascença tráz na dextra o admirado e querido livro vergiliano.

Esta substituição da milícia espaventosa pela zagalada humilde deu de si na península como que uma pandemia. «La smania della poesia pastorale, diz Scherillo, in Ispagna divenne così patologica, da parer che tutta la penisola fosse mutata in un' Arcadia». O *D. Quixote* resvala da mania cavaleiresca na zagalesca, e o Cervantes que caricaturava a andança dos cavaleiros, assenta de soslaio a mão na figuração dos pegureiros. Quixote combina com o Sancho a execução dêste «pensamiento tan nuevo como discreto»; êle será o pastor Quixotiz, e o escudeiro o pastor Pancino que por sua vez crisma a mulher em Teresona. Onde a sátira cervantina mais farpeia a bucólica, é nos *Coloquios de los perros* — uma daquelas sempre admiraveis *Novelas ejemplares*. O cão Berganza desconfia daquêles livros, delicia dos seus patrões, onde tudo são pastores e pastoras, gaitas e sanfonas; ao vêr-se entre os verdadeiros guardadores, o honrado podengo nota que, ao invés de todas as Arcádias de escrita, a zagalada canta mal e rouco, e passa o melhor do dia a remendar-se e a catar as pulgas.

A zombaria do genial escritor deu talho de morte, através do peitoral de aço, no façanhudo cavaleiro andante; a çamarra do imbele vaqueiro arcadico essa rebateu-lhe o golpe. Não mais se escreveram cavalarias, mas pulularam as pastorais, a que o próprio Cervantes trouxera o achego da sua *Galatea*. Bucolizou-se de grande e até

ouvidos em creança e nunca mais saudosamente me esqueceu. Impressionou também a alma poética de D. Car. Mich. que lhe dedicou um artigo no *Zeitschrift* xvi.

tarde. Quem diria que, ainda em 1822, a rapaziada parnasiana de Coimbra, com o mestre Castilho à frente, vinha acordar na Lapa dos Esteios os ecos do arrabil do Lerenó, celebrando as festas da primavera, entoando cánticos diante dum menino cingido de flores! ; Seria o eco derradeiro das vozes do classicismo agonizante? Isso sim; a bucólica, apagado o nome e o feitio, ressurgiu nas literaturas modernas, como tema sempiterno de estética, ela, a transsubstanciação idealizada ou artística do que há de mais real e primitivo — a vida simples no seio maternal da natureza.

Joga-se na novela toda o teclado do amor, sob os dedos expertos dum mestre da psicologia galante; requebros, finezas, requestos, devaneios, graças, porfias, ciúmes, intrigas, — a técnica inteira da amatória. Travam-se diálogos menos mal talhados onde o amor florescia, confiado ou tímido, triunfante ou derrotado, contente ou lamuriendo; um catecismo de galantaria em acção.

Veem a terreiro a dialectica e a casuística erotológica com teses postas e soluções debatidas, páginas selectas dum curso escolástico da metafísica do amor. Esta metafísica resume-se em representar o amor como única finalidade digna da vida, como princípio das acções nobres e das virtudes estremadas. Jorrava em glossa indefinida do platonismo pontificado pelos italianos¹ — dos *Dialogos de Amor* do nosso Leão Hebreu, dos *Assolanos* do Bembo, do *Cortegiano* do Castiglione — glorificadores filosofantes do honesto e puro amor, sublimado das fezes grosseiras do apetite e do prazer.

Através de tamanha florescência afectiva e verbal, através de tantas transcendências e artificios, no fundo a psicologia da paixão não passa de elementar; salva a amplificação paranoica, o quadro sentimental é singelo, e até assáz uniforme. Nesta turba da Citéra pastoril não há em geral contraste de caracteres; a reacção ao amor pauta-se em regra pelas mesmas linhas. Amam-se, buscam-se, suspiram, choram, desalentam-se, reencontram-se, até ao dia feliz ou infeliz da união himenaica ou do abandono definitivo. Não faltam, porém, por contraste, molas diversas destes maquinismos de coração. O drama chão e lamuriendo volve-se em tragédia. Uma rouba o

¹ Dêsse platonismo quintessenciado se utilizavam as damas para reinar no mundo letrado do século XVI, tal como se tinham servido já da cavalaria para dominarem na feudalidade medieval (St. Marc de Girardin, ap. Reynier). Daí este amorismo ao divino, que a pastoral tematiza profusamente à laia dos exercícios teológicos e das meditações devotas, uma espécie de fanatismo erótico e galante, a que as pompas da arte serviam de liturgia perpétua.

noivo à irmã que se vale de venenos e feitiços. O Hircanio, vítima duma megera que o atraiçoa e tenta matar, trata de se vingar em todas quantas se lhe deparam, — uma espécie de Shariar das *Mil e uma noites* que faz expiar às outras as maldades da escolhida. Aquele infeliz Filénio recova as cartas da amada a um rival mais afortunado, — exemplo crónico da abjecção imposta pelo amor, a que se não subtraiu o pobre D'Alembert quando servia de emissário à correspondência de M.^{elle} D'Espinasse.

As damas, apesar do feitio dengoso e efeminado do Lobo e do incenso perene à sua discrição e mais partes, não ressaem em verdade lisongeiramente da novela. Algumas não se mantem firmes na inclinação: a proverbial inconstância do sexo. Não é mal apreendido aquele reviramento da Montea que, conduzida pelo Lerenio à busca do seu Menandro por montes e vales, às duas por três se finge cansada, como que a desistir da caça do amante, para seduzir o intemerato mentor. A pastorinha tinha despido os trajés naturais e transformara-se num zagal de surrão e cajado, levando consigo pela esbelteza os olhos das namoradas dos guardadores. Esta travestimenta reinventou-a o Lobo da *Diana* onde a Felismena, disfarçada em pagem, serve o desleal amante, levando-lhe as missivas à adorada que se deixa apaixonar pelo falso moço. Montemór tinha bebido a ideia no contista italiano Bandello e a seu turno a sugeriu nada menos que ao grande Shakespeare que sôbre ela, diz-se, architectou o drama *The two gentlemen of Verona* (Rennert, Men. y Pel.).

Apanha e caracteriza o novelista a traço feliz as singularidades e caprichos tão costumeiros do amor. Serve como exemplo frisante o conto, destinado à paráfrase do ditado — *quem a feia ama* — e produzido pelo Lerenio às damas e galãs da cidade que pretendiam embaçar o rústico com perguntas capciosas: O filho dum cabreiro rico apaixonou-se por uma humilde serrana que, além de nada dever à fermosura, era ainda por cima cega dum olho. O pai para pôr ponto no desatino mandou-o para além-mar, donde voltou curado da paixão; ao encontrar um dia a serrana, perguntou-lhe sentidamente: «onde e como perdera a vista que lhe achava menos? ela com um suspiro lhe tornou — não perdi este olho que há muitos anos que me falta, mas tu achaste outros diferentes dos que com me vias» (*Past. Pereg.*, I, Journ. 2.^a).

Um belo apólogo sôbre a cegueira de Cupido.

A *música* e a poesia assentavam aqui como linguagem de almas afinadas pelo almiré da paixão; metade da novela se resolve em rimas cantadas. Trocam amiude os pastores a prosa chã pelas har-

monias sentimentais do verso; poetizam a história dos seus amores, e á meia-volta desafiam-se a cantar por entretenimento de espírito e alívio de cuidados.

A cantoria faz-se com acompanhamento musical, ao som do arrabil, rabil ou rabel, sanfona, frauta, cornamusa, adufe, pandeiro, tamboril, lira, salteiro, viola de arco, rabeca, cítara, etc. Prima a clássica *samponha* ou *sanfonha*¹, o instrumento por excelência da música idílica. Tão típico que o Sá de Miranda ao referir-se aos seus primórdios bucólicos, dizia que as suas samponhas foram as primeiras que por aqui cantaram bem ou mal (ap. D. Car. Mich., *Mir.*, n.º 145). Era o emblema da musa pastoril desde o Sannazaro que remata a *Arcádia* por uma pomposa invocação *A la Sampogna*: «Ecco che qui si compieno le tue fatiche, o rustica et boscareccia sampogna, degna per la tua bassezza di non da piú colto ma da piú fortunato

¹ *Sampogna* em italiano, *Zampoña* em castelhano, é o nome da flauta pastoril. *Sanfona* em português é propriamente um instrumento de cordas, tangidas por teclas e manivela, a *vielle* dos franceses; peça hoje de museu de arte musical, ainda a vi e ouvi em creança nas mãos dum cego que ao som dela cantava pelas ruas do Porto. Diz D. Car. Mich. (*Novos est. sobre Sá de Mir.*, 1912, n.º 6) que os nossos bucólicos vertiam o vocábulo ítalo-espanhol da flauta pastoril por *sanfonha*, e cita em especial Roiz Lobo. É essa a versão mais frequente, mas a de *samponha* lá se encontra de mistura nas edições originais; assim por ex. logo na canção da *Primavera*:

Já sem nuvens medonhas
Se mostra o ceu vestido de outras côres,
Já se ouvem as samponhas
E frutas dos pastores...

Havia também a *samfonina*:

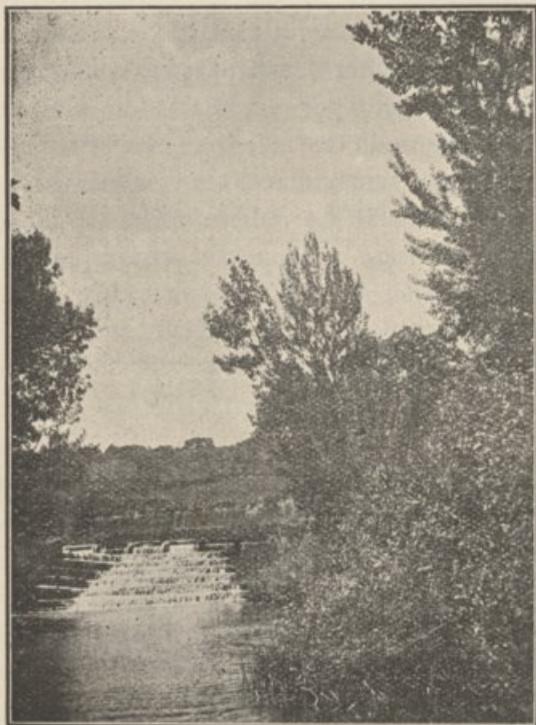
Já nas largas campinas
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das samfoninas
Cantam os ovelheiros...

... as frutas, sanfoninas e arrabís do nosso logar... (*Prim.*, III, Flor. 6.*).

Não vi que sanfonina tivesse o significado que lhe dá D. Car. Mich. (*loc. cit.*), de tangedor da sanfona — bem entendido, no texto do Lobo.

Entrei de desconfiar que para o Lerenos *samponha* não possuía já o sentido clássico de flauta, tantas são as vezes em que põe o mesmo sujeito a cantar e a acompanhar-se do toque da samponha; ora cantor e tangedor são prendas que não podem exercer-se simultaneamente quando se trate de instrumentos de sopro; ou ha de fazer zoar a glote, ou assobiar na gaita. Verdade seja que há também uma ou duas passagens onde também com a flauta se passa a mesma scena de canto e acompanhamento. A naturalidade não era o forte nesta prisca novela de cantilenas.

pastore ch'io non sono esser sonata...»¹. Agradou êste epílogo ao Lope de Vega, que faz exclaimar ao Belardo: «Suspended el triste canto, rustica zampona mia...».



LÍS — QUEDA DE ÁGUA EM CÓRTEZ

penedo, que é paga bem desigual do amor comque vos possui...».

Também no final da *Primavera* o Lerenio, ao espedaçar a zanguizarra numa pedra, plega a tirada do estilo²: «Humilde samfonha, que entre os pastores ereis tam celebrada, ouvida das lindas serranas, e às vezes invejada dos vaqueiros, aqui vos sacrificio a memoria dos meus desenganos, que pois um grande desgosto vos tirou a graça e a mim o descanso, não vos serve companhia tam triste, nem tam suave instrumento convem a pastor tam desesperado;... para que algum rustico pegureiro não vos ofenda, acabai sobre este

O NATURISMO releva tão notavelmente na narrativa que, como superior carácter diferencial, individúa a *Primavera*. Sannazaro, bucolista à antiga, entreabre no decurso da *Arcádia* a paisagem da

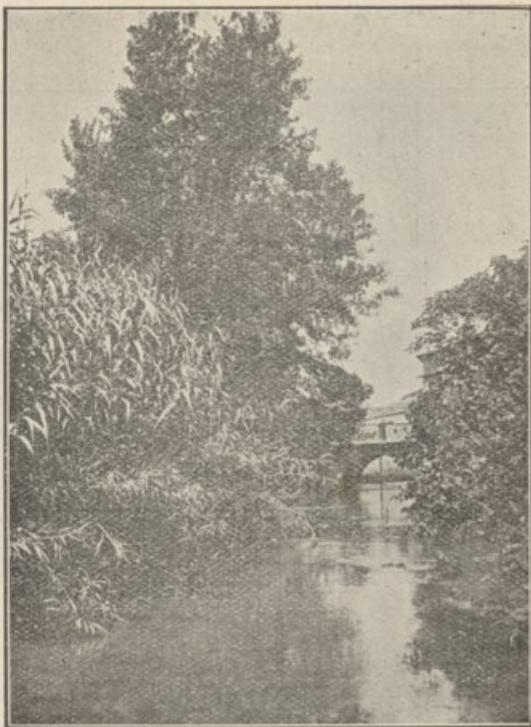
¹ O Valbuena, arcádico até à medula, arruma também no cabo a mesma fala à sanfonha — *Dulce zampona*, diz o Silvagio...

² Êste epílogo do sanfonicídio fecha ainda uma imitação da *Primavera*, os *Campos Elisios* de Nunes Freire (1626):

Samponha humilde que com rouco acento
A meus rusticos versos entoaste,
Aqui nas aguas puras que cantaste,
Sepulta com teu som meu pensamento...

E ferra com ela no Douro que a arrasta «descolada no fundo das areias».

Hélade e do Lácio. A pastoral peninsular quasi suprime esse elemento descritivo, inferior neste ponto ao archetipo italiano. Sinais de bucólica quasi se resumem no çurrão, no cajado; são pastores pela indumentária e pelo rabo-leva do armentio. A scena passa-se é certo nesta ou naquela ribeira —mera hipótese todavia, porque a natureza nem se sente nem se divisa. As ribeiras do Esla, o rio de Leão, figuram como palco da *Diana* apenas no argumento; e mais ou menos *sic de ceteris*. Gil Polo professa um entusiasmo filial pela sua costa valenciana, mas panegiriza a região sem retrata-la descriptivamente. No *Pastor de Filida*, «a menos bucólica das pastoraes», há um ou outro relance que parece olhado do natural (M. y P.).



LIS—CÔRTEZ

O Lereno escapa a semelhante vicio orgânico; é, e por muito, o mais bucólico de todos os bucolistas. Esta feição realista vem, antes de mais, de não precisar contrafazer-se para se dar ares de aldeão. Os outros são rústicos postiços; elle é-o *de verdade*. Vive no campo e gosta do viver campestre. Pela bôca dum velho, «homem singelo e tão de vidro que se lhe via pelo rosto o coração», profere Lobo a apologia sincera e sentida da condição rural:

«Há mais de sessenta annos que naci detrás daquelle penedo que daqui aparece no alto da serra; e de então até agora, nem vi mais terra do que a que delle se descobre, nem desejei outra de quantas ouvi gabar a meus naturaes. Nunca tive de meu outro bem maior que não desejar os alheios, nem outro mal que me desse mais cuidado que as occasioens que o tempo me ofereceu de poder possuir o que os homens estimam e sentem tanto perder, como são enganos. Sou tam pobre do que a Fortuna reparte, que cada hora que quizer tomar conta de tantos annos, lhe não ficarei devendo nem um desejo... Tenho uma cabana em que vivo, feita por minha propria mão das arvores destas brenhas, não acharás dentro coisa que deva

direitos á vaidade... Daqui me alevanto contente, e aqui me recolho descansado, porque nem acordo com os pensamentos na ventura, nem adormeço com elles repartidos em bens que enganam, e em males que os homens escolhem de seu agrado: de noite qualquer estrella que vejo, é a minha, porque todas favorecem o meu estado; de dia sempre o Sol me aparece de uma côr, porque o vejo com os olhos livres... Assim são os meus manjares, como é a minha vida; nem ella me pede os que lhe façam dano, nem eu os tenho. O meu vestido é sempre desta côr,



LIS — MOTA, JUNTO DE LEIRIA

porque em qualquer coisa (ainda de menos contia) é a mudança perigosa... Ao avarento não lhe peço nada, nem lhe aconselho que dê a outrem, nem lhe louvo o não dar a ninguem; e assim nem lhe minto, nem o molesto. Ao soberbo nem me faço grande por não ficar com eles em contenda, nem aos outros pequenos, porque com eles se não alevante mais. Ao ingrato, ou o não sirvo, porque me não magoa, ou quando o sirvo, lembro-me que a sua má natureza não pode tirar o preço á obra que de si é boa. Ao falador, calo-me; ao calado, descubro-me com tento; ao doudo, não lhe atalho a furia; ao necio, não trabalho por lhe dar razão; ao pobre, não lhe devo; ao rico, não lhe peço; ao vão, nem o gabo, nem o repreendo; ao lisongeiro, não no creio; e deste modo com todos estou bem, e nenhum me faz mal. Não digo verdades que amarguem, nem tenho amizades que me profanem: não adquiero fazendas que outros me invejem; porque neste tempo das melhores tres coisas d'elle nascem as mais damnosas que ha no mundo: da verdade, odio; da conversação, desprezo; da prosperidade, inveja». (*Past. Pereg.*, I, Jorn. 2.^o).

Nunca o *fortunatos nimium* vergiliano teve mais eloquente profissão de fé, gravada a traço firme em prosa incisiva — uma água-forte de sabedoria moral, ao mesmo tempo egoista, estoica e epicurista ¹.

¹ M. E. M. (*loc. cit.*), tomando justamente esta passagem como expressão das suas «own opinions and feelings, and his mode of life», tradu-lo integralmente e

Quem se compraz e se conforma em tal meio, ama o quadro natural em que se desenrola esse viver plácido e são. Tem olhos para a natureza que o envolve, e sentimento para as suas belezas. A pena, tomada da impulsão estética, vai pincelando os trechos pitorescos do rio e da fonte, do arvoredo e dos prados, dos vales e das serranias, em aguarelas tiradas com toda a frescura e impressividade.



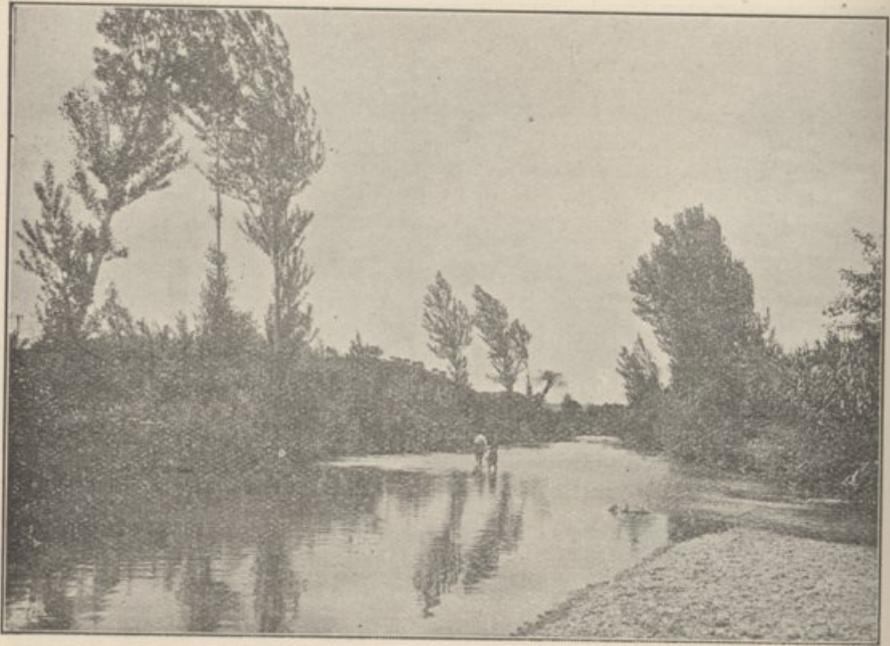
LIS — ENTRE AS ALAMEDAS, EM LEIRIA

Descritivo e pintural tanto na prosa como no verso, Rodrigues Lobo introduz na novela êste elemento de arte; era como que uma novidade literária ¹. A acção idílica não desliza num país de convenção nem na Arcádia de moldes feitos, espécie de pano de fundo, fixo e deslavado, de toda a pastoral; não, o Lereno pisa o torrão pátrio, as ribeiras do Lis e do Mondego, que lhe descerraram as pálpebras na visão risonha dos panoramas e lhe candearam a retina de poesia.

comenta: «This is intended for the speech of a single-minded and upright rural philosopher, and doubtless many of the maxims are excellent; but it seems to us a little too *poco-curante* and self-engrossed. The portrait is that of a harmless and amiable, but not very useful, member of the human family».

¹ Não escapou a Bouterwek a frequência das descrições do cenário da *Primavera* que julga sem dúvida «sketched from nature». Aviva também esse traço D. Car. Mich. que, através da monotonia e falta de acção das três pastorais, nota a fatura de amáveis pinturas da natureza—«lieblicher Naturschilderungen» (*Grundriss* de Gröber, II, 1897).

Um naturalista e um regionalista dêste ameníssimo centro português, das duas bacias fluviais contíguas que, descidas da Estrêla e das colinas estremenhas, se veem achanar nas gândaras do litoral, desafiando a rêde das suas veias por entre o xadrez das campinas e o macisso dos arvoredos. A cada passo debuxa e cora uma nesga dêste rincão encantado; e, o que é mais, estiliza vaporosamente



LIS — ARRABALDE

paineis com a mesma velatura saudosa que embebe a alma melancólica dos seus pegureiros. A paisagem vem retratada do natural, mas com o retoque sentido e anímico.

Vale a pena, pareceu-me, colar aqui alguns recortes, dos muitos unhadados à leitura, dessa prosa descritiva.

Paga-se tanto dos rios Lis, Mondego e Tejo que nesta trilogia fluvial assenta a partição da *Primavera*. Do Lis, que entretém em torno «uma perpétua primavera», há uma porção de pequenas telas:

«Era o lugar mui aprazível e deleitoso, porque depois de estar entre muitas arvores de boa sombra, que tinham semeada a relva de flores, que por entre ramos andava sacodindo o brando vento, entravam com muito ruido as aguas da fonte em um remanso do claro Lis, que debaixo dos altos freixos, que o cobriam, estava tremendo: e dalli com saudoso movimento se iam despedindo as aguas daquella rocha, com cujo som faziam os muzicos accents mais saudade. .» (*Prim.*, I, Flor. 11.º).

«Da parte, por onde vem decendo o rio Lis, antes de chegar aos espaçosos

vales, que com sua corrente vai regando, toma um estreito caminho entre altos arvoredos, onde com profundo silencio se detém até chegar á queda de uma alta penedia; e ali repartidas as aguas, medrosas vão fugindo por entre as raizes de amargosas novigueiras, outras oferecendo-se aos penedos, com saudoso som estão nelles quebrando, e depois ficão derramadas em dois ribeiros: o maior, depois de muitas voltas, se vai a encontrar primeiro com as aguas, de que se apartou entre altos ciprestes e loureiros, o outro ao voltar de um vale se vai encostando a uma



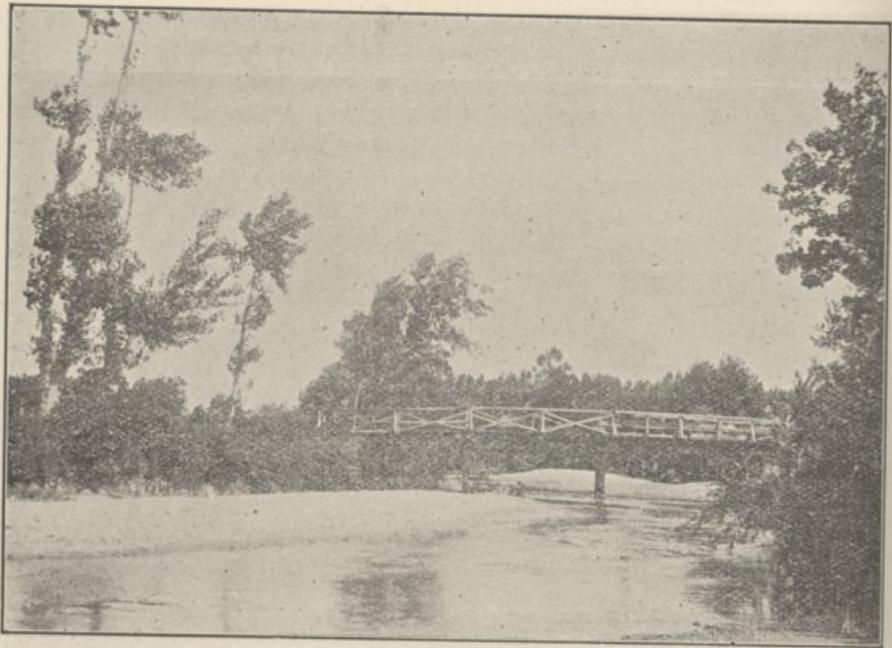
LIS E LENA — CONFLUÊNCIA

alta rocha por baixo de espessas avelleiras: e esperando as aguas umas pelas outras, descobrem a boca de uma lapa encuberta entre uns ramos...». (*Prim.*, I, Flor. 12.^a).

Agora as doces margens do Mondego e os remansos das suas águas, sombreados de salgueirais — encanto e inspiração de todos quantos parnasearam por Coimbra desde os quinhentistas aos românticos:

«Por entre uns altos amieiros, que então com mais escura sombra se retratavam no Mondego, caminhava Lereno ao longo delle, pouco espaço de uma aldeia, onde o dia dantes se lhe acabara: e porque era tam sujeito ás lembranças e tristeza de seus cuidados, que não perdia tempo e lugar que lhe renovasse nelas o sentimento, assentou-se ao pé de hum antigo tronco, junto da riba, aonde os passaros, que madrugaram mais por esperar o Sol, com sua melodia acordavam pensamentos de saudade, e aonde a vista das aguas que passavam, a fermosura do ceu que a manhã variava de mil côres, e o movimento dos ramos que o cobriam, estavam representando ao sentido um saudoso queixume». (*Prim.*, II, Flor. 2.^a).

«... fizeram (caminho) por entre graciosos pomares e verdes laranjeiras, aonde entre as novas folhas alevantava seus tenros frutos a natureza, semeando o chão das varias flores, que dos mais altos ramos se despediram, fazendo com isto mais fermoso o deleitoso tempo da primavera: e porque a verdura daquellas arvores, o cheiro das flores, o murmuro das fontes de cristal que em cada ribeira brotavam de entre aservas e alvas pedras, a harmonia dos passarinhos que dos ramos se penduravam, iam detendo os olhos a cada passo, foram perto dalli passar a força

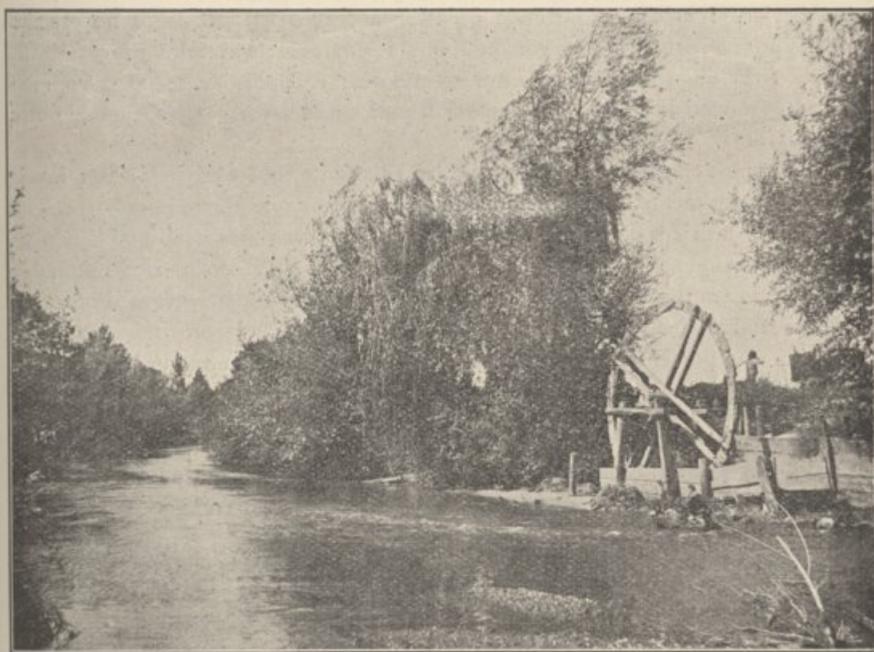


LÍS E LENA — CONFLUÊNCIA

da calma ao pé de uma pequena ermida, levantada sobre dous penedos, em cuja roda para a parte do tempo nace tres fontes de agua fermosissima, e ajuntando-se em um gracioso ribeiro, vão pelo pé de muitos freixos e salgueiros em companhia até entrar no rio em um quieto remanso, aonde parece que as esperam. Assentaram-se os dous pastores á vista da primeira fonte, que deca da raiz de uma figueira brava, que faz cahir as aguas em espelho, cobrindo no alto por onde passa, uma concavidade do penedo, cheia de verde avenca e douradilha, que com aquellas vidraças do liquido cristal fazem sua verdura tam fermosa, que nunca ricas esmeraldas e preciosos diamantes tiveram para os olhos tanto preço, acrescentando a este lugar a graça, com que as aguas, cahindo do alto, se espraivam em um largo seio de branca areia, aonde as aldeãs dos montes vizinhos costumam lavar as talhas e encrespar os toucados. E não passou muito, que viram quatro serranas, que vinham para a fonte com as beatilhas dobradas sobre os cabellos, como naquelles montes é costume, e nellas os cantarinhos pedrados ..». (*Prim.*, II, Flor. 1.^a).

«Um dia que com a sobeja quentura do Sol não podiam os gados esperar o campo, e apartando-se ambos de entre os outros, foram a passar a sésta de outra parte do rio naquelle lugar, aonde Lereno vira as Ninfas, que os pescadores saltaram, e alli no mais secreto do arvoredo, sentado sobre um barranco que as

aguas do inverno alli cortaram, em o qual havia muitas pedras toscas cobertas de verde musgo, e de entre ellas pelo meio de agudas espadanas sahiam muitos lirios roxos e amarellos, que estavam mais viçosos com a vizinhança de um ribeiro, que por entre as pedras vinha descendo á sombra de altas ceregeiras e castanheiros, que os passaros escolhiam naquella hora para se defender do ardor do sol e cantavam de seus floridos ramos, como no romper da alva á madrugada». (*Prim. II, Flor. 6.**).



LÍS E LENA — CONFLUÊNCIA

Na sua viva hidrolatria escuta arroubado a cadência murmurante dos regatos e das fontes. O Montemór aborrece com a estafada *fonte de los alisos*; o Lobo esse vai combinando com sumo gôsto os locais, as nascentes e as correntes, debruadas de verduras e floreiras, poleiros de passarada em descantes.

«... a fonte nacia em uma coroa de arêa branca, rodeada de muitos jasmíns e madresilvas, que enredados em humas asteas novas de aveleira faziam uma graciosa latada, misturando-se-lhe do mato algumas flores encarnadas e amarellas que a faziam mais fermosa. As flores que dos jasmíns cahiam, semeavam como de brancas estrellas a agua clara, que respirando naquella hora um alento suave que movia o cheiro das flores, fazia uma transparente nuvem, que encarecia mais a vista daquelle lugar: vinha esta agua parar a um penedo que as distilava no baixo do valle, e as aguas desfeitas em gotas se espalhavam sobre umas folhas grandes de cor maritima, que naciã no meio do ribeiro, em as quaes tocando se enovelavam como azougue, convertendo-se em perolas cristalinas, que com a côr e sombra

das mesmas folhas faziam no meio uma menina tam fermosa como o bello girasol, quando engastado em negro esmalte divide as côres que o arco celeste nos descobre no tempo do temperado inverno». (*Past. Peregr.*, II, Jorn. 3.^a).

«... foi com as ovelhas decendo um outeiro sobre o valle onde pastava; e desviado um pouco dos rafeiros, foi ter a uma fonte, que ficava entre duas subidas, que naquelle baixo se cruzavam, e estava ella tam escondida entre uns penedos cobertos de lingua cervina, que escaçamente se conhecia pela queda das lagrimas que cahiam do alto estiladas pela verde avenca, que sem se molhar as despedia sobre o claro remanso. Chegando o pastor á vista della, se deteve no estreito caminho por não estorvar a um rouxinol, que de um ramo de aveleira com saudosos assovios fazia um sonoro ecco entre os montes; e depois de redobrar com mil queixumes a cantiga, de um vôo se passou para umas arvores altas, que da outra parte ficavam». (*Prim.*, I, Flor. 10.^a).

«... vamos cantando aos loureiros daquella fonte, que está para fazer inveja a qualquer sentimento com a melodia dos passarinhos que a esta hora suspendem os ares com muzicos acentos, e parece que a natureza lhes está modulando as vozes, concertando a baixa do saudoso melro com o tiple do muzico roixinol, e sobrelevando em miudos acentos o pintasilgo, servindo de instrumento sonoro o continuo zunido das abelhas que andam tirando o mel das tenras flores, e o som das aguas que por entre alvos seixos e ruiva arêa vão murmurando». (*Prim.*, II, Flor. 10.^a).

A cada passo fragmentos da decoração agreste das penedias e algares esmaltados de macissos viridentes, dos parques bravios semeados de corolas, e das pasturas por onde retoíça o fato das cabras.

Botânico sentimental e ornamental, dá representação individualizada às plantas; registro a menção de mais de cincoenta espécies da flora indigena. De essências florestais, as árvores de fundo bucólico: o salgueiro, a faia, o amieiro, o alamo¹, o olmo, o choupo, o sobreiro, o cipreste, o freixo, a enzinha², o carvalho, o azambujeiro, o pinheiro. De árvores de fruto: a predilecta aveleira, o castanheiro, a pereira, a cerejeira, a laranjeira, a parreira, a figueira. De arbustos: o sagrado loureiro, a novigueira (?), a giesta, a arneda (?), a hera, a murta, a arruda, o tojo, a silva, a cana³. De hervas do prado: a

¹ O *alemo* ou alamo é o choupo branco ou faia branca, *Populus alba* L. (Brotero, *Flora*; Conde de Ficalho, *Flora dos Lusíadas*). «Alemos são de Alcides» diz Camões na Ilha dos Amores.

² É a azinheira ou azinho (*Quercus Ilex* L.): cf. espanhol *encina*.

³ Destas não pude identificar a novigueira e a arneda. Cuidei à primeira vista que *novigueira* seria alguma forma arcaica ou regional de noqueira, *nô-i-gueira* — ideia imediatamente arredada. Como a visse desconhecida das floras e dos botânicos, aguçou-se-me a curiosidade e submeti o problema à penetração filológica da sr.^a D. Car. Mich. O apêlo não foi em vão, pois que s. e. engenhou *ad hoc* uma etimologia que tem visos de plausibilidade — etimologia comunicada logo efusivamente em carta que é um mimo de talento e graça. Novigueira seria corru-

cidreira, a borrhagem, o rosmaninho, a macela, o orégão¹, o feto, a avenca, a douradinha², a língua-cervina³, o orjvão⁴, o musgo, o mangericão, a espadana, a valeriana, a tageda⁵. De flores, uma gama odorífera e cromática: a viola, a rosa, o malvaisco, a madre-silva, a alcachofra, o malmequer, a bonina, a artemisia, o jacinto, o lírio, o junquillo, a açucena, o cravo, a cravelina⁶, o nenufar, etc.⁷.

Do rodar das estações tira efeitos scenográficos — as magnificentes entradas de primavera e verão, a invasão severa do inverno, mudando o manto da terra, o trato da pastura e a faina da lavoira. Veja-se êste introito da inverneira, e o seu fecho:

ptela vulgar (o por e como em *borme!ho*, *somaxa*, de *nevigueira*, forma normal de *nivicaria*, derivado de *neve* < *nive* (cf. o francês *neiger* de *nivicare*). O nome assentaria no *novelero* — *Viburnus opulus* L. — que infloresce em novelos de pétalas nevadas. Daí o nome alemão de *Schneeball*. Ao buscar a espécie no Wilkomm, vejo que os espanhoes lhe chamam, como os germanos, *bola de neve*, e no Brotero que na Lusitania também se lhe dá o nome de *sabugueiro d'agua* — o que me parece ajustar-se bem à *novigueira* do bucólico por entre cujas «raises amargosas» deslisava o veio do Lis. Busquei tirar a limpo se pelos campos de Leiria se nomeia a *novigueira* e se o *novelero* neles esparze a sua cama de neve. Diz-me o dr. Costa Guerra que não encontrou vestígios do termo na gente velha do campo; quanto ao *novelero*, apenas se cultiva nos jardins.

¹ Ouregão é o *Origanum*; deve ser o orégão ordinário, *O. vulgare* L. A mangerona é o *O. Majorana* L. (Brot.).

² A douradinha é um feto, o *Asplenium Ceterach* L. (Brot., Wilkomm, *Fl. Hisp.*).

³ Outro feto, o *Asplenium scolopendrium* L. (Brot., Wilk.).

⁴ Orjvão ou urgebão é a verbena, *Verbena officinalis* L.

⁵ Tageda é a tagueda ou taveda, *Inula viscosa* (Pereira Coutinho, *Flora de Portugal*). Encontro-a no Brotero sob o título de *Solidago viscosa* Lamk, com a designação lusitana de *Taveda de Dioscorides*. D. Car. Mich. nota-me que é *tadega*, donde por metátese *tagueda*.

A valeriana só por adivinhação se desencantou. No texto que logo adiante transcrevemos sobre as práticas da noite de S. João, associa o Lereno ao «casto mangericão» a «namorada Beliana». Não percebia o que vinha aqui fazer esta dama. ¿Haverá na novela alguma pastora de tal nome? — pergunta-nos a sr.^a D. Car. Mich. — Não há; então, diz ela, deve ser a *beliana*, *boliana* ou *moliana*, de tanta serventia na técnica das superstições — identificada com a valeriana medicinal. E agora vejo por que ao casto mangerico se casava a *namorada beliana* — *namorada*, quer dizer, prestante nos feitiços de amor.

⁶ A cravina, *Dianthus caryophyllus* (Brot.).

⁷ Das pastorais e das églogas podia colher-se uma *Flora bucólica*. Ficalho estudou a *Flora dos Lustadas* (1880). Camões na Elegia xx (ed. Th. Braga) rima em tercetos as flores e ervas dos quintais ajardinados — nada menos de 35 plantas, notadas com a sua significação poético-amatória: a *rosa* de amor, as *papoulas* de tristeza, a *giesta* de lembrança, o *rosmaninho* de esquecimento, etc.

... de noite se levantou subitamente uma tempestade tam estranha, que parecia abrir-se o ceu e romperem-se os penedos da terra que estava vizinha, em a qual ferindo os relampagos de contino, faziam uma temerosa sombra nas cavernas della, donde os ventos parecia que se soltavam para combater as altas arvores do valle e as rusticas cabanas, que escaçamente com sua humildade resistiam á furia da tormenta. Durou ella toda a noite, e quando veiu a madrugada, faltaram os trovões e quebrou o vento em uma agua grossa e espessa, que cahia tam sonoramente sobre os ramos, que restituiu aos cançados pastores o somno que perderam. Pela manhã appareceu o sol cheio de nuvens escuras, prenes de agua, correndo da parte do oceano uma atraz outra com tanta pressa, que os da serra conheceram o carrancudo rosto do inverno, e sahiram a o receber com os vis trajos que para elle tinham. Já recolhiam para as cabanas os seccos lenhos e pezados cepos, que as ardentes calmas do estio tinham vencido, rodeavam as cabanas de ramos das arvores, testavam os curraes, semeavam os telhados de pedras que sustentassem a aguda palha e espadana que os cobria, espalhavam o estrume, e abrigavam os instrumentos da lavoura». (*Past. Pereg.*, I, Jorn. 4.^a).

... quando já era consumido o rigor do inverno e o Sol começava a dourar as neves que tinham prateados os altos montes, quando já o ferro do curvo arado reluzia entre a verdura, abrindo (ao lento passo dos bois) a mimosa terra, na qual as arvores se vestiam de tenros gomos, promettendo aos olhos a verde librea da primavera ...». (*Ib.*, Jorn. 7.^a).

Traz o mortiço triste do ocaso, adensando a escuriza do lusquefusque por debaixo das ramas dos salgueiros, e cerra pelo sertão da montanha a calada da noite, arripiada de pavor, cortada ao perto pelo chapinar das rãs nos charcos e pelo estridular dos grilos, ao longe pelo bradar do boieiro à cata da rez perdida e pelo ladrar dos rafeiros.

«... tomou outro caminho que ia mais pela falda da serra, imaginando que perto haveria alguma aldeia em que se recolhesse, e andando por elle o que ficava do dia, lhe veiu a faltar na entrada de um valle, que por uma parte estava cheio de arvores altas e espessas, que apartadas de dous outeiros que as assombravam, e com a claridade das estrellas que por entre os ramos as feria, se moviam vagorosamente sobre uma lagôa, feita de um ribeiro que descia do monte, na qual a sombra e movimento dos ramos, a luz que por entre elles lhe vinha mostrando o escuro das aguas, e alguns arrebatados saltos das roucas rans, fazendo um temeroso ecco nos ouvidos e na vista um medroso pavor, com tristeza e receio constringiam o coração do desterrado pastor». (*P. P.*, I, Jorn. 3.^a).

«... (Tirzea) se apartou tanto do caminho, que se lhe acabou o dia entre uns espessos matos, onde com a noite escura e com a carregada sombra dos arvoredos estava todo o valle medonho, e no silencio daquella escuridão não se ouvia mais que o ruido que ao longe o rio ia fazendo por entre as pedras e alguns brados dos boieiros que dalém do valle iam fazer ecco naquellas concavas penedias, que entre a muzica dos grilos que das caladuras da terra estavam cantando, causavam um frio temor em o brando coração da namorada Tirzea, a qual, cahindo no descuido com que áquelle lugar viera a taes horas, ficou sem sangue; e começando a caminhar sem saber aonde, o tom das passadas que ia dando, lhe representava

que alguém a seguia; e detendo-se a cada passo, nem fallar nem suspirar ousava, parecendo-lhe que nisto salvava seu perigo. Assim andou um grande espaço até chegar ao pé de um pequeno outeiro, em o cume do qual havia umas ruínas de casas que noutro tempo o foram, e a quem a antiguidade, ajudada dos ventos, derribara, cujas paredes estavam cercadas de mato espesso e cobertas de antiga hera que sustinha aquellas ultimas pedras. Chegando alli, julgando pelo vulto que seria algum cazal, ouviu que feriam lume, e com as faiscas delle descobrindo o lugar, ficou tam temerosa, que tornou atraz o passo, e encostada ao cajado, escutava de quando em quando uma voz que se lhe representava nos ouvidos». (*Prim.*, II, Flor. 4.^a).

A pecuária põe a nota local nêste meio de guardadores. Tosquiam-se as ovelhas ao «olho do sol», esconjura-se a ronha e a magrem, noticiam-se os desastres do gado.

«... das minhas rezes do armentio duas no salto da vala me morreram, e a minha dourada com dous novilhos em poder de famintos lobos acabou. Das ovelhas a maior parte ao desamparo dos pegureiros se perderam. As cabras com a ruina destes barrancos, umas ficaram vivas e enterradas, outras, cahindo na furia da corrente, entre os borbulhos da agua se afogaram». (*Prim.*, I, Flor. 4.^a).

O pastor experimentado recomenda os seus bons officios na zootecnia e lacticínios:

«... naci perto destas serras de Riba-Tejo, e vou para aquella fermosa Aldea onde elle se acaba, para viver alli por soldada entre os guardadores, aonde me não faltará amo, porque sei da pastura dos gados, da cura delles, do monger e queijar do leite, e do mais que cá se estima dos pegureiros». (*Prim.*, III, Fl. 1.^a).

Num desafio de terreiro há de prémio para o vencedor êste garraio, assinalado por quem sabe o nome aos bois:

«... um novilho branco, manchado de negro, com o pé e mão direita calçado, o topete louro e crespo, donde lhe decia uma silva branca, os cornos de meia volta, raiz negra e ponta aguda, estava atado a um alto amieiro com uma capella de muitas folhas (*Prim.*, I, Flor. 9.^a).

E os pastores, travando-se braço a braço, arca por arca, disputam o campeonato — lutas de que o Lobo nota os lances. (*Prim.*, II, Flor. 9.^a). Compitas mais amenas são as da dança:

«... houve uma competencia de quatro vaqueiros, que bailaram um sapateado com tanta graça, que a muitôs fizeram inveja; e traz elles um de mais idade e vestido mais loução que os quatro, que lhes tangia uma frauta e tamboril, dando-o a um que junto a elle estava, saiu ao terreiro e dando nelle voltas mui estranhas e sapatetas no ar com muita destreza, ajuntou grande multidão de pastores». (*Prim.*, III, Flor. ult.).

Relembra as usanças populares e suas tradições poéticas. Fui dar com a nossa noite de S. João — a noite celebrada das hervas simbólicas, desde o mangericão à alcachofra, noite de rija festança e musicata:

«Chegou aquella desejada noite, em que as arvores, as hervas, e as boninas, os pastores, as aves e animaes se apercebiam para celebrar o nascimento do que antes delle conhecera seu Creador. Corriam as fontes com um murmuro mais suave, offerecendo o cristalino seio em que as formosas Ninfas se banhassem. Brotavam as flores às invejas, florescia o casto mangericão junto da namorada Beliana, derramava o encantado feto suas flores sobre a terra, os espinhosos alcachofres do branco cardó se abriam em roxas flores para serem colhidos das pastoras namoradas, queimava-se pelo vale e pela montanha o gracioso rosmaninho, ouregão, macella e o sagrado louro; florescia as plantas, enchia-se a terra e os corações de alegria, soando frautas, salteiros, liras, sanfonhas, tamboris, rabecas, pandeiros, e buzinas os pastores». (*Prim*, III, Flor. ult.).

Diga-se se o Rodrigues Lobo é ou não um bucólico português da gema.

O seu poder descritivo não se cifra nas imagens das tristes hervas, das águas correntes e dos animais da aldeia; revelam-no outras faces da pastoral. Como o Montemór, desenha as figuras zagalescas adeçadas a capricho. Olhe-se para este perfil:

«... um ovelheiro mancebo, vestido de verde e rôxo escuro, com um çurrão de pelle de gineta, guarnecido das mesmas côres, um bastão de loureiro, uma monteira de cordeiro quarteada de trança rôxa; e, além de ir galante, ia alegre, e não lhe estava mal ao rosto o contentamento, porque era branco e corado, e o engraçavam uns olhos azues, picados de pardo, de entre umas sobranceiras negras e espessas, e um risonho movimento de boca». (*P. P.*, I, Journ. 10.º).

E como contraste, outro dêste animal de cabelo, gorilhoide de má sombra:

«... um montanhez tam rustico no traje e na figura, que a todos poz em grande confusão, porque tinha o rosto pequeno e largo, tostado do Sol, e veloso por todas as partes, olhos negros, pequenos, e embrenhados debaixo de umas sobranceiras compridas, a barba crespa, espessa, e revolta para riba, a cabeça da mesma maneira, sem trazer sobre ella outra cobertura, vestida uma çamarra de pelle de usso, cingida com uma correia de vaca crua, com umas alparcas do mesmo; trazia um dardo na mão, e da outra prezo um sabujo de medonha cata-dura, que com estranheza de ver gente estava com os olhos enfiados nella». (*P. P.*, II, Journ. 11.º).

Interessante, o paralelo dos artificios das damas, «favores da arte em defeitos da natureza», com a verdade da feição das serranas:

«Quanto mais val o rustico toucado de huma serrana? os cabellos atados sem ordem, e não riçados por arte, com as côres que lhe inveja o Sol, lhes muda o vento e não com as que lhe dão seus proprios inimigos, ora cheios de flores do valle, ora de bemmequeres do campo; a beatilha revolta em lugar de volante levantado, o rosto com graça natural, e não com mentiras alheias; a garganta torneada com molduras da mesma peça, e não com larga prisão de joias, que ou nos impedem a vista, ou a enganam; o vestido grosseiro, mas honesto, livre para quem o traz, aprazível para quem o vê: o corpo medido da planta do pé até os cabellos, sem chapins que fazem de rostos minimos corpos gigantes». (P. P., I, Jorn. 11.º).

Da plástica feminina é este o trecho mais frisante. É singular que tão exaltados erotistas, adoradores da imagem de Venus, não tenham pena para afagar-lhe os contornos. Com exprimir que a formosura os estasia, dão por satisfeitos a arte e o sentimento. No transe mais agudo, deslumbra-se, até se darem por cegos; como hão de estes poetas anoftálmicos descrever figuras radiosas, que amaurosam a retina?

Uma impotência assim de retratação, mais ou menos inerente aos renascentistas, vinha já do mestre Boccaccio; apesar de entendido no artigo mulheril, as suas donas são puras réplicas duma mesma estátua divinalmente bela. Assim as pastorinhas do Lereno, todas vagamente lindas, distintas só na indumentária, pelas vestimentas e enfeites, do toucado ao calçado — capirotos, vaqueiras, beatilhas, vasquinhas, briaes, volantes, fitas, fraldilhas, saínhos, abarcas — todo o enxoval feminino, registado com a meticulosidade lisongeira dum cronista de salas de hoje em dia.

Carnes e feições, pasto dos sentidos, não se enxergam; sente-se sim o seu efeito emotivo na alma dos namorados. Da beleza feminina, noto que sabem estremar apenas *cabelos, olhos e boca*, uma espécie de trindade anatômica, tripeça do amor, idolatrada e cantada com todo o luxo ritual de retórica e poesia. Tornara-se uma galantaria habitual versificar os encantos das madeixas e das pestanas das beldades, a ponto que dêsse consumo lirico tiravam às vezes sustento os poetas mercenários¹.

A poesia popular reflete a inclinação artística e patética pelos olhos e cabelos. De olhos, canta o nosso povo quadras deliciosas,

¹ Di-lo pelo menos o D. Pablo no *Gran Tacaño* de Quevedo: «... acudían á mí enamorados, unos por coplas de cejas y otros de ojos, cual de manos y cual romancicos para cabellos. Para cada cosa tenia su precio, aunque, como habia otras tiendas, porque acudiesen á la mia, hacia barato» (cap. 22).

joias de admirável lirismo; e o cabelo, penhor de namorados, chega a arrancar êste grito de melancolia macabra:

Se fores ao cemiterio
No dia do meu enterro,
Dize á terra que não coma
As tranças ao meu cabelo.

O Pavano e o Umbrano, pastores da *Primavera*, ao louvar à compita «a parte que mais lhe contenta da pastora a quem ama» (III, Flor. 7.^a), pintam em verso — *O desdem de uns cabelos desatados, os dous rubis engastados sabiamente, dois olhos negros cuja luz fermosa abate a vista . . .* — o resto não passa duma massa sem destriça — *Uma composição de partes bellas, uma graça gentil que não se entende . . .*

A estética óculo-capilar tendia a obedecer a um tipo de moda. Não eram quaisquer cabelos, por belos que fossem, dignos do plectro; essa honra toca quasi por exclusivo aos *biondi capelli* da galantaria italiana, as *hebras d'oro fino* do Montemor e Gil Polo, os *cabelos d'oiro* do Camões. Lobo também não pindariza senão a côma loira das suas graças — «cabelos mais loiros que os raios do Sol, que em anneis cobriam as fontes»; a uns cabelos entrançados numa fita azul:

Cabelos d'ouro fino que, entrançados
Nessa inimiga côr, me pareceis
Raios do sol em sombra disfarçados . . .
(P. P., I, Journ. 7.^o).

O Lerenos guarda no seio a madeixa de oiro cortada da trança da deidade do bosque, como um tesoiro que «andarà sempre oculto no meu peito, aonde o não vejam mais que os olhos d'alma»; à imitação do Nemoroso no Garcilasso:

Una parte gardé de tus cabellos,
Elisa, envueltos en un blanco paño,
Que nunca de mi seno se me apartan . . .

Serve-lhe de refrigério cantar a

Prisão suave e branda
Na qual com laços de ouro
Preso o meu coração aos olhos anda . . .
(Des., II, Disc. 8.^o).

Scena semelhante se repete com Pavano a tanger a lira «com uma meada de cabellos diante dos olhos» (*Prim.*, III, Flor. 4.^a):

Cabellos d'oiro fino,
Tecidos pela mão que vos cortou . . .

tal como o Sireno, logo na entrada da *Diana* :

Cabellos quanta mudanza
He visto después que os vi...¹

Ao passo que

Fez cabellos amor para alegria
Delgados d'ouro fino desejados,

os negros são uma desfealdade que desafia a sátira:

Negros cabellos cuja vista escura
É prisão dos sentidos enganados,
Fazer de vós grilhoens o amor procura,
Por isso vos tem grossos e empeçados:
Materia quis buscar aspera e dura,
Mais que o ferro cruel aos condenados,
Para encerrar amantes e prendê-los,
Se por vontade não, pelos cabellos.

(*Deseng.*, I, Disc. 7.^o).

De olhos, sabe o Lerenos toda a gama cromática da beleza iridiana e anexos. «D'aqui feriam os olhos negros, engastados em vivo cristal, d'ali os azues assombrados de raios d'ouro, doutra parte os verdes rasgados, os pardos venturosos, os garços graves, os pombinhos chochalheiros, uns acompanhados de grossas pestanas, outros de engraçadas sobranceiras, os dentes de perolas entre perfis de rubins, os cabelos de ouro que acrescentavam maior belleza... (*Past. Pereg.*, I, Journ. 11.^a).

Os olhos pretos, *hors concours*, são decantados a froixo, em voltas de motes:

Sois senhores, olhos negros,
E quantos olhos vos vem,
São vossos negros também...

Os claros verdes rasgados,
Azues, garços e pombinhos,
Que sõem abrir caminhos

¹ Estas tranças de *recuerdo* e reliquia, aspergidas de vez em quando de lágrimas, veem talqualmente do Sannazaro na égloga final do Meliseu:

I tuoi capelli, o Phylli, in una cistula.
Serbati tegno, et spesso, quand' io volgoli,
Il cor me passa una pungente aristula.
Spesso gli lego et spesso oimé disciolgoli,
Et lascio sopra lor quest'occhi piovere;
Poi con sospir gli asciugo e insieme accolgoli.

Para amourosos cuidados,
Ficam cegos eclipsados;
E quando negros vos vem,
Querem ser negros tambem.

(Prim., I, Flor. 7.^a).

Quem vos vê fica ás escuras,
E por isso os que vos vem,
Por olhos negros vos tem.

(Ib.).

Se a primazia vai aos negros, não são esquecidos os olhos verdes, tão caros aos bucolistas. «Floriza trazia os olhos agravados em sinal que chorava, e elles eram verdes e tão fermosos . . . ». (Prim., III, Flor. 4.^o).

A heroína do Bernardim Ribeiro na *Menina e Moça*, a Silveria do Cervantes na *Galatea*, a Filida do Montalvo, tinham olhos verdes — tema também de redondilha para o Camões :

Mas a graça desse verde
Tira a graça a toda a côr.

Verdes são os campos
Da côr do limão,
Assi são os olhos
Do meu coração.

Elles verdes são
E tem por usança
Na côr esperança
E nas obras não . . .

A poesia popular, tão cantadeira das côres da iris, também celebra os olhos verdes :

Os olhos verdes são falsos,
Os azues são lisongeiros . . .

Os olhos verdes são poucos,
São custosos d'alcançar . . .

Talvez que a raridade entrasse nesta valia sobrefeita aos olhos côr de esperança ¹.

¹ Cf. Men. y Pel., *loc. cit.*; J. L. de Vasconcelos, *O Doutor Storck*. D. Car. Mich. publicará sobre os olhos verdes uma das suas *Randglossen*; o prof. José Maria



Da LINGUAGEM em escritor de tal tempo e tomo não há senão dizer que é castiça de vinte e quatro quilates. Joeira-a de arcaísmos, de latinismos e plebeísmos¹. Sôbre esta vernaculidade assentam qualidades locutivas que estremam a frase do Lobo e a graduam na evolução da prosa portuguesa. Á data da sua emissão, a *Primavera* representa um esforço novo realizado na expressividade e na textura do período. Experimentara-se a língua como instrumento novelesco nas *Saudades* do Bernardim e no *Palmeirim* do Francisco de Moraes; desbastara-se e pulira-se nos diálogos do Heitor Pinto e do Amador Arraiz. Uma nova fase lhe tocava agora, a inaugurar a magnífica prosa seiscentista — a dêle próprio na *Côrte na Aldeia*, do Bernardo de Brito, Luís de Sousa, Francisco Manuel de Melo e António Vieira.

Rodrigues anuncia também mais um estudo camoneano sobre a *Menina dos olhos verdes*.

No Canc. ms. de F. Tomás noto um soneto sobre olhos verdes do Fernão Lobo Soropita:

Fermosos olhos onde amor descansa,
Em ricas esmeraldas reclinado...

António Lopes da Veiga também na *Lirica poesia* (1620, Parte 3.^a) mete soneto «em louvor dos olhos verdes, em desprezo dos negros e azues»:

Prometteis e dais vida juntamente
Por isso ornais de vida as lindas flores,
Não de negro ou azul, sinais de morte.

Mais outros achados aponte nas *Ribeiras do Mondego* do Sotomaior (1623):

Lindos olhos verdes
Tomai barco e rêdes...

Verdes olhos são
Alegres na côr,
Contrários no amor
E na condição ..

Quantos vêdes, olhos verdes,
Matais e ressuscitais,
Que se por verdes matais,
Tambem dais vida por verdes...

Um soneto:

Fermosos olhos verdes, onde amor
Á fresca sombra que em vós vê, descansa...

¹ Deparou-se-me um arcaísmo, *ogano*, e um castelhanismo, *sauze* (salgueiro) — a que já nos referimos (cap. v), e de que topamos outro exemplo no desconhecido Nunes Freire, *Campos Elisios*, pág. 168.

Afeiçoara o Sannazaro a sua *Arcádia* numa prosa escultural de relêvo latino. Houve seguidores que requintaram no lavrado da locução, florindo-a e retorcendo-a até aos desmedimentos do luxo excessivo e extravagante. Tal a prosa atormentada e altissonante do Cervantes na *Galatea*, a pedantesca e repuxada do Lope de Vega na *Arcádia*; o Valbuena cingiu-se também à prosa garrafal do Sannazaro.

Ao Jorge não o empanam estes vícios, evitados também pelo Gil Polo e pelo Montalvo; o nosso Lerenó êsse timbra ainda mais na louçania da frase, ao mesmo par elegante e simples. Soube melhor despir-se dos europeus de mau gôsto, e revestir o tom da desafecção e da singeleza, sem descambar na vulgaridade. Regula pela do Montemór no defeito da moleza e da enervação, consequência de tanta ternura efeminada e quási contínua melancolia. Da *Diana* herdou a melodia; mas acrescenta-lhe o pinturesco, é ao mesmo tempo musical e visual. Presta-se ductilmente aos efeitos tradutivos da dicção, e joga com vocabulário copioso na mais estricte propriedade de termos. O ritmo da prosa acentua-se agradavelmente: é uma prosa fluida, correntia, cadente, grata ao ouvido. Os velhos críticos deliciavam-se com esta qualidade, tão relevante no Lobo — o *número*, como se dizia, a acústica do período, esse sainete superior do prosador de arte.

Êste prosador de arte só veiu a atingir o cúmulo da perfeição na *Côrte na Aldeia*; aí sim é que luz o estilista possante e impecável. Na *Primavera* sentem-se hesitações do escritor novel a ensaiar-se e a debater-se nos efeitos impressivos da grafia. Ao tentar o descritivo emperra por vezes em frases mal pespontadas e mal encadeadas¹, sobrefeitas na adjectivação com epítetos escusados, dessorando e alambicando. No *Pastor Peregrino* e no *Desenganado* a mão adestrada pelo hábito e pelo estudo está mais senhora da escrita, mas em troca desmerece talvez um pouco no pitoresco e na frescura que tão bem iam à ousadia juvenil da pena, mesmo através das imperfeições.

Deixamos de caminho trechos da novela, amostras suficientes do seu modelo de linguagem; seria superfluidade insistir mais na sua apreciação. Apenas me permitirei observar que o estilo se escorça

¹ D. Car. Mich. assinala-me em algumas das amostras transcritas a fartura dos *quês* a embaraçar e a afeiar o andamento do período — pecha que o seu bom gôsto põe ao geral da nossa prosa clássica. Não há dúvida; dessa «monotonia sintactica» deriva a dificuldade de armar em português longos períodos, ao que, penso, a língua se não presta, ao contrário do que geralmente se cuida.

por vezes em belos laconismos. Tal esta resposta da moça perguntada pelas suas impressões da boda donde vinha:

«Quem poderá dizer tanto em tão breve tempo? Vimos a noiva formosa e bem vestida, o noivo loução, os amigos contentes, os competidores invejosos, mas uns e outros alegres. Houve cantar bem, bailar de terreiro, louvar cada um tão bom dia, e não faltou quem desejasse aquele por seu. O sol apartou o ajuntamento, a noite despediu aos convidados; tornaram-se os das aldeias e casaes. Deus deixe lograr aos noivos a sua boa sorte, e da nossa não se esqueça, e a esta honrada companhia dê as boas noites». (*Deseng.*, I, Disc. 6.º).

Algures diz o Lereno que cativava aplausos pela sua «boa arte e singeleza». Como quis definir-se numa fórmula, tão simples e verdadeira como o escritor. Bucolista mesmo na parte formal, desataviava-se até onde a cultura e a nobreza da locução o permitiam, modestando-se propositalmente no «humilde estilo dos pastores», poupando-se em arrebiques e impertinências.



Os méritos do prosador, por muito que se encareçam, não vencem o tédio e a insulsez da novela; o leitor moderno, quando muito, deplorará que tal prosa se desbarate com pastores pintados e paixonêtas choronas. O exame da *Primavera* não teria mais interesse que a exumação dum fóssil de marca, a arrumar logo no museu da velha literatura, se não jazesse nela uma preciosidade rara — POESIA da mais bela que tem produzido a lírica portuguesa.

O Sannazaro entremeia regularmente as prosas com os versos; sucedem-se a compasso na *Arcádia* doze églogas. O Jorge desprezou esta uniformidade, intercalando livremente aqui e além os versos, um pouco como diálogo e integração da narrativa, mais como canto figurado. A mesma feição revestem o Gil Polo, o Montalvo, e o nosso Lobo. De fêvera peninsular, não se absorvem na métrica italiana; a medida velha mantêm os seus foros perante a medida nova, continuando a tradição indígena. Sá de Miranda e Camões associam os dois metros, e os nossos Jorge de Montemór e o próprio Gregório Silvestre professam em Espanha o mesmo eclectismo. Poetar em versos curtos e versos grandes tornara-se regra nos dois países.

Nenhum pastoralista deu tantas largas como o Lereno à veia versista. Foram parcos o Montemór e os seus imediatos discípulos; já Cervantes e o Lope de Vega amiudaram as rimas. Agora na *Primavera* os trechos poéticos sucedem-se com uma profusão nunca vista, chegando a dar a ilusão de que a prosa não passa de pretexto para a

inclusão do verso. Tem-se discutido para os bucolistas de mais nome os méritos relativos em verso e prosa. Aqui, por muito boa que esta seja, e deveras o é, não há que duvidar; não calha no Rodrigues Lobo o apódo mordente do Cristobal Suarez de Figueroa quando dizia que a interpolação de prosas era um meio excelente de encampar rimas de má qualidade. A maior glória da *Primavera* está na parte métrica; a prosa é como que liga coríntia a encastoar uma riquíssima joalheria de gemas líricas¹.

Do *metro italiano*² há de tudo, a começar pelos *tercetos*, a *terça rima*, que, desde o *Ameto* de Boccaccio, era para os italianos e seus seguidores como Garcilasso, António Ferreira, Camões e Bernardes, o metro nato da égloga. Sannazaro sagrara esta como que função bucólica da *terzina*, e duma modalidade dela, a *terzina sdrucchiola* em que compôs no todo ou em parte nada menos de sete églogas arcádicas. Causou entusiasmo êste terceto esdrúxulo, que os imitadores quiseram trasladar às línguas peninsulares tão pobres em vocábulos proparoxitónicos. O Montemór tentou versejar assim (*Diana*, L. 1.^o), e saiu-se mal, da única vez que o experimentou; o mesmo sucedeu a Gil Polo (L. 3.^o); o Fernão Álvares, sanazariano possesso, deu-se tratos de polé para retorcer esdrúxulos — a farçada mais risível que jamais se engendrou em rima portuguesa³. Não se deixou sequer tocar o Lobo

¹ Jardim luxuriante das mais belas flores do velho bucolismo a qualifica Bou-terwek — «the most luxuriant blossoms of this old branch of portuguese poetry». Serve a prosa apenas de «poetic groundwork»; também assim a olha D. Car. Mich. «als Unterlage zur Einführung von Hirtengedichten» (*loc. cit.*).

² Sôbre a antiga versificação — Filipe Nunes, *Arte poética*, 1615; *Tratado da versificação portuguesa*, 1757; Th. Braga, *Anthologia portuguesa*, 1876; D. Car. Mich., *Sá de Miranda*, 1885; Scherillo, *La Arcadia*, 1888; Men. y Pel., *Origenes de la novela*, I, 1905; Storck, *Sämmtliche Gedichte*, 1880-85; J. Leite de Vasconcelos, *O dr. Storck*, 1910; etc.

³ Deparam-se-nos na *Lusitania Transformada* três séries de tercetos e duas peças em forma de canção, tudo esdrúxulado a maço até ao paroxismo do delírio. Como amostra, êste trecho dum grotesco tamanho que causa dó:

Qual flor de herva fructifera,
Qual fructo que produz terra Indiatica,
Qual pedra que criou praia Gangetica,
Qual especie aromatica,
Qual canto, qual palavra salutifera,
Qual magica sutil, qual dialetica,
Á minha dôr frenetica,
Pode servir de epitima?
Qual balsamo que a terra deu Siriaca,
Qual prestante theriaca,
Pode a magoa curar d'alma legitima?
Nunca curou a tisica
(Por ser mal tão interno) a sutil fisica.

À sutil física da casa dos lunáticos precisava de ser relaxado o autor do feito. O

por esta gafeira; o seu terceto é todo em versos inteiros¹ de rimas graves (paroxitónicas), como quasi inalteravelmente todos os seus endecassilabos² em plena conformidade com o génio da lingua³.

São inúmeras, no decurso de toda a *Primavera*, as *oitavas reaes*, as estancias por excelência, tão caras ao *stil nuovo*. Obedecem, é claro, à fórmula estereotípica — *ABABABCC*.

De *sextinas* há uma amostra apenas (*Past. Peregr.*, I, Jorn. 7.^a). É a sextina *simples* em seis estancias, tipo petrarquesco, adoptada por Sannazaro (Égls. 4.^a e 7.^a), introduzida por Montemór (L. 2.^o e 5.^o) e repetida por Gil Polo (L. 4.^o): cada estrofe de seis regras tem no fecho de cada linha as mesmas palavras finais dos versos da primeira, e a primeira regra de cada estancia repete o último vocábulo da anterior — *ABCDEF::FAEBDC::C...* No fim um epodo de três linhas em que entram as seis palavras rimárias⁴. Já Sá de Miranda

documento chegava para abrir a porta do manicómio; mas para tirar todas as dúvidas, se porventura as houvesse, bastava que se recitasse aquele soneto poliglótico em seis línguas que começa: «*Opos to pyr lampron che avaris, etc.*».

O peor é que se gaba do feito, dando-se como merecedor da «capela por satisfação de tão alta poesia em que manifestou o artificio daqueles versos não usados nem ouvidos até então nos campos da nossa Lusitania». (L. I, P. iv). Forte mania num homem que deixava aliás no mesmo livro algumas poesias de razoável marca.

¹ Há versos, e dêsses não faltam no Lereno, terminados em esdrúxulas, como *vitória, memória, água, frágua, etc.*, mas que na métrica funcionam como paroxitónicas, deixando portanto o verso grave. Fugiu igualmente dos versos em rimas agudas (oxitónicas), também menosprezados pelos praxistas da estética peninsular.

² Teem a medida do *heroico comum* com acento predominante na 6.^a. De *sáficos* divisei muito poucos

Abris caminho ás cristalinas fontes
(*Prim.*, I, Flor. 12.^a).

— no acervo do *Condestabre* são também raros. Marquei alguns com acento na 4.^a e 8.^a, mas sem faltar o da 6.^a:

Mas pede a causa mais comprida história

³ Castilho em nossos tempos jurava, desde o seu noviciado de poeta, nunca perpetrar um verso esdrúxulo.

⁴
Contra a razão porfia o meu desejo,
Porque uma hora por si teve a ventura,
Que nessa logo usou de seu costume,
Já tem perdida a cor minha esperança,
Emquanto ouço me fala o desengano,
Mas não val contra o amor entendimento.

Se a vontade seguir o entendimento,
Como fora atentado o meu desejo?
Vendo antemão da sorte o desengano,
Temera-se do tempo e da ventura,
Medira só por ela a esperança,
Tivera os seus sucessos por costume.
Queixo-me da ventura por costume...

Viva o desejo e perca-se a ventura,
Use do seu costume a esperança,
Que o desengano está no entendimento.

e Cristóvam Falcão ensaiaram esta métrica, mas em octonários; Camões metrificou pelo menos uma, assim como o Bernardes, pelo padrão italiano ¹. «Obra de infeliz desempenho», diz com razão um velho pedagogo (*Trat. de vers.*).

Experimenta também uma *décima* em endecassílabos pelo teor das usuais de redondilha: *ABBAA CDDC* (*Past. Pereg.*, II, Jorn. 3.^a). Não me lembro de as topar alhures; tenho-as por inovação do Lobo, que aliás não secundou.

Sonetos abundam. Quartetos à moda ordinária, em rima fechada — *ABBA:ABBA*. Tercetos de esquema variável: os mais frequentes são em *rima terciada* — *CDE:CDE* ou *CDE:DCE*; raros em *rima encadeada* de duas consoantes — *CDC:DCD*.

Versos soltos fê-los apenas uma vez como o Montalvo (L. 1.^o) e lardeados de septenários intercalares (*Prim.*, I, Flor. 10.^a). Herdara a espécie do Boscão, do Garcilasso e do D. Manuel de Portugal, o primeiro quinhentista nosso que versejou em branco (D. Car. Mich., *Sá de Mir.*). Vinha da Itália o verso branco com o Trissino e o Alamanni que o adaptára à bucólica. O António Ferreira (*Castro*) cultivou também o metro livre, no qual o Jerónimo Côrte-Real compôs todo o *Segundo Cêrco de Diu* e o *Naufrágio de Sepúlveda*.

Os endecassílabos com a *rimalmazzo* ou rima *ripercossa* foram também um metro favorito do Sannazaro (Scherillo). Gil Polo imitou-o uma vez apenas, e o Lobo fez o mesmo, como que a confirmar o ditado — numa quem quer cá; uma consoante está no fim do verso, e a outra no meio do verso imediato, da 4.^a à 7.^a sílaba ². O Garcilasso (Ég. II), o Miranda (Ég. V), o Camões (Ég. II e III) também jogaram com esta bagatela da rima medial.

De combinações estróficas de endecassílabos e septissílabos, do tipo da *canzone* petrarquesca, está inçada a pastoral. Estas *canções* são de diversíssimo esquema; varia muito a composição numeral da estrofe, assim como o arranjo dos metros e das rimas; era ramo em que o poeta, salvas certas praxes, gozava de liberdade de eleição.

¹ É a que começa: *Foge-me pouco a pouco a curta vida*. As outras são anónimas (D. Car. Mich., *Sá de Mir.*). Na edição Th. Braga vem uma, a V, que não é sextina nenhuma; identifica-se com outra que aliás a mesma ed. inclui como ode (II). É uma canção particular, imitada logo da II do Petrarca — *Verdi panni, sanguigni, oscuri o persi*; consta duma espécie de sextilha de versos grandes e dois curtos, rimando cada regra com a paralela da estância anterior.

² Peregrina pastora que em memoria
Da tua historia e vida descontente,
Renov. ste igualmente minha pena, etc.
(*Past. Pereg.*, I, Jorn. 12.^a).

Tem *canções reais*, ou propriamente ditas, de 11, 13 e mais regras por estância, e outras mais encurtadas, de 5, 6 e 8 linhas, da espécie das *odes* e *liras*, segundo a velha taxonomia rimária.

São bastas as de seis regras por estância, dois ou três endecassílabos e quatro ou três setenários — *a B a b c C*, *a B a B c C*, *a b A b c C*, *a b B a c C*, *A b B a c C*, *a b b A c C*¹. Sai-lhe de feição êste molde, que o Lobo batiza como *liras* (*Prim.*, I, Flor. 1.^a). Esta etiqueta apusera-se às canções quintilhadas, creadas por Garcilasso, que o Leroeno dedilha também nas églogas — *a B a b B* (Ég. 1). Estendeu-se ao depois às sextilhas, usadas por poetas de marca d'além e d'aquém, e nomeadamente por Camões².

De oito regras — *a b C a b C d D* (*Prim.*, I, Flor. 9.^a; *Past. Pereg.*, I, Jorn. 4.^a; *Égl.* 9.^a) — *a B a B C c n C* (*Prim.*, II, Flor. 2.^a); a estas chamava o Lobo expressamente *odes*³.

De onze linhas — *a B C a B C : c D d e E* (*Prim.*, I, Flor. 6.^o; *Deseng.*, II, Disc. 2.^o).

De treze e quinze, módulos predilectos das canções de Petrarca e Camões —

a B C a B C : c d E d E f F (*Past. Pereg.*, I, Jorn. 6.^a)

a B C a B C : c d E e D f F (*Deseng.*, I, Disc. 1.^o)

A B C A B C : c d d E e f F (*Past. Pereg.*, II, Jorn. 10.^a)

¹ Para que os diagramas exprimam não só o encadeamento das rimas, mas também a qualidade do verso, lembramo-nos de marcar os versos longos por maiúsculas e os curtos por minúsculas. Apanha-se assim melhor a feição métrica da canção que depende tanto da séde das rimas, como da sucessão dos metros inteiros e quebrados.

² A canção do Garcilasso, do módulo *a B a b B*, chamou-se-lhe *lira* por ser o primeiro verso

*Si de mi baja lira
tanto pudiese el son...*

É curioso que na *Arte poetica* (1615) do Filipe Nunes encontro assim a explicação do título: «Como se cantam á viola, de lira tomaram o nome de *lira*». No *Tratado de versificação* (1727) repete-se o mesmo: «... chamam alguns *lira* por serem muito acordes para se cantarem á viola».

Jorge de Montemór, Camões, Fr. Luis de Leon, Falcão de Resende, fizeram *liras* à Garcilasso. Das sextilhas não sei ao certo quem foi o introdutor. Há obra dumas quatro em Camões e entre elas a ode conhecida do livro de Garcia da Orta. Cervantes trá-las na *Galatea* e Lope de Vega também na *Arcádia*; nas suas poesias soltas vejo também duas *liras amorosas*. Com o Lobo a moda da *lira* parece ter pegado. São numerosas as que assim expressamente nomeadas achei no Cancioneiro de Fern. Tomás, atribuídas a Correia de Lacerda, Jorge Mendes de Andrade, Luís da Costa Serrão, Luís Melo e João Pinheiro.

³ Por sinal no género masculino — *o ode*.

$aBccAB:bdEdEfF$ (*Prim.*, III, Flor. 1.^a)

$abCa bC:c d E d E f F$ (*Egl.* 5.^a)

$aBCaBC:c d e F d : e F g g$ (*Past. Pereg.*, I, Jorn. 10.^a)

$ABCABC:c D E D E : f F g G$ (*Ib.*, II, Jorn. 1.^a)

$aBCBaC:c D E f d E : F g G$ (*Prim.*, III, Flor. 5.^a)

Nestas canções propriamente ditas cada estância ou *ramo*, como diziam os nossos velhos praxistas, consta de dois *pés* iguais de rimas paralelas, em regra $abcabc$, e da *cauda*, de textura variável, terminando por uma parelha de que o último verso é quasi sempre de medida grande ¹.

Mandam os paradigmas da poética que todas as estâncias de cada canção obedeam ao mesmo molde de verso e consoante; Lobo infringe duas vezes o mandamento, seriando estrofes de numero variável de seis e sete a vinte e tantos, acrescentando à irregularidade o desmarcado das grandes estâncias (*Past. Pereg.*, II, Jorn. 7.^a; *Deseng.*, II, Disc. 7.^o).

Não se impunha o epilogo — *commiato* dos italianos, *tornada* dos provençais e *finda* dos galaicos (D. Car. Mich.) — o *remate*, *endereço* ou *fecho* da canção, tão costumeiro nas canções reais de Petrarca e no Camões. Apenas topei quatro ² — nZZ (*Prim.*, III, Flor. 4.^a; *Past. Pereg.*, I, Jorn. 10.^a), $Y Y Z Z$ (*Ib.*, II, Jorn. 10.^a), $x Y x Y \zeta Z$ (*Ib.*, I, Jorn. 6.^a); e outra ainda na canção laudatória ao fr. Bernardo de Brito (v. cap. iv), por sinal que muito bem talhada, $y N y n \zeta Z$ ³.

Cervantes pela boca do cura mandava tirar da *Diana* «casi todos los versos mayores». É uma atrocidade semelhante condenação, muito embora seja o Jorge mais feliz nos versos curtos. Gil Polo e Montalvo produzem belamente no metro italiano, sem falar no Lope de Vega, como sempre habilissimo versista. Rodrigues Lobo possui magistralmente o endecassilabo, conhece toda a sua modulação e flexibilidade; emite-os com pureza e correcção, na melhor dição poética. Treinado na lira parnasiana de Camões, afinado na mesma perfeição métrica, cede-lhe no sainete genial de mestre máximo. É

¹ *Vers. Port.* Os alemães chamam aos pés *Stollen* (esteios) e à cauda *Abgesang* (descensão). Cf. Storck, IV; J. L. de Vasc., *loc. cit.*

² Exprimo as rimas finais pelas últimas letras do alfabeto, e marco com *n* os versos *vivos*.

³ Gil Polo meteu, como já dissemos, na sua *Diana* (L. 1.^o e 5.^o) umas canções a que chamou *rimas provençales*. Apesar de imitadas por Camões, Lopes Maldonado, Espinel e Perez de Hita (F. e Sousa, *Com.*, Canc. 15), Lobo não tentou a espécie, bem fraca por sinal. Storck supô-las erradamente invenção de Camões (*Vida*, § 89).

quem mais se aproxima dêle, com o Bernardes a quem muitas vezes sobreleva, e com quem partilha a tolíssima imputação de terem roubado versos ao Camões; neste êrro e nesta afronta vai implícita a confissão do mérito.

Encerra tercetos excelentes, sendo para estremar entre outros as *elegias*: a da vida rústica,

Pascei, minhas ovelhas, livremente
(*Prim.*, I, Flor. 4.^a).

a piscatória de Dinopea e Palermo, de sabor clássico,

Colhendo ruivas conchas d'entre a areia
(*Prim.*, III, Flor. 4.^a).

a despedida do Lis,

Fermoso rio Lis, que de contente
(*Prim.*, I, Flor. 12.^a).

onde na última regra encaixa a propósito um verso espanhol trivializado — *Quien dixo que la ausencia causa olvido* — com que abre um soneto do Boscão ¹. Em tertia rima se distinguem também as elegias e epístolas das églogas, e as próprias églogas 9.^a e 10.^a

Não me parece que o Lobo se distinga grandemente nos *sonetos*, género em que cede muito ao Camões e mesmo ao Bernardes; unhei como melhores:

Foge-me a luz do Sol quando amanhece
(*Prim.*, II, Flor. 5.^a).

Se coubesse em meus versos e em meu canto
(*Past. Pereg.*, II, Jorn. 5.^a).

Agua que penduradas desta altura
(*Prim.*, II, Flor. 1.^a).

¹ É o soneto 51 da ed. Knapp, Madrid, 1875.

Quien dice que el ausencia causa olvido,
Merece ser de todos olvidado, etc.

Camões e D. Francisco de Portugal também citam esse verso alado, e P. Andrade Caminha glosa parte do soneto. Devo à sr.^a D. Car. Mich. a indicação da fonte, com a nota proficiente das outras citações, adaptações e imitações. Vi ao depois que já o anotara o F. e Sousa a quem nada escapa; ao engranzar um chorilho de citas de versos estrangeiros em que mais uma vez estadeia a sua estupenda erudição, diz do Roiz Lobo: «En su *Primavera*, liv. I, fenece una elegia portuguesa con este: Quien dixo que la ausencia causa olvido — que es de Boscan» (*Com.*, Son. 43).

que mereceu as honras de tradução na edição inglesa do Sismondi.
Excede-o em meu gosto o soneto

Mil anos ha que busco a minha estrella

inédito atéagora, do Cancioneiro de F. Tomás onde a autoria é atribuída ao Lobo; a pérola da colecção é, se a atribuição fôr certa,

Fermoso Tejo meu, quão diferente

que não entra na pastoral.

De *canções* há-as boníssimas, do melhor, no que êle chamava a *cantiga estrangeira*¹: a da entrada de verão, clássica nas antologias,

Já nace o bello dia,
Principio do verão fermoso e brando, etc.,

sinfonia abertural da novela, «talvez a mais bella canção, diz o Costa e Silva, que até então tinha produzido a nossa Lyra»; a da tarde e a da noite,

O tarde saudosa
Que ides aposentando a noite fria
(*Prim.*, III, Flor. 1.^a).

Noite escura, porém clara inimiga
Da minha sorte e meu contentamento
(*Past. Peregr.*, II, Jorn. 10.^a).

a do Lis,

Sereno e manso rio,
Que das fontes do Lena acompanhado
(*P. P.*, II, Jorn. 8.^a).

e outras de igual beleza, de realce descritivo e sentimental em que, sem quebranto de originalidade e de engenho poético, se sente o influxo invador dos cancionistas das *Chiare, fresche e dolci acque*, do *El dulce lamentar de dos pastores* e do *Vão as serenas aguas do Mondego decendo*.

Nada ficam a dever as *estâncias*; antes as tenho pelo que de melhor compôs o Lobo no estilo novo. Desfilam oitavas soberbas, que se leem sem desmerecimento ao lado das camoneanas mais reputadas. É singular que o Lobo as torneasse na pastoral superiormente à massa geral das épicas do *Condestabre*. Leia-se como especime a

¹ ... «Fileno atalhou pedindo ao peregrino que celebrasse as suas vodas com alguma cantiga estrangeira das que sabia» (*P. P.*, II, Jorn. 10.^a); segue uma canção petrarquesca de 13 ao ramo.

glosa, que tanto deu no gôto de H. Rennert, a *Quam pouco tempo dura uma alegria* (*Prim.*, I, Flor. 7.^a), mote tirado dum verso alado do Montemór ¹. Glosa também em oitava rima — *Tristes lembranças da passada gloria* — inspirado do primeiro verso do soneto camoneano — *Doces lembranças da passada gloria* (*Prim.*, II, Flor. 5.^a).

Do soneto de Diogo Bernardes ² — *Horas breves do meu contentamento* — traz uma excelente glosa também em oitavas ao primeiro quarteto (*Prim.*, III, Flor. 5.^a) e ao primeiro terceto (*ib.*, I, Flor. 11.^a); antes dêle fôra o soneto inteiro glosado, entre outros, por Fernão Álvares ³ (L. 1.^o, Prosa 12.^a) e por Falcão de Resende (pág. 435).

Na narração dos amores de Althea há estâncias dum erotismo idílico, tenro e fresco, que lembram as dos amores da linda Ignês:

Quantas vezes ao valle onde pastava,
O seu gado levava por falar-me,
Aonde mil brandos versos me cantava
Ao som do seu rabil por contentar-me.
As arvores e as aves ensinava
Com amoroso accento a nomear-me;
E agora tal estou no que padeço,
Que pelo nome a mim me desconheço.

Quantas vezes dos Faunos estorvados,
Fugindo o mais espesso da floresta,
Ao longo deste rio recostados,
Tinhámos o rigor da ardente sésta
Debaixo destes freixos levantados,
Que faziam a estancia mais honesta,
E alli a relva e folhas que caíam,
De saboroso leito nos serviam.

(*Prim.*, II, Flor. 2.^a).

¹ É o verso *Quan poco tiempo dura una alegria* que fui topar numa canção do L. 6.^o da *Diana*, na bôca do Sireno:

La causa principal de mis enojos,
Cruel pastora mia,
Algun tiempo lo fué de mi contento:
Ay triste pensamiento,
Quan poco tiempo dura una alegria.

Serve de leixaprem para a estrofe seguinte.

² Êste famoso soneto é também dos tais que goza duns poucos de pais putativos, em detrimento do mavioso poeta do Lima. Faria e Sousa contrabandeia-o, segundo o seu vêzo, para a bagagem de Camões, Supico encabeça-o no Infante D. Luís, Baltazar Estaço chama-lhe seu, etc. Sôbre êste soneto e suas variantes, v. D. Car. Mich. *Sonetos e sonetistas port. e cast.*, 1910.

³ Diz Th. Braga (*Camões*, 1911, pág. 189) que o F. Alvares na *Lusitania Transformada* o dá como de Camões. Não enxerguei tal indicação.

Em oitavas retrata as formosuras femininas, ou monografa os seus encantos, como os olhos ou os cabelos das adoradas.

Daqule sitio esplendente de Penacova, alteando as verduras sôbre o Mondego entre a aridez da serra, fez êle como que o *pendant* descritivo da ilha dos Amores:

Se alevanta uma penha graciosa,
Rodeada de flores e verdura,
Tam verde, tam florida e tam fermosa,
Como a mais serra seca, aspera e dura,
Na decida entre as arvores fragosa,
Com alegres penedos de mistura,
Uma profunda cova se descobre,
Que faz com o nome e graça o sitio nobre.

Ali entre a pacifica oliveira,
Nos declives outeiros transplantada,
As matas se verão de herva cidreira,
Á fermosa Diana dedicada,
O junquillo, a viola, e a roseira,
Tem a relva de flores marchetada,
E as boninas que a lua fez mais belas,
Azues, brancas, vermelhas e amarelas.

Ali acha no mato o caminhante,
A artemisa em flores graciosas,
E o malvaisco alegre que diante
Do sol abre as boninas cubiçosas,
A madresilva, o jacinto amante,
Que ainda sustenta as letras amorosas,
Como que se esmerava a natureza
Em fazer tal jardim numa aspreza.

Não faltam fontes e arvores crecidas,
Loureiros, freixos, choupos e aveleiras,
Castanheiros em matas mui compridas,
Compridas e copadas cerejeiras,
Por onde em doce vôo entremetidas,
As aves se verão de mil maneiras,
Que dos ramos contino estão cantando
E as aguas dentre as pedras murmurando.

(*Prim.*, III, Flor. 1.^ª).

É também na oitava rima que esboça o aro mimoso de Vila Viçosa (Ég. IX).

No velho *metro peninsular* usou todas as formas consagradas da lirica tradicional.

De *romances*, apenas empregados pelo Montemór que aventurou dois na *Diana*, por sinal que do melhor gôsto em romance de arte, semeou o Lobo, à laia do Lope de Vega na *Arcádia*, uma bôa dúzia,

correctos, mas não superiores. Foram já citados, assim como os dois *para-romances*, em rima de parselhas de pé quebrado — *NAAB BCCdD...*; a sua feitura, novidade métrica do Lereno, é simplesmente deliciosa.

De *redondilhas* fez o consumo próprio de quem tanto prezava a poesia castiça da sua terra e com tamanha perfeição a estilizava. As redondilhas maiores, as octonárias, revestem os tipos sabidos e batidos da métrica quinhentista.

Predomina a *quadra* do esquema rimário *abba*. É constante este estereotipo na poesia do Lereno¹: sempre dois pares de consoantes, próprias da quadra culta, mas em rima fechada, e não em rima alternada, nem com os dois versos dissonos da copla popular.

Nas voltas acolcheta-as aos pares, diríamos em *doble-quadra* — *abba cddc* — a *oitava castelhana de arte menor*². Serve-se muito da *quintilha* — *ababa, ababa, aabba, abbab* — também em parselhas nas voltas, *doble-quintilha* ou *décima*; a segunda quintilha afere ou diverge da primeira no arranjo das consoantes³.

Algumas *décimas* revestem o esquema mais recente — *abbaacc ddc* — atribuído a Espinel, que ao depois se tornou corrente e representativo do género. Tem destas uma de novidade em pé quebrado com versos pares de 4 sílabas (*Prim.*, I, Flor. 8.^a). Associa quadra e quintilha para formar estrofes de 9 linhas — *abbacdc dc* ou *cdcc d* ou *cdcd*.

Nestas redondilhas compõe os *vilancetes*, *voltas* e *glosas*, as espécies clássicas do cancionero, sancionadas entre nós por Sá de Miranda e Camões, e introduzidas na pastoral pelo Jorge de Montemór e seus seguidores — salvante o Lope de Vega, que noto tê-las refugado da *Arcádia*⁴.

¹ Não sei porque os modernos enjeitaram as quadras de rima encadeada, tão gratas ao ouvido.

² A *oitava castelhana de arte maior* — *abbaacc a* — não a encontrei representada.

³ Tal como já fiz notar nas églogas, as quadras e quintilhas deviam vir casadas, duas a duas; salvante porém o caso das voltas e glosas, nas edições autorais seguem de enfiada, uma a uma.

⁴ Esta nomenclatura das velhas espécies métricas não está ainda reduzida a esquemas precisos e definidos. É questão que demanda porfia de estudo (v. C. Car. Mich., *Grundriss*, e Sá de Mir., 1912; Storck e Leite de Vasc., *loc. cit.*).

Da poética do Lobo podem colher-se algumas achegas:

Ao mote ou letra chama geralmente *cantiga*, seja quadra ou terço, dístico ou

A *letra, cantiga* ou *mote*, é própria ou alheia; às vezes vem duma *cantiga velha*¹ — um *cantar viejo* — segundo a usança sabida. Nas voltas em oitavas, a segunda quadra toma as rimas da letra — *abba:: cddc:abba*². Semelhantemente nas quintilhas. Quando o tema tem só três ou duas linhas, emprega muito estrofes de sete regras, *septilhas* — uma quintilha, mais a rima binária do mote — *naa:: bcbbc aa*; são os vilancetes propriamente ditos.

Em *redondilha menor* fez *endechas* de encantadora feitura. Trabalhou os senários nos mesmos moldes estróficos dos octonários. Também meteu algumas *endechas* em rimas toantes.

O lavrante da medida velha é um artista consumado. Tal como para o Montemór e Montalvo, corre-lhe no verso curto a veia deliciosamente. Ao passo que os de inclinação pedantesca, como o Álvares de Oriente, quasi o refugaram, Roiz Lobo entretém-se a lapidar as redondilhas no decurso da pastoral no mais límpido e brilhante facetado. E sempre os octonários escorrem na melhor sonoridade numeral, numa locução fácil, numa consonância perfeita, sem o mínimo constrangimento.

monóstico. As *voltas* são comumente em dobre-quadra, aproveitando na segunda as rimas da cantiga; no caso de terço ou dístico usa muitas vezes as septilhas, juntando à quintilha duas regras com a rima do mote (as voltas da Leanor por ex.). Dêstes dois modos damos as fórmulas no texto.

Por duas vezes chama a estas voltas *vilancetes*; um, voltas de dístico em septilhas (*Prim.*, I, Flor. 5.^a), outro, voltas de quadra em oitavas (*Ib.*, Flor. 6.^a). O verdadeiro vilancete, segundo D. Car. Mich., é sempre em estrofes de sete e de mote que nunca passa de terço; Lobo derroga à regra, dando como tal voltas de oitava sobre mote de quadra.

Na *glosa (grosa)* os versos do mote repetem-se no cabo das estrofes, sempre em décimas — dobre-quintilha ou espinela.

¹ Chama expressamente cantiga velha a esta:

Tenho um bem que mal me trata;
 Não me entendo com ninguém;
 Fujo de quem me quer bem;
 Quero bem a quem me mata.

(*Past. Pereg.*, I, Jorn. 11.^a).

O último verso sai também como divisa numa figuração de pastores (*Prim.*, I, Flor. 9.^a).

Aparece-me este mesmo mote glosado por António de Sequeira no Canc. de F. Tomás e por Eloio Sotomaior nas *Ribeiras do Mondego*.

Já a propósito dos romances mencionamos outros cantares glosados de letras velhas.

² Apenas topo uma vez a segunda quadra com rima alternada *abb:: cddc: abab* (*Prim.*, II, Flor. 7.^a).

Presta a redondilha ao Lerenio todos os efeitos poéticos — narrativas, episódios, cantigas de desfastio ou queixume, quesitos de amor, motes de compita, etc. Recorta-a a primor em peças madrigalescas e anacreônicas. São saborosas as voltas sobre tenções próprias ou alheias, tão predilectas da lirica portuguesa e castelhana, e pelos modos tão apreciadas pelo belo sexo. Algumas dessas letras, vulgarizadas e triviais, vinham de mão em mão. Tais as já servidas ao Cristóvam Falcão, ao Camões e ao Bernardes, de novo glosadas pelo Lobo.

Do Crisfal encontro esta :

Não sei para que vos quero,
Pois d'olhos me não servis,
Olhos a que eu tanto quis¹.

(*Prim.*, II, Flor. 3.^a).

Usado por Camões como mote alheio, depara-se-nos o tema encantador já apontado entre as églogas — *Descalça vai para a fonte, Leanor pela verdura* (Égl. 10.^a), e ainda a letra banal — *Tudo pode uma afeição* (*Prim.*, II, Flor. 7.^a).

Comuns, também como cantar alheio, ao Diogo Bernardes e ao Lobo, temos dois: — *Ando perdido entre a gente — nem morro nem tenho vida* (*Prim.*, III, Flor. 2.^a) e *Sem vós e com meu cuidado* (*Past. Pereg.*, I, Jorn. 4.^a), glosado também por Camões².

De reminiscências de versos camoneanos fez glosas. Tal o verso

¹ D. Car. Mich. achou também o vilancete do Crisfal pôsto na bôca dum português nas *Cortes de la Muerte*.

² O mote alheio no Bernardes vem em copla inteira :

Já não posso ser contente,
Tenho a esperança perdida,
Ando perdido entre a gente,
Nem morro nem tenho vida.

Vejo-o também glosado por D. Francisco de Sá e Menezes. D. Car. Mich. refere-se a esta cantiga, muito parafraseada, na *Infanta D. Maria*. A outra letra no Bernardes é *Sem vós e com meu cuidado*, — *olhae com quem e sem quem*; ao passo que no Lobo muda-se em *Sem vós e com meu cuidado, de que serve entendimento?* Pero Andrade de Caminha também glosou o mote (Priebisch).

Desde a repugnante extorsão perpetrada contra o Bernardes pelo Faria e Sousa, a que depois de vários protestos pôs termo a sr.^a D. Car. Mich. (*O texto das rimas de Camões e os apócrifos*, in *Rev. da Soc d'Inst. do Porto*, 1882), ambas as glosas andaram nas rimas de Camões, onde a coincidência com os motes do Lobo fôra já notada, para o primeiro por Storck, e para o segundo por Th. Braga (*Manual*).

do soneto de Camões, a que há pouco aludimos, glosado em estâncias com uma simples alteração. Uma letra da mesma marca:

Se de um mal vos doeis,
Meu bem, porque m'o negais,
Meus olhos, não m'os quebreis.

(*Prim.*, III, Flor. 6.^a).

onde os dois últimos versos são excertados do mestre, com a mudança dum verbo:

Pois o ver-vos tenho em mais
Que mil vidas que me deis,
Assi como a que me dais,
Meu bem, para que m'o negais,
Meus olhos, não m'os negueis¹.

As teses de amor, ao figurar as justas galantes, são também tratadas em redondilhas. Tais as cinco perguntas do concurso da *Primavera* (II, Flor. 7.^a), respondidas algumas com tanta graça e gentileza.

A antologia do metro menor—que faremos seguir a êste trabalho—difícil de seleccionar pela abundancia do bom, permitirá formar o conceito devido do Lerenó como redondilhista exímio, ao lado de Bernardim, Miranda, Castillejo, Gregório Silvestre, Montemór, Montalvo, Camões. Hão de ficar de fora, por necessidade de limitação, peças por exemplo onde há trechos como êste:

Decia eu daquele monte,
Quando o sol ardia em fragoa,
Fui á fonte beber agoa
E quasi secava a fonte.
Topou-me e disse: — «Essa sêde,
Floricio, não vem da calma»
— «Não (disse eu), que naceu d'alma
Que agua dos olhos me pede.

(*Prim.*, II, Flor. 6.^a).

Nesta arte menor, como então se dizia, o Lerenó tem um pendor particular para o verso mínimo do senário. Deliciou-se a compôr endechas, e delícia quem lh'as lêr. Quantos se entretiveram por vezes neste metro pequenino, mimoso e bem popular, desde o mestre pri-

¹ Storck (*Sämmt Ged.* I) notou esta adaptação, por sinal que se serviu dela para corrigir o texto das diversas edições das rimas, onde se lia — «Meus olhos, não m'o negueis». Pertencem os versos a uma bela glosa ao mote alheio — *Minh'alma, lembrai-vos dela.*

mordial do género, marquês de Santilhana, o cantor da *Vaquera de la Hinojosa*, ressuscitado agora no trovador do Lis. Fizeram endechas Sá de Miranda e Camões (*A Cativa* por exemplo), mas como que de passagem. Os pastoralistas clássicos não as incluíram nas suas novelas; quem primeiro as intercalou, que eu visse, foi o Lope de Vega, algumas por sinal estiradas (*Arc.*, L.º 1.º, 3.º, 4.º e 5.º). O Lobo êsse atira-as às mancheias, como quem junca os livros de boninas do campo, frescas, singelas e louças. Ninguém fez tantas e com tanta sedução, — o *endechista* por excelência. Teem para êle o encanto da simplicidade e rudeza popular; recheia-as de impressões; apropria-as à bôca da cabreira, da serrana, dos vaqueiros e das tricanas do Mondego, de cantarinha pedrada na cabeça, «afrontadas do sol e descalças pela agua do ribeiro».

Mancebinho louro,
Andai descoberto,
Tomareis mil almas
No vosso cabelo.

(*Prim.*, II, Flor. 1.ª).

Um traço de arte viva, riscado no realismo português ¹.

Foge do affectado e do forçado qualquer que seja o metro do verso. Não padece descuidos nem enferma vícios, tão comuns no seu tempo. As licenças poéticas, requintadas até ao absurdo e à depravação do gôsto, de que tanto se usara e abusara, despreza-as; não gosta delas nem precisa; chega a evitar até as mais vulgares

¹ «Cantavam *ao seu modo* estas cantigas», diz o Lobo, a imprimir-lhe o sêlo popular. O mesmo cunho quando escreve:

Levantaram logo
Aquelle outro canto
Que ao som do rabil
Cantam os serranos.

(*Deseng.*, I, Disc. 9.º).

As endechas estavam por tradição na moda do povo rústico. Já no Sá de Miranda se sente a mesma nota, quando verseja diálogos «*a este cantar das moças do adufe*».

Naquella serra
Quero ir a morar;
Quem me bem quiser
Lá me irá buscar.

O Fernão Alvares, a única endecha que compôs, põe-na na bôca dum rude Silvano, como coisa humilde, «com um som grosseiro que ao seu modo sem nenhum artificio respondia» (L. III, Pr. 9.ª).

transposições. A sua técnica traz um cunho raro de perfeição e beleza. Na apoiadura do verso e no jogar das rimas, o Lerenó é, como hoje se diz, um parnasiano.

Não se pode apreciar escorreitamente a excelência da sua métrica sem as correcções necessárias, pois que as edições correntes estão eivadas de gralhas, a que não escaparam também por má revisão as edições originaes. Expurgado o verso, mesmo assim o leitor moderno embicará de longe em longe com certa prosódia e rimas que são, aliás como no Camões, modos verbais então correntes. Os versos, por exemplo, que teem a palavra *saudade* e *saudoso*, saem errados, a coxear duma sílaba, se se lerem à moderna; não existia ainda o ditongo, pronunciava-se — *sa-udade* — assim se lê no Camões e Bernardes. É singular que já no Montemór vejo *saudade* como trissílabo nos versos portuguezes da *Diana*¹. Por *síncope* vocal, escreve *expri-mentar*, *jurdição*, etc. Emprega *esté* em vez de *esteja*. Pronuncia *cudo* por *cuido*, rimando assim por exemplo *descudo* com *sisudo* (*Prim.*, II, Flor. 6.^a); *murmuro* por *murmurio*; *contino* por *continuo*, etc.

Resalvado o caso tanto das deturpações editoriais, como o das dições hoje antiquadas, então perfeitamente normais, subsistem ainda pechas — precalços aliás dos melhores versistas do tempo, incluindo o grande épico, onde os censores da poética encontram não escassamente exemplos de todos os vícios da bôa métrica.

Faça-se ao Roiz Lobo a justiça — é pelo menos a minha impressão — de tê-lo pelo mais puro versificador até à época, entre os poetas portuguezes; não está isento de pecados, mas menos graves são êles por quantidade e por qualidade, mesmo cotejado com o Mestre de quem andam notados versos da mais péssima feitura nos livros da ortopedia poética.

Demo-nos a catar na lírica do Lerenó os êrros e torturas de medida e rima; aí vai a colheita.

O pecado mais trivial era não obedecerem à colisão das vogais que devem dar uma só sílaba métrica, claudicando assim contra a *sinalefa*, donde resultaram versos estragados de hiatos; Lobo respeita

¹ Julgo interessante êste tópico, que não sei tenha sido notado, para a história glóssica do tão dissertado vocábulo. Eis a amostra dos versos do L. 7.^o:

Suspiros, minha lembrança
 Não quer, porque vos não vades,
 Que o mal que fazem saudades,
 Se cure com esperança.
 ... Que nem me mata saudade,
 Nem me dá vida esperança.

em regra a eufonia da sinalefa, mas lá lhe escapam algumas linhas eivadas do pecado da *dialefa*. Topei estas:

E o original como a figura
(*Deseng.*, Disc. 3.^o).

É a hora em que consiste
(*Égl.* 4.^a).

A artimizia em flores graciosas
(*Prim.*, III, Flor. 1.^a).

Perpetra uma vez a absorção proibida dum som nasal na vogal seguinte:

Olhos ante quem o cristal
(*Prim.*, I, Flor. 10.^a).

Não enxerguei exemplos sensíveis das outras enfermidades métricas, gregamente especificadas na patologia das poéticas — esnocções contra que o Lobo se mantém escorreito.

De rimas impuras apanham-se alguns especimes: *mostrou-me, nome* (*Past. Peregr.*, I, Jorn. 10.^a) — *orfeo, veo* (por veiu) (*Past. Peregr.*, I, Jorn. 10.^a) — *vencida, ferido* (*Prim.*, I, Flor. 8.^a).

Estes deslizes, de excepcionais que são, confirmam a regra da correcção do lírico da *Primavera*. Não possuímos autógrafos, como os que há pouco se descobriram de Sá de Miranda, que nos mostrem se a veia saía dum jacto ou se a apurava em correcções sucessivas. Temos todavia três edições da *Primavera*, e na última afirmava ainda o Lerenó no prólogo tê-la submetido às corrigendas, em obediência à crítica própria e alheia. Cotejando as três edições autorais em Madrid, verifiquei que esse prefácio vem já da segunda, e que pelo menos na parte métrica não fez, nem numa nem noutra, adição ou emenda de monta ao texto *princeps*. Resalvam-se as endechas — espécie de *lei dos amantes* —, que tão curiosamente se destacam logo das primeiras peças (Flor. 1.^a). Aí sim recompôs, mudou e acrescentou, no manifesto propósito de deixar a joia o mais bem lavrada que pôde. Aí vão as quadras alteradas:

1.^a ED.

O seu fruto ingrato
Lhe traga das vinhas,
Traga-lhe das pinhas
Quando vem do mato.

Ora os roixinoes,
Ora os passarinhos,
Lhe traga dos ninhos,
Quando vem dos bois.

2.^a ED.

Traga-lhe das vinhas
O seu fruto ingrato,
Quando vem do mato,
Traga-lhe das pinhas.

Pardos roixinoes,
Ledos passarinhos,
Lhe traga em seus ninhos,
Quando vem dos bois.

Emquanto a manada
Pasce ervas, cortando
Lhe esteja lavrando
A roca pintada.

Emquanto a mana da
Anda apascentando,
Lhe lavre cantando
A roca pintada.

e as quadras intercaladas :

Se vem do serviço,
Traga das montanhas
As moles castanhas
No seu crespo ouriço.

Se em monte ou ribeira
Cria enxame bravo,
Dê-lhe o doce favo
Da crésta primeira.

Se a tarde e sol posto
Lhe parece bem,
Mostre que não tem
Mais Sol que o seu rosto.

E se a noite fria
Lhe contenta mais,
Mostre por sinais,
Que quer mal ao dia.



Ao tempo o preciosismo começava de sombrear a literatura; eram os requintes culteranos da ideia e da forma, tão caros a Marini e a Gongora, preliminares duma verdadeira peste escritural que por toda a parte cevou, mas que em Portugal se requintou como em parte alguma.

As letras portuguesas, como nenhuma outras, se derrancaram em fermentação sordida que entreteve uma triste fase, longa e profunda, de estranha putrescência cerebral. Roiz Lobo não se mostra tocado da contigação incipiente; todo o seu temperamento de concepção e de arte contrasta com as tendências da moda e as perversões do gôsto.

Haverá conceitismo nos seus versos, mas não passa de ser o geito remanente da lírica do cinquecento, da poesia erótica abeberada nas rimas do Petrarca e nos diálogos do Leão Hebreu. Na esteira do mestre da lírica nacional, psychologiza, verbaliza e estiliza o tema do amor, sob todas as fases e faces da hipersentimentalidade platónica.

As rimas entrançam-se em conceitos e frases, entresachadas de antíteses, imagens e hipérboles; mas evitam-se em regra as ambiguidades e escurezas, as contorsões da locução e os jogos de vocábulo. Os equívocos eram entre nós desde muito um tique de gente culta principalmente entretido no derriçar da conversa galante, pelas salas dos cortesãos e pelas grades dos conventos. Camões nas *Cartas* faz jogos malabares de trocadilhos, de bem fraco gôsto por sinal; e as frases do Soropita estão inçadas da mesma pecha. Na prosa e no diálogo o Rodrigues Lobo escapa integralmente incólume a êsse séstro de mimetismo verbal, de frase direita e chã. Camões no verso delinuiu apenas, e o Lerenó, à feição do mestre, apenas arrisca muito

raro um trocadilho. De aliteraões em dúplo sentido, topei estas passagens aliás nas peças mais comesinhas:

E se seus amores
Nasceram d'amor,
Seja *lavrador*,
Pois que *lavra dores*.

(*Prim.*, I, Flor. 1.^ª).

Fora-se o meu damo
A *gradar* no valle,
Quero-me traz elle
Que outrem não lhe *agrade*.

(*Prim.*, II, Flor. 1.^ª).

Que eu tomei porfia
De cuidar só nella,
De noite de *vê-la*
Por *vê-la* de dia.

(*Prim.*, II, Flor. 4.^ª).

Passada vinha do temor passado

(*Prim.*, I, Flor. 2.^ª).

E por ser *graça* o que quis,
Quanto quis me deu de *graça*.

(*Prim.*, III, Flor. 3.^ª).

Sois senhores, olhos *negros*,
E quantos olhos vos vem
São vossos *negros* também.

(*Prim.*, I, Flor. 7.^ª).

Dizei, Silvanea, que monta
Que os meus cuidados ateis
Entre as *contas* que trazeis,
Se deles não fazeis *conta*.

(*Past. Peteg.*, I, Jorn. 7.^ª).

Se em alguns há graça e clareza, outros trazem a má nota dos trocadilhos forçados. Bacilos raros, em todo o caso, do maligno virus que inficionou logo um Brás Garcia ou uma D. Violante, e revivisceu mesmo agora — quem o diria — com sinistra agudeza no Rostand do *Chantecler*.



Outros encabeçamentos haverá nas voltas e glosas do Lobo, além dos já apontados, extraídos dos nossos quinhentistas e doutros poetas peninsulares; indicados ficaram já os de Boscan, Montemor, Camões e Bernardes, e mais poderá catar quem, dotado de erudição e me-

mória do verso, fizer a busca com paciência. Era o costume de todos os cancionadores maiores e menores.

Um lirista desta pujança não precisa de empréstimos nem de tocar nos bens alheios; vive à farta do seu próprio fundo de inspiração e de estilo. Nem por isso, como é sabido, perde os seus foros a solidariedade literária. Dadas as influências dominadoras do seu espírito, natural é que elas se acusem na sua obra como reminiscências, conscientes o mais das vezes. Há passagens que farão lembrar aquêles que o poeta amorosa e admiradamente especifica como seus senhores e mestres: Petrarca, Sannazaro, Sá de Miranda, Garcilasso, Montemór, Camões, Lope de Vega.

Do grande poeta das Espanhas o influxo é profundo na alma e no estilo do Lerenó; herdeiro da sua lira, abundam-lhe os traços fisiológicos da paternidade. Divisam-se até modos de dizer, locuções habituais, pontas de frase. É o seu poeta por excelência, o poeta por antonomásia: «Entre nós, quando nomeamos o *Poeta*, se entenderá Luis de Camões... (*Côrte na Aldeia*, Dial. IX). A Natércia do apaixonado lírico figura na pastorada lisboeta da *Primavera*¹ (III, Flor. 4.^a) e na das *Eglogas* (v), como irmã de Theonio. A Camões também alude talvez numa passagem da pastoral ao despedir-se o Lerenó do Florício (*P. P.*, Jorn. 4.^a) a quem oferece como penhor de lembrança uma «fruta de lavrado marfim, esmaltado de flores de ouro, que nos campos que banha o estrangeiro Ganges, deu o sagrado Apolo a um pastor lusitano que venceu no canto a todos os da sua idade». Lobo preiteava a primazia do incomparável lirista.

A crítica chama *paralelismos* a estes encontros de ideia e de forma, que, por um lado a hereditariedade e a mesologia artísticas, e pelo outro a identidade e a repetição dos temas, hão de forçadamente tornar frequentes em literatura comparada. As fontes onde bebeu Camões, saciaram também a musa do Lobo, sujeito igualmente ao mesmo influxo artístico e estilístico do tempo e do meio. E sobre esta comunidade educativa pesou ainda o ascendente do Mestre que simbolizava para todos o triunfo da literatura nacional. Daí similitudes, que não trazem quebra de originalidade e de espontaneidade. Pode mesmo afirmar-se que zela com raro escrúpulo a produção da sua marca; esforça-se por ser extremamente seu, cioso da sua propriedade lírica num grau bem mais acentuado que os mesmos primazes, um Garcilasso e um Camões.

Seria ocioso e talvez impertinente notar e desfiar miudamente

¹ Th. Braga já tinha divisado o anagrama na *Primavera*. Os deturpadores das edições postumas, de Natércia fizeram *Natареja*; já é!

estes paralelismos. Aí vai um, já malignamente apontado pelo Faria e Sousa.

Lobo:

Amor...
Com transformar-me assim ficou vingado,
Que foi para este mal que me condena,
Homicida na culpa, algoz na pena.

(*Prim.*, I, Flor. 2.^o).

Camões:

Saibam que o mesmo amor que me condena,
Me fez cahir na culpa e mais na pena.

(Canção 2.^o).

(Cf. Costa e Silva).

Outro.

Lobo:

Já nace o bello dia,
Principio do verão formoso e brando,
Que com nova alegria
Estão denunciando
As aves namoradas
Dos floridos raminhos penduradas.

Já abre a bella aurora
Com nova luz as portas do Oriente...

(*Prim.*, I, Flor. 1.^o).

Camões:

Já a roxa manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo...
Os passaros voando
De raminho em raminho vão saltando,
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.

E outros mais por certo se poderiam espilhar. Imitações que sejam, conscientes ou inconscientes, não acusam servilidade nem apoderação. A assimilação por imitação está na base de todos os processos literários, dos mais lícitos e fecundos. Imitar não é a cópia, nem o pastíquio, nem o plágio (Albalat)¹; é um método de aquisição e exercício de arte, que se casa bem com a originalidade e a personalidade. Lobo impregnou-se do fundo geral de ideias, imagens e expressões dos corifeus do lirismo peninsular e italiano, dos mestres e guias da poesia moderna e antiga; a sua bucólica herda do Garcilasso e do Camões, do Montemór e do Sannazaro,

¹ *De la formation du style par l'assimilation des auteurs*, 7.^e ed., 1910.

do Vergílio e do Teócrito, herança apropriada e beneficiada pela sua inspiração e temperamento pessoal. É um sucessor e continuador dos grandes mestres, sem o descaramento do roubo, sem a chateza da servilidade, sem a fraqueza da cópia.

Ao tempo sôbre originalidade e propriedade literária não vigoravam os escrúpulos de hoje em dia. Arrancar a um autor cèlebre, moderno e sobretudo antigo, as passagens de mais preço para ornar as produções próprias, era trivial e até bem aceito; tudo estava apenas em ajeita-las e enxadrezá-las com habilidade e elegância. Estas passagens de mão em mão dos tesoiros poéticos de ideias, tropos, comparações e locuções, são clássicas em literatura comparada. Camões copia e traduz o latino e o italiano, e com mais paixão o seu imediato antecessor Garcilasso: veja-se, entre tantos tópicos citáveis, aquêlê introito da Égl. vi:

Cantando por um vale docemente,
Desciam dois pastores...
Lamentando seu mal, seu duro fado...

Em flagrante transsunção do Garcilasso:

El dulce lamentar de dos pastores
He de cantar, sus quejas imitando...

A raiz vai buscá-la o Faria e Sousa ao Petrarca — «passavan dolcemente raggionando» (*Com.*, Égl. II, n.º 9).

Não era pechoso o Garcilasso, que se regala de vez em quando nas transcrições do Sannazaro. O italiano a seu turno tira às mancheias do Vergílio e dos maioraes greco-latinos, despejando-os à carga cerrada nos endecassilabos das églogas da *Arcádia*. O mantuano bucolizou de ouvido fito no patriarca Teócrito, servindo de admirável eco ao siracusano. Calca-se o idílio em edições imitativas através do grego, do latino e do renascentista, tal como a epopeia que o Vergílio reproduz do Homero, que os italianos e Camões nos servem com traslados e empréstimos dos modêlos antigos.

Tais hábitos, assim gloriados, enraizaram-se de modo que perseverou na literatura dos séculos xvii e xviii a licença de «prendre son bien où on le trouve», como dizia o Molière. Pode-se trilhar o caminho alheio sem calcar as pègadas feitas, e muito embora esse sistema fosse tão seguido, deve reconhecer-se que o pastoralista do Lis dificilmente se encontra em delito de mimetismo⁴. Tem um

⁴ Há imitações que naturalmente acodem, como usos diversos que são da aplicação da mesma imagem, através dos tempos e das literaturas. Vergílio pôs as

conceito da moral literária tal como hoje a exaram os mandamentos do escritor probo ¹.

cabras *penduradas* nos rochedos; Rousseau e Lamartine *dependuraram* sobre o abismo as penedias; Víctor Hugo ousa *dependurar* a queda do alto do precipício. O nosso Lobo *dependura* a cascata:

Aguas que penduradas desta altura,
Caís sobre os penedos descuidadas...
(*Prim.*, II, Flor. 1.^a).

Estes contactos podem deixar de ser imitações propositadas, como simples encontros casuais. A conhecida *Canzonetta* do Metastasio em duas estâncias, pelo menos, condiz com a canção do Lobo que o famoso poeta italiano nunca teria lido:

Già riede Primavera
Col suo fioritto aspetto,
Già il grato zeffiretto
Scherza fra l'erbe e i fiori...

Todos conhecem aqueles versos do magnífico soneto de Antero de Quental:

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza.

Pode lêr-se num soneto do Lobo a mesma ideia:

Uma côr vi porém, côr tão fermosa
Que me não pareceu da natureza.
(*Prim.*, II, Flor. 4.^a).

Antero via nos olhos da Virgem Maria o que quer que fosse de inatural que o Lerenos mais de dois séculos antes enxergara nos olhos da sua amada. Ora é para duvidar que o grande sonetista tivesse sequer deitado a vista às poesias da *Primavera*.

¹ O pecado seria venial outrora perante os costumes dominantes; mais uma vez a moral crítica tem de se adaptar aos tempos. Não há em regra intenção desleal entrar em conta; e neste pendôr Fitzmaurice-Kelly faz abruptamente no prólogo do seu manual, como profissão de fé, a declaração de que, ao referir-se a empréstimos literários, afasta o mal-entendido do plágio. Não se pode ser assim latitudinário hoje em dia, em que as normas da probidade escritural são outras, não faltando até homens de direito que pretendam em certos casos conferir-lhes até a sanção jurídica do delito e da pena (A. Montenuis, *Le plagiat littéraire*, 1911). Nem por isso as infracções minguam, e Emilio Faguet, queixando-se da relaxação dos costumes literários, vai até afirmar que nunca o plágio esteve em tanto florescimento.

Grandes reus têm sido chamados à barra; baste nomear Musset, About, Dumas, Zola, Annunzio. Entre nós temos, como pecador relapso na apropriação ideativa e verbal, Eça de Queiroz (v. João de Meira, *Influências estrangeiras em Eça de Queiroz*, 1912, que tratou aliás o caso com demasiada complacência). O escritor



Livro assim não podia deixar de marcar época, e marca-a a fundo. É a primeira novela de arte portuguesa e quasi a única lida por mais dum século neste país, tão sáfaro à novelística. E ainda mais, é a primeira lírica imediata à de Camões; o sentimento, a pujança, a delicadeza e a harmonia do verso conferem-lhe lugar dos mais altos entre os poetas líricos de todas as literaturas (Bouterwek).

Encerra o derradeiro escriptorio da poesia quinhentista, fecha com o maior brilho uma fase irradiante, seguida logo dum eclipse que vai durar dois séculos. A prosa inaugura a dos mestres seiscentistas do período. É ao mesmo par a *Primavera* o *ultimum moriens* da grande poesia e o *primum vivens* da grande prosa portuguesa.

(Continúa)

RICARDO JORGE.

brioso deve poder dizer como George Sand, que nunca pediu emprestado uma página, uma linha a quem quer que fosse. Camilo reptou os seus adversários com a mesma isenção altiva. E a propósito leia-se o mordente folhetim do mestre, mettendo facetamente à bulha os clássicos, apanhados a pilharem-se uns aos outros.

Vegetais e Animais

Animais, e *Vegetais* ou *Plantas*, são palavras da linguagem vulgar e corrente, talvez tão velhas como a própria humanidade.

A sua origem deve-se a uma generalização, bem simples e intuitiva, que acudiu naturalmente ao curto espírito dos nossos primeiros antepassados, como consequência mais ou menos mediata da observação rudimentar dos corpos que os cercavam. Dentre eles, distinguiram os *mortos* dos *vivos*; e, destes últimos, uns eram *Animais*, e outros *Plantas*. E o critério em que baseava esta classificação era, sem dúvida, a noção confusa da capacidade de movimento próprio — os Animais mexiam-se, e as Plantas não.

Como este critério se applicava facilmente a todos os corpos conhecidos, os termos correspondentes tinham uma significação bem determinada. O seu emprêgo era pois cómodo, e assim se generalizou e se manteve até aos nossos dias, através duma evolução muitas vezes secular.

Ainda hoje, com efeito, para a grande maioria das pessoas, desapercebidas de certas noções scientificas, estas palavras são dum uso corrente e fácil. Entre as Plantas e os Animais mais complexos — os únicos que pelas suas dimensões são do conhecimento do vulgo — a confusão seria impossível, não havendo assim motivo para hesitação no emprêgo daqueles termos. Quando muito, essa hesitação ter-se há esboçado no espírito dalgum visitante de aquários, ao contemplar, na meia luz das piscinas, os elegantes polipeiros dos coraliários, ou as anémonas, cuja corôa de tentáculos oferece a aparência de flores.

Mas as palavras Animais e Vegetais fazem também parte da linguagem scientifica. Representam a distribuição da totalidade das formas vivas em dois Reinos, a que correspondem os dois ramos da Biologia — a Zoologia e a Botânica. E agora, além dos seres macroscópicos, há a entrar em linha de conta com a infinidade de microorganismos, de que o vulgo tem apenas uma vaga noção. ¿Será ainda tão fácil e cómodo o seu emprêgo?



Se abrirmos, ao acaso, alguns tratados de Botânica ou de Zoologia, notaremos que em muitos deles, o autor bem pouco se ocupou em delimitar com precisão o objecto do seu estudo. Na parte sistemática terá, com grande cópia de caracteres distintivos, todo o cuidado na demarcação das famílias, géneros, espécies, e doutras quaisquer divisões taxionómicas; mas supõe o leitor capaz de determinar, *a priori*, se um certo organismo é Planta ou Animal, sem que para êsse efeito lhe forneça os mais insignificantes dados.

Noutros, porém, o assunto é versado com maior ou menor desenvolvimento. E é curioso observar que o critério seguido pelos Botânicos, não é, em geral, o mesmo dos Zoólogos.

Os primeiros recorrem à clorofila, ou, dum modo geral, a um pigmento assimilador, e à presença da cellulose no revestimento das células. O primeiro carácter é insuficiente, e o segundo, mais geral, tem a vantagem de dar foros de cidade no Reino Vegetal aos Fungos, e a outras Plantas saprofitas e parasitas.

Basta folhear um livro de Zoologia para se verificar que os Zoólogos não estão de acôrdo com esta solução do problema. Com efeito, entre os Protozoários estudam-se numerosos organismos, dotados dum pigmento que lhes permite realizar a foto-síntese, e cujo revestimento é celulósico. Esta mesma substância, ou pelo menos uma substância muito semelhante¹ encontra-se também nos tecidos superficiais de animais bem mais elevados em organização (tunicina, na túnica das Ascídias).

A êste respeito deve porém fazer-se uma observação. É corrente, em muitos livros de Botânica, falar-se em cellulose, como se a êste termo correspondesse uma idea perfeitamente definida. Ora a verdade é que é bem pouco o que se sabe àcerca da natureza química das matérias que constituem as membranas das células vegetais. Nas Plantas superiores, os trabalhos de MANGIN vieram revelar o importante papel desempenhado por certas substâncias, normalmente associadas à cellulose, mais ou menos vagamente designadas pelos termos de *pectose* e *calose*. Nas Plantas inferiores, a nossa ignorância é maior: tudo leva porém a crer que não há uma cellulose única, mas diversas celluloses. Já se inventou o termo fungocellulose para a substância que reveste o micélio de certos Fungos, e que não dá a re-

¹ DELAGE et HEROUARD, *Traité de Zoologie concrète*, tom. VIII, pág. 135, nota.

acção característica com o cloro-iodeto de zinco; e noutras espécies, WILSON reconheceu a existência da quitina. Em boa lógica, pois, falar em celulose é iludir uma dificuldade.

DELAGE e HEROUARD, no seu monumental tratado de Zoologia, depois de fazerem a exposição crítica do assunto, inclinam-se para o carácter da mobilidade no estado adulto, como sendo aquele que, praticamente, fornece o melhor critério distintivo entre Plantas e Animais. Mas estes mesmos autores, depois de citarem alguns casos em que êste modo de ver não é aplicável (Bactérias, Oscilárias, Diatomáceas (dentre as Plantas), Coccídeas (dentre os Animais), confessam ter-se deixado guiar, nos pontos difíceis, pelo «sentimento das afinidades». Curvemo-nos, reverentes: mas o «sentimento das afinidades» é uma fórmula, que por ser hábil não deixa de ser vaga e imprecisa. Estamos quâse tentados a afirmar que êste «sentimento» não é mais do que a fôrça oculta das ideas preconcebidas.



O caso é que não tem sido possível encontrar nenhum critério, que satisfaça a gregos e troianos, que nos permita estabelecer com precisão a mais fundamental das divisões dos Seres vivos. E convêm desde já acentuar que o assunto é importante, ao invés do que muitos julgam e afirmam: e o simples facto de haver organismos de posição sistemática litigiosa, simultaneamente Plantas e Animais, e por vezes nem uma nem outra cousa¹ já por si falaria bem alto.

¹ Como exemplo curioso e concludente do que afirmamos, apresentamos o seguinte caso:

Numa publicação alemã, de Kiel, intitulada *Nordisches Plankton*, os fascículos referentes aos vários grupos sistemáticos foram distribuídos a diferentes autores, segundo as suas competências. O que se referiu aos Dinoflagelados, não se ocupou do *Noctiluca miliaris*, agente da fosforescência das águas marinhas, e como tal um dos organismos mais interessantes do *Plancton*. E o motivo foi sem dúvida o seguinte: os Dinoflagelados, como organismos fotosintéticos, foram considerados Plantas, e o autor julgou-se desobrigado de falar no *Noctiluca* muito próximo pelos seus caracteres morfológicos, sem dúvida, mas desprovido de pigmento assimilador. E assim abandonou-o, convencido decerto que os Zoólogos colaboradores o atenderiam com o cuidado a que tinha *jus*, pela importância da sua função...

Mas os Zoólogos, pessoas de bom senso, entenderam que o *Noctiluca* era inseparável dos Dinoflagelados, e, como estes estavam entregues aos Botânicos, êle também lhes pertencia de direito...

E assim, em toda a colecção do *Nordisches Plankton* não se fala no *Noctiluca miliaris*, pobre pária, ao qual tantas vezes devemos o impressionante espectáculo da luminosidade das águas do mar.

É na evolução histórica das Ciências Naturais que vamos encontrar a explicação cabal dêste lamentável estado de cousas. Com efeito, até à invenção do microscópio, as únicas formas vivas sôbre que podia incidir a atenção dos Naturalistas eram aquelas que, pelas suas dimensões, fossem visíveis à simples vista. E, como já tivemos ocasião de observar, para essas a divisão em Animais e Vegetais impõe-se, sem que possa sequer subsistir a sombra duma dúvida.

Mas, no decorrer do século XVII inventa-se o microscópio; e a influência que êsse admirável instrumento de investigação teve nas Ciências da Natureza foi colossal. Pouco a pouco, à medida que se ia aperfeiçoando o tôsko aparelho de HOOKE de MALPIGHI e doutros ainda, crescia cada vez mais o número dos seres vivos registados e observados. E assim se descobriu um mundo de seres microscópicos, incomparavelmente mais numeroso, mais variado e interessante do que o dos seres macroscópicos.

Essa descoberta porém, foi lenta; já lá vão dois séculos, e o riquíssimo manancial da Natureza está ainda bem longe do esgotamento. E assim, cada novo Ser que penetrava nos registos da Ciência, através das objectivas e oculares dos microscópios, ia recebendo a sua colocação sistemática nos quadros preexistentes. Uns iam para as Plantas, outros para os Animais, segundo as suas afinidades mais evidentes; e desta maneira, com o concurso da força da tradição, êsses quadros iam-se mantendo.

Já porém antes, e bem antes, da invenção do microscópio se faziam ouvir vozes discordes, reclamando a formação dum novo Reino, intermediário aos Animais e às Plantas. FREIGIUS aventava essa idea em 1579; e o grande LINNEU, que supria as deficiências da sua simples lupa com uma intuição profunda das cousas da Natureza, proclamava a existência dos Zoofitos, ser s mistos de Animais e Plantas. Êste movimento desenha-se mais nitidamente com LAMARCK, e com BORY DE ST. VINCENT, que demarcou os limites do novo Reino, batizando-o com o nome de Psicodiário. Nos tempos modernos, é o célebre filósofo e naturalista alemão HAECKEL o mais alto representante desta tendência, que se concretizou na organização do Reino dos Protistas, onde se encontram englobadas muitas Algas e Fungos e a totalidade dos Protozoários.

Longe de nós a idea de vir aqui combater em prol dêstes sistemas, nos seus termos precisos, e na significação filosófica que lhe atribufam os seus autores. A sua crítica, e o seu processo conde-

natório já foram lavrados pelo desenvolvimento da Ciência da Natureza — e hoje o seu valor é mais histórico do que prático. Mas queremos frisar que muitos naturalistas, e dos melhores, foram impressionados pela incongruência do sistema clássico de agrupamento das formas vivas, e que procuraram dar-lhe remédio, dentro dos limites que lhes eram naturalmente impostos pelo estado de desenvolvimento da Ciência do seu tempo.



Ponhamos de parte, por um momento, todas e quaisquer considerações de ordem filosófica, e limitemo-nos a apreciar o problema pelo seu lado prático. Suponhamos que fizemos *tabula rasa* do pesado fardo das ideas preconcebidas, que a vida quotidiana e o ensino clássico durante longos anos fundamente radicaram no nosso espírito. E eis-nos assim na situação dum naturalista extraterreno, possuidor da nossa técnica de investigação, mas totalmente ignorante do nosso passado e estranho às ideas que ele nos legou. Êsse naturalista, ao contemplar a massa imponente das formas vivas que habitam o nosso Globo, procuraria, antes de mais nada, agrupá-las segundo as suas semelhanças, por forma a poder abraçar numa vista de conjunto o caos infinitamente variado que se lhe deparava. Não sabemos quantos, nem que grupos faria; mas decerto não colocava para um lado a Amiba e o Homem, e para o outro a Bactéria e o Plátano.

Êste ponto parece-nos capital. Na primeira, e na mais fundamental das divisões que estabelecemos nos seres vivos, não applicamos nem seguimos o vulgar e banal critério de todas as classificações, sejam elas quaes forem — o agrupamento baseado numa semelhança de qualquer ordem. Ninguêem decerto ousará afirmar que a Amiba se parece mais com o Homem, e a Bactéria com o Plátano, do que a Amiba com a Bactéria — quer a semelhança que invocamos seja morfológica, fisiológica, ou outra qualquer.

Bem sabemos que as classificações chamadas naturais, hoje geralmente usadas em História Natural, pretendem atingir um fim mais elevado, o qual é o agrupamento pelo grau de parentesco que liga as espécies, géneros, etc., na longa evolução dos seres vivos. Havemos de encarar, dentro em pouco, esse aspecto do problema: por agora basta-nos lembrar que são bem escassos os dados que nos oferece a Ciência filogenética, e que, na totalidade dos casos, o presumido parentesco se baseia em semelhanças morfológicas. As classificações naturais, pois, não são mais do que classificações morfológicas em que os caracteres são racionalmente escolhidos: e assim, a observação que fizemos acima permanece inteiramente de pé.

Visto pois por êste lado o problema, não há dúvida que tem uma solução perfeitamente determinada. A divisão dos seres vivos em Animais e Vegetais é irracional e anti-científica.

Mas é corrente a idea de que o conjunto dos Animais, por um lado, e o conjunto das Plantas, pelo outro, representam duas séries filogenéticas perfeitamente distintas a partir dum presumido ascendente comum. E neste caso, os dois Reinos representariam os dois únicos e grandes ramos da árvore genealógica da Vida.

Esta tese, enunciada pelo menos desta forma tão absoluta, pode reputar-se insustentável. Que as Plantas superiores derivem dum só tronco, isso parece quâse certo; e o mesmo se poderá talvez afirmar dos Animais mais elevados em organização. Mas nada nos prova *a priori*, que idêntico facto se dê quanto às formas morfológicamente inferiores dos dois Reinos. Pelo contrário, quer-nos parecer mais aceitável a idea de que a diferenciação evolutiva das espécies, a partir da presumida forma primitiva, se tenha operado simultâneamente em muitos sentidos, e não exclusivamente em dois.

Não é difficil citar factos que militem a favor dêste modo de ver. Com effeito, se a diferenciação se tivesse apenas produzido em dois sentidos divergentes, dando origem aos dois troncos Vegetal e Animal, que tivessem evoluçionado perfeitamente independentes, devia haver necessariamente um carácter que os separasse com toda a nitidez, e que seria, em última análise, o que teria caracterizado a bifurcação da forma primitiva. Ora, como já aqui temos referido por várias vezes, teem sido infrutíferos todos os esforços no sentido de determinar esse character: e assim é razoável supôr que não existe.

Por outro lado, a independência dos dois troncos não parece confirmar-se: há Plantas, cujas raízes filogenéticas se encontram entre os Animais, muito provavelmente. É o que se deduz das afirmações de PERAGALLO, que faz derivar as Diatomáceas cêntricas e penadas respectivamente da Thecamibas e das Gimnamibas.

Não nos parece pois que os magros dados da Filogénia sejam de molde a justificarem a divisão das formas vivas em Animais e Plantas. E convêm ainda lembrar que aquilo a que nós, pomposamente, chamamos dados da filogenia, são simples presunções, cuja confirmação talvez nunca possamos obter.



Mas o problema tem ainda outra face. Visto que a existência dos dois Reinos é geralmente aceite, o ensino da Biologia faz-se, na grande maioria dos Institutos, em duas cadeiras, Botânica e Zoologia,

regidas em laboratórios diferentes, por professores diferentes. E os inconvenientes que daqui resultam são de várias ordens.

Primeiramente, não nos parece razoável que as Bactérias, as Cianofíceas, as Conjugadas, as Diatomáceas e ainda outros organismos sejam no ensino separadas dos Protozoários, com os quais teem as mais íntimas afinidades. O que é pedagógico é que organismos semelhantes sejam estudados em conjunto, e não em laboratórios e por professores diferentes. Feito desta forma, o ensino há de ser necessariamente incompleto: é como se num curso bimestral de Botânica especial, um dos professores se ocupasse dos Fungos, das Muscíneas e das Gimnospérmicas, deixando ao outro as Algas, as Criptogâmicas vasculares e as Angiospérmicas.

Em segundo lugar, desde que entre os professores não haja um acôrdo acêrca dos limites, necessariamente arbitrários, dos respectivos programas, pode dar-se o caso dos mesmos organismos serem estudados duas vezes, o que não teria talvez inconveniente de maior, ou de não serem compreendidos no ensino — abandonados pelo professor de Zoologia que os considera Plantas, e pelo de Botânica, que lhes confere o título de Animais — o que seria evidentemente peor.

E poderíamos ainda alargar mais o quadro dos inconvenientes que resultam para o ensino e para a especialização dos professores da manutenção da divisão clássica dos seres vivos.



Em resumo: a divisão do conjunto das formas vivas em dois Reinos, Animal e Vegetal, que se impunha numa fase já longínqua da História Natural, mantêm-se hoje apenas em virtude da tradição. Tem sòmente valor histórico, desde que a descoberta dos seres microscópicos a abalou nos seus fundamentos scientificos e pedagógicos.

Torna-se pois necessário proceder à distribuição dos organismos por novos quadros, scientificamente aceitáveis e pedagogicamente vantajosos.

DR. L. WITTNICH CARRISSO

Assistente na Faculdade de Ciências.

Uma viagem de estudo à Inglaterra

(PRINCÍPIO DE JULHO A MEADO DE NOVEMBRO DE 1913)

RELATÓRIO APRESENTADO A FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Quando a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra me autorizou a fazer uma viagem de estudo que dotou com os necessários meios pecuniários, não me impôs um objectivo especial, deixou-me inteiramente livre na escolha do melhor modo de a aproveitar para o progresso do meu espirito e aperfeiçoamento dos meus conhecimentos nos assuntos a cujo ensino me dedico. Foi uma honrosa prova de confiança que quero aqui mais uma vez agradecer antes de passar a dar contas do uso que fiz do meu amplo mandato.

I

Utilidade da residência em um país para a melhor compreensão da sua literatura. — Excursões na Gran Bretanha

«Je commençais à démêler ces idées lorsque, pour la première fois, je débarquai en Angleterre, et je fus singulièrement frappé des confirmations mutuelles que se prêtaient l'observation et l'histoire; il me semblait que le présent achevait le passé et que le passé expliquait le présent».

H. TAINE, *Histoire de la Littérature Anglaise*,
vol. IV, *Conclusion*.

Não lastimei muito que as exigências do ensino, não me permitindo ausentar-me em pleno período lectivo, me impedissem de empregar a minha viagem em estudar a organização do ensino superior das literaturas estrangeiras nos principais países da Europa. Não o teria feito em quaisquer circunstâncias por julgar que, no meu caso especial, não era êsse o maior proveito a tirar duma viagem de es-

tudo. O mesmo não direi dum outro plano que a mesma causa, junta à insuficiência da dotação para uma longa permanência no estrangeiro, me forçou a abandonar. Refiro-me à inscrição, em que ainda por um momento pensei, no curso especial de estudos ingleses que para o aperfeiçoamento de estudiosos estrangeiros funciona na Universidade de Londres (*University College*), do princípio de outubro ao fim de maio.

Este curso, de que tinha pedido os programas e regulamento, é admiravelmente organizado e dêle fazem parte trabalhos experimentais no laboratório de fonética, sob a direcção do illustre foneticista DANIEL JONES, *lecturer* de *University College*, a quem ainda terei que me referir, a propósito dum outro curso muito mais breve que segui na mesma Universidade.

Não é porém unicamente seguindo cursos que um professor duma literatura estrangeira aproveita o tempo no país em que essa literatura se desenvolveu e continua a viver. A simples permanência por alguns meses nesse país seria já duma grande utilidade, embora a ela me limitasse, o que não fiz. A acção do ambiente nacional, os aspectos das cidades e da paisagem, os tipos das ruas, as multidões, as conversas de acaso, instilam insensivelmente no espirito uma aptidão para melhor compreender a literatura, formam um comentário vivo, uma série de ilustrações preciosas à poesia, ao romance, à história social e política da nação. Mas um simples relatório oficial é impróprio para dar conta desta acção de todos os instantes dos aspectos físicos e da atmosfera moral. Mesmo um livro de viagens tem às vezes malhas demasiado largas para reter todos os inúmeros pequenos factos significativos. Bem minuciosa é a obra de TAINE *Notes sur l'Angleterre* e todavia não regista toda a influência que o conhecimento do país exerceu sobre *Histoire de la Littérature Anglaise*. JUSSERAND, outro grande historiador francês da literatura inglesa, não escreveu livro algum de observações sobre a Inglaterra, mas a cada página da sua admirável *História Literária do Povo Inglês* se adivinha quanto o atento exame do presente auxiliou o seu espirito na compreensão do passado. Nenhuma razão há para que o mesmo não suceda a um obscuríssimo estudioso do mesmo assunto, embora em escala muito mais reduzida, está claro.

Não quero passar a outros assuntos sem dizer o que fiz para metodizar esta acção do cenário da literatura que estudo com paixão há bastantes anos e para lhe dar o máximo de eficácia. Visitei quanto me foi possível as regiões mais estreitamente ligadas à obra de certos escritores e a certos movimentos literários e também aquelas que, além de notáveis monumentos architectónicos, conservam no aspecto

geral as feições características da Inglaterra doutros tempos. Todas estas características apresenta o condado de Warwick a que fiz uma excursão, não só para ver a pátria e a casa de SHAKESPEARE, as ruínas do castelo de Kenilworth, o magnífico e pitorescamente situado castelo de Warwick, a velha e pacífica cidade que dá o nome ao condado, mas também e talvez mesmo sobretudo para ver a paisagem dos romances da grande escritora MARIAN EVANS, conhecida na literatura pelo pseudónimo famoso de George Eliot.

O meu interesse pela época e movimento a que se convencionou chamar «romantismo» levou-me a passar alguns dias na região dos lagos ingleses. É demasiado sabido hoje para que seja necessário gastar com isso muitas palavras que a célebre «escola dos lagos», em que de vez em quando ainda se fala a sério no continente, nunca existiu. Os escritores que formaram o grupo assim designado, se exceptuarmos até certo ponto WORDSWORTH, COLERIDGE e ainda o grande prosador TOMÁS DE QUINCEY, apenas tinham em comum residirem todos nesses retalhos dos condados de Westmorland, Cumberland e Lancashire que formam o chamado *Lake District*. Nenhuma comunidade de opiniões literárias ou afinidade de sentimentos os unia. Pelo contrário em alguns a dessemelhança de gostos e tendências ia até à antipatia. Era o que se dava entre WORDSWORTH e SOUTHEY. WORDSWORTH era um naturalista místico, sentando-se raras vezes a uma mesa para escrever e compondo a lapis nas suas constantes excursões pelos montes visinhos, meditando muito mais do que lia e possuindo como biblioteca quási apenas obras truncadas e edições de algibeira dalguns poetas preferidos, para lhe fazerem companhia nos passeios alpestres. Era tão pouco amador de livros que, conta DE QUINCEY, abriu um dia as folhas duma edição cara pertencente a êste último com uma faca besuntada de manteiga. SOUTHEY era pelo contrário um consumado bibliófilo, possuindo uma opulenta livraria de que faziam parte muitos livros e manuscritos portugueses e era além disso um profissional das letras, vivendo do seu trabalho literário em que se empregava diligentemente durante todo o dia com uma regularidade de máquina. A entrada do desleixado e daninho WORDSWORTH na sua biblioteca, dizia êle a DE QUINCEY, dava-lhe tanto prazer como a dum touro bravo. Mas embora a «escola dos lagos» não passe duma dessas noções simplistas feitas para uso dos espíritos a quem as excessivas complicações afligem demasiadamente, o *Lake District* nem por isso deixa de ter uma atracção especial para o estudioso da literatura inglesa, por ser a paisagem dèsses dois grandes poetas da natureza, WORDSWORTH e COLERIDGE. Foi com o mais vivo e comovido interesse que contemplei esses calmos aspectos duma

melancolia feliz que foram para os dois panteístas «*der Gottheit lebendiges Kleid.*» Com não menor interesse visitei a casita na extremidade oriental da pequena povoação de Grasmere, onde WORDSWORTH residiu com a sua família durante os catorze anos (1799-1813) em que produziu a parte mais genial da sua desigualíssima obra poética. Quando WORDSWORTH se mudou para uma casa maior em *Rydal Mount*, a pequena distância, *Dove Cottage*, a sua antiga habitação passou para o extranho DE QUINCEY, que, atraído pela convivência dos «poetas dos lagos» e pela beleza da região, ali tinha fixado residência e constituído família, casando com a filha dum *statesman*, nome local dos camponeses proprietários. Foi naquela pequena e humilde casita que êle sofreu essas tremendas alucinações do ópio que imortalizou nas suas *Confessions of an English Opium-Eater*.

A casa, comprada e conservada como relíquia por uma sociedade literária, está exterior e interiormente como no tempo dos seus ilustres inquilinos. A mesma côr azul desmaiado nas paredes sem papel, a mesma pobríssima mobília pintada, as mesmas almofadas de cretone nos peitoris das janelas sem vão, as mesmas cadeiras de assento de corda de junco, como as que se fazem no Alemtejo. O que mudou muito, a julgar pelas descrições de WORDSWORTH no seu livro *Guide to the Lakes*, e por exemplares dispersos que ainda restam dos primitivos *cottages* da região, foi o aspecto architectónico dêste arrabalde de Grasmere, *Town End* se chama o logarejo. O poeta queixava-se já das invenções de mau gôsto com que adventícios e *parvenus* iam desfigurando o encantador vale de Grasmere e os outros vizinhos, descrevendo nestes termos cheios de delícia o character rústico e instintivo da architectura local: «As casas de habitação e as construções exteriores contíguas são em muitos casos de côr da rocha bruta de que foram construídas; mas às vezes a *Dwelling* ou *Fire-house*, como ordinariamente lhe chamam, distingue-se da granja por ser revestida de cal grossa e caiada; como porêm os habitantes não são muito diligentes na renovação dêste revestimento êle em poucos anos adquire pela acção do temporal uma coloração ao mesmo tempo discreta e variegada. Como estas casas teem sido de geração em geração habitadas por pessoas empregadas no mesmo género de vida, mas necessariamente com mudanças nas suas circunstâncias, sofreram sem incongruência acrescentos e modificações adaptadas às necessidades dos sucessivos moradores, que sendo na maioria dos casos proprietários, tinham plena liberdade para seguir a sua inclinação: de forma que estas humildes habitações são, para os observadores contemplativos, como produtos da Natureza; não parece terem sido construídas, mas, por assim dizer, terem crescido, terem-se desenvolvido,

por um instinto próprio, da rocha natural — de tal modo estão isentas de convenções e tal é a sua espontaneidade e beleza. Por entre as numerosas reentrâncias e saliências das paredes e nos diversos escações dos seus telhados vêem-se arrojados e harmoniosos efeitos de sombra e sol em contraste... Estas habitações... são cobertas de lousas, que eram arrancadas rudemente da pedreira antes que se conhecesse a arte actual de as lascar e são por consequência ásperas e desiguais na sua superfície, de forma que tanto as paredes como os telhados das casas ofereceram um leito às sementes dos líquens, musgos, fetos e flôres. Daqui resulta que esses edificios, que na sua forma mesma lembram os processos da Natureza, revestidos em parte por uma cobertura vegetal, parecem ser recebidos no seio do princípio de vida das cousas, tal como êle actua e existe nos bosques e campos; e, pela sua côr e forma, comovedoramente inclinam os pensamentos para aquele plácido curso da Natureza e da simplicidade por onde, por tantas gerações, os habitantes de espírito humilde teem seguido. Acrescentai o jardinzito com o seu coberto para os cortiços, o seu canteirinho de hortaliças com as suas bordaduras e alegretes de flôres para os ramalhetes do domingo, entre as quais há por vezes algumas de muita estimação e que por isso se não colhem; um pomar de extensão proporcionada; uma queijeira por vezes arrumada a uma árvore junto da porta; um macisso de sicâmoros frondosos para a sombra de verão; um alto abeto pelo qual os ventos passam cantando, quando todas as outras árvores estão sem folha; o regatito ou bica da propriedade murmurando em todas as estações; — combinai estas feições e imagens e obtereis uma ideia típica do *cottage* das montanhas nesta região, tão belamente formado em si mesmo e tão ricamente adornado pela mão da natureza».

Hoje causas económicas de character geral teem extinguido ou pouco menos a antiga classe regional dos *statesmen* e com ela a arquitectura cuja fisionomia acabamos de ver descrita numa prosa que, no original, rivalisa com a melhor poesia do autor. Se WORDSWORTH e DE QUINCEY ainda vivessem em *Dove Cottage*, a sua antiga morada, veriam do caramanchão rústico no alto do quintalito íngreme, por cima do telhado, ou das janelas que dão para a azinhaga construções bem diferentes. Predomina ali em redor um estilo que é uma das manifestações da epidemia gótica desenvolvida pelo romantismo. As paredes são do xisto da região, sem rebôco, o que conserva nestas casitas um ar rústico de muito bom gôsto. Mas com torças como saíram das pedreiras ondeantemente lascadas formam às janelitas uma *dripping stone* em T e a moldura das vidraças de vidritos em lisonja curvam-se no alto em arcos Tudor. Talvez WALTER SCOTT

tivesse aplaudido esta mascarada gótica; WORDSWORTH que tinha da arquitectura rústica o sentimento poético que acabamos de ver, teria tido um fim de vida amargurado se Deus o não chamasse antes da invasão «gótica» atingir aqueles pacíficos e recônditos vales.

Quando cheguei ao *Lake District* vinha já da Escócia, onde fôra do mesmo modo levado por um interesse literário: o interesse pela obra de W. SCOTT. Ao percorrer a região do *Border*, mais estreitamente associada aos seus primeiros poemas, visitei o castelo que o poeta começou a construir por 1812 e no qual a febre medieval abrange até as estantes da livraria, que são em arcadas góticas e encimadas por ameias! Terminei esta excursão escocesa, durante a qual procurei ver o maior número possível de monumentos e ruínas de interesse histórico e literário, pela região do Trossachs, também grandemente relacionada, como se sabe, com a obra de SCOTT.

E porei ponto neste assunto de excursões, dizendo que visitei também na Inglaterra as pequenas cidades de Saint Alban's, Winchester, Sandwich e Canterbury. As duas últimas, e principalmente a última, por ter residido durante três semanas no condado de Kent, em Ramsgate, por motivos que daqui a pouco exporei, tive ocasião de as visitar repetidas vezes, bem como a diversas aldeias do condado que conservam o ar pitoresco da velha Inglaterra rural. E de passagem direi que verifiquei nesses pequenos centros aquela paz estagnada de que fala o notabilíssimo anglicista alemão Dr. M. M. ARNOLD SCHRÖER, que a explica pelo predomínio do fundo anglo-saxão, com insignificante mistura das raças mais activas e irrequietas a quem atribue a transformação de Inglaterra e que o acanhamento dêesses meios não atraíu. Essas pequenas cidades mostram-nos bem, diz êle, o que teria sido a Inglaterra abandonada exclusivamente aos mais próximos parentes dos indolentes frisões ¹.

Nenhuma dúvida pode haver de que esses velhos burgos ainda com grande número das suas antigas casas de madeira de empena ponteaguda e telhado musgoso, adormecidos em volta duma venerável catedral, conservam para o estudioso de história literária e, portanto, de história social inglesa, uma imagem fiel da Inglaterra que em 1700 tinha, incluindo o país de Gales, uma população total inferior à de Londres nos nossos dias e não possuía na província mais que dois ou três centros a que se pudesse dar o nome de cidades. Foi a revolução industrial do século XVIII que, determinando em certos pontos, especialmente no Norte, uma enorme corrente imigratória, desenvolveu

¹ *Grundzüge und Haupttypen der englischen Literaturgeschichte*, vol. 1, págs. 19 e 20. (*Samlung Göschen*, n.º 286-287).

idades insignificantes e até aldeias, transformando-as nesses medonhos e monótonos aglomerados de tijolo pardo e enfumaçado que são as modernas cidades inglesas. Mas até que ponto as causas étnicas apontadas pelo Dr. SCHRÖER sejam responsáveis pelo estado anterior e pela transformação operada é questão irriçada de dificuldades que me não julgo habilitado a tratar devidamente e que, de resto, seria descabida aqui.

II

Os cursos de férias para estrangeiros na Universidade de Londres e diversos assuntos com eles relacionados

Sendo-me impossível, como disse, seguir o curso universitário de inverno destinado ao aperfeiçoamento de anglicistas estrangeiros, matriculei-me nos dois cursos de verão organizados pela Universidade de Londres. O primeiro funciona em *University College*, em Londres; o segundo (de 8 a 31 de agosto) em Ramsgate, ambos sob a direcção do Prof. WALTER RIPPMMANN, da Universidade de Londres e são frequentados principalmente, embora não exclusivamente por professores de ensino secundário. É escusado encarecer a vantagem resultante duma convivência de perto de dois meses com representantes do professorado secundário dum grande número de nacionalidades, para um professor duma escola que prepara para êsse grau do magistério. Adquire-se nessa camaradagem uma documentação que dificilmente se obteria em meio ano de peregrinação pelas escolas secundárias da Europa.

Faziam parte dêstes cursos duas séries de lições sôbre fonética inglesa, a primeira pelo director, a segunda pelo sr. DANIEL JONES, *lecturer* de *University College* e um fonetista de reputação europeia. Foi esta parte do programa que me seduziu. Conhecia há muito o pequeno tratado de fonética do inglês moderno e transcrições fonéticas a êle adjuntas, do Prof. RIPPMMANN, livro hoje clássico em toda a Europa, e travara mais recentemente conhecimento com os livros do sr. DANIEL JONES, *The Pronunciation of English* e diversos volumes de transcrições fonéticas no sistema de símbolos da *International Phonetic Association* e por eles tinha a maior consideração. Mas estas lições, seguidas sempre dum ditado em escrita fonética, foram para mim dum grande interesse. Tarde esquecerei a lucidez, a animação, o espírito de ordem, o grande talento didático emfim das conferências que ouvi ao sr. DANIEL JONES, sem querer com isto desfazer

nas do Prof. RIPPmann que foram também excelentes e cheias de qualidades atractivas.

Depois das conferências dividiam-se os estudantes em grupos de sete, para fazer leituras de textos fonéticos, dirigidas por pessoas diplomadas em fonética inglesa. O director dos grupos de leitura corrige os defeitos de pronúncia, explicando o mecanismo deles e a maneira de os evitar e responde às consultas que lhe fazem os estudantes sobre pontos duvidosos de pronúncia.

Não ocultarei que o entusiasmo pelos textos fonéticos tem levado demasiado longe os seus apologistas. É claro que quem não tem um antiqüissimo hábito de ler em voz alta esses textos, apresenta uma leitura por descargas bruscas, separadas por momentos de silêncio, durante os quais procura interpretar o símbolo. Era este o motivo da *jerky utterance*, que ouvi apontar a muitos estudantes como um defeito de que deviam procurar diligentemente corrigir-se. Todavia esses mesmos estudantes, quando tinham diante dos olhos textos em escrita usual liam com toda a expressão possível a um estrangeiro e eram por ela cumprimentados pelos directores. O fanatismo é tão cego que a causa tão evidente do defeito censurado passava despercebida.

Quero com isto negar a utilidade dos textos fonéticos? De forma alguma. Sou também um entusiasta deles e não posso esquecer o muito que lhes devo. Mas o meu entusiasmo é temperado pela experiência dos limites da sua utilidade. Penso que, usados exclusivamente, seriam proveitosíssimos a principiantes desconhecedores da ortografia usual. Mas julgo que o seu emprêgo por parte de pessoas com vasta leitura e antigo conhecimento da língua, desejando apenas aperfeiçoar e tornar rigorosa a sua pronúncia deve limitar-se a servir de auxiliar para a preparação da leitura em voz alta dos textos em escrita usual e para recurso em caso de dúvida. Não há maneira de conseguir que uma pessoa com o hábito constante da leitura leia por êles com o desembaraço e elegância com que habitualmente lê. Pode, seguindo-os, evitar um ou outro êrro devido à ignorância ou esquecimento momentâneo de qualquer valor raro de letras na escrita ordinária; mas em compensação lerá por jactos bruscos que tornam impossíveis uma entonação aceitável e uma distribuição expressiva de pausas. Não aconselharei portanto aos professores que façam por tais textos as suas leituras aos cursos, se desde o começo dos seus estudos da língua se não tiverem habitualmente servido dêles. E duvido muito que haja em Portugal algum nestas condições. Mas não me cansarei de aconselhar o uso deles como meio de preparar aquelas leituras feitas pela grafia corrente e como exercício quotidiano

com o fim de impedir que as grafias absurdas exerçam sôbre a memória auditiva a sua bem conhecida acção corrutora, na ausência de bons modelos de pronúncia. Pelo estudo constante de textos fonéticos os professores conseguirão manter por muito tempo intacta uma boa pronúncia e couraçar-se contra a invasão dos defeitos próprios das pessoas que conhecem uma língua muito mais pelos olhos que pelos ouvidos.

Faziam também parte dos cursos de férias sessões de conversação dirigidas quasi sempre por senhoras. Nessas sessões os estudantes discutiam diversos assuntos propostos pelo director ou directora e expunham as suas opiniões sôbre o que tinham observado do viver inglês. A organização desta parte dos cursos deixava muitissimo a desejar.

Além das conferências sôbre fonética inglesa houve outras sôbre: literatura inglesa; aspectos da vida inglesa e arte moderna; preparatórias de excursões de estudo seguidas doutras no lugar de destino das excursões.

Quando no fim dos cursos os directores dos grupos de conversação pediram aos estudantes alvitres para o aperfeiçoamento deles, a bastantes dos mais cultos ouvi formular o voto por que as conferências literárias, onde tudo o que ouviam se encontrava em manuais e dicionários biográficos elementares, fossem substituídos por conferências numerosas sôbre aspectos da vida inglesa, as questões mais interessantes de character económico, social, pedagógico, moral, vida literária, artística e burguesa contemporânea, etc.

Dêste género houve infelizmente apenas duas do Prof. O' GRADY da Universidade de Londres e ambas óptimas. A primeira foi sôbre a vida ordinária das classes médias de Londres, a segunda sôbre a arte moderna na Inglaterra.

As conferências preparatórias de excursões e as feitas no lugar da excursão satisfizeram ao seu fim. E as excursões que faziam parte do curso formaram uma das suas feições mais atraentes. Houve-as a Winchester, a Cambridge, a Windsor, aos velhos colégios de Eton e Harrow on the Hill, a S.^t Alban's, a Stoke Poges, o «*Country Churchyard*» da célebre elegia de GRAY; a Canterbury (no 2.^o curso), além de muitas outras a sítios de interesse arqueológico e histórico em Londres. Estas excursões são utilíssimas aos estrangeiros que apenas se demoram na Inglaterra durante o curso, pois proporcionam-lhes o meio de ver muito com grande economia de tempo e dinheiro. E aos que, como eu, fazem uma estação dalguns meses prepara-lhes suavemente a emancipação como turistas num país que visitam pela primeira vez.

Os foneticistas que tive ocasião de ouvir, não só nas conferências e exercícios práticos mas também em conversas particulares fazem a calorosa propaganda do ensino elementar da fonética da língua materna, como base do estudo das línguas estrangeiras. O Prof. RIPP-MANN é incansável na demonstração deste princípio pedagógico e a sua experiência profissional dá especial autoridade às suas palavras. Começou por ensinar em escolas secundárias as línguas francesa e alemã e foi, diz êle, como mestre de línguas estrangeiras que reconheceu a necessidade de estudar a fonética da sua própria língua. Actualmente, além de professor da Universidade de Londres, é inspector do ensino das línguas vivas num grupo de escolas de fundação particular, cuja inspecção compete, por delegação dos gerentes, àquella Universidade. Nesta qualidade tem tido vasto campo de observação. E o que tem observado tem-no convencido que a pureza de pronúncia dos mestres não se reflecte apreciavelmente na maioria dos casos na pronúncia dos alunos. É que, diz êle, e eu estou inteiramente de acôrdo, o dom, o génio imitativo é bastante raro, e o ensino não é destinado a génios mas a pessoas de aptidões medianas. E citava os casos numerosíssimos, que todos teem visto mas esquecem, de pessoas que vão viver para um país estrangeiro e ao cabo duma residência de muitos anos pronunciam quasi tão mal a língua desse país como no dia em que chegaram. Mas admitamos que estes casos são excepções e de facto o são, embora excepções muito numerosas. Admitamos que a maioria das pessoas possui o suficiente talento imitativo para, transportadas para um país estrangeiro ou mesmo por uma longa convivência de todos os momentos com um mestre ensinando a sua língua materna, adquirir uma pronúncia, não digo confundível com a dos naturais, não é disso que se trata, mas desse grau de perfeição mais que mediano que os ingleses costumam designar pelo moderado epíteto *respectable*. Estas condições não são as do aluno que frequenta três ou quatro vezes por semana, ou mesmo diariamente, durante uma hora, uma aula de qualquer língua estrangeira. Neste caso, que é dos alunos dos nossos liceus e escolas congêneres de toda a Europa e Américas, a mediana aptidão imitativa da maioria dos alunos é muito insufficiente para a aquisição dum pronúncia razoável, por melhor que seja a do mestre. Para conseguir esse fim é indispensável que essas aptidões imitativas sejam grandemente auxiliadas pelo método fonético. De contrário o aluno pronunciará mal uma palavra, o mestre corrigi-lo-á algumas vezes repetindo os sons exactos e de cada vez o aluno repetirá o som deformado. Nem o mestre não foneticista, mesmo quando ensina a sua língua, ou antes principalmente neste caso, sabe onde está o princípio do erro. Sabe

que ouviu uma palavra mal pronunciada, sabe por vezes arremedar a má pronúncia do aluno, sabe produzir a pronúncia correcta, mas não sabe explicar como ela se obtém. E nem que o saiba o aluno aproveitará muito com a explicação se esta não for baseada na comparação e contraste com os sons da sua língua, analisados no seu mecanismo. E para que isso possa fazer-se é necessário que o aluno possua conhecimentos elementares mas seguros da fonética da língua materna.

Estou daqui a ouvir os risinhos e ditos espirituosos dos que conhecem MOLIÈRE por um retalho de *Bourgeois Gentilhomme* arrastado pelas selectas, no qual o pasmo de M. JOURDAIN não conhece limites ao ouvir que «*La voix A se forme en ouvrant fort la bouche*» e que «*La voix E se forme en rapprochant la mâchoire d'en bas de celle d'en haut: A, E*». De certo não é a fonética portuguesa que ensinará o aluno português a pronunciar *a* ou *e*, *s* ou *z*, etc. Mas ensinando-lhe como esses fonemas são produzidos fornece-lhe uma base sólida para futuras aquisições no domínio das línguas estrangeiras. A troça prova de mais, porque a lógica mais rudimentar fará com que ela abranja o ensino dos princípios elementares de anatomia e fisiologia, que todos consideram muito importantes no quadro dos estudos secundários. Não é para que o aluno possa digerir o almôço que acaba de comer que lhe ensinam no liceu a fisiologia da digestão; e não é de recear que elle não possa voltar a casa pelo seu pé se lhe não mostrarem num manequim ou num quadro parietal os músculos da locomoção. M. JOURDAIN forte na sua recente sabedoria desafiava a sua criada Nicole a dizer *u*. Mas se em lugar de fonética o mestre de filosofia lhe tivesse ensinado a fisiologia da marcha, tê-la-ia do mesmo modo convidado irónicamente a dar um passo. O ridículo da scena de MOLIÈRE não recai sobre a sciência mas sobre a maneira inepta de a considerar; portanto no caso de que agora falo esse ridículo não é o do ensino fonético,—é o dos seus críticos levianos.

Como o ensino elementar da anatomia e da fisiologia, além do valor educativo que ninguem lhe contesta, tem applicações higiénicas, o ensino daquela anatomia e fisiologia espaciaes que constituem a fonética tem applicações pedagógicas no ensino das línguas vivas.

Talvez pareça, mesmo aos não inimigos da fonética, que este ensino é árido e inacessível às crianças. Não o julgo assim. Penso pelo contrario que nenhum ramo de conhecimentos terá maior poder de as interessar nem será mais educativo das faculdades de observação scientifica. As crianças são, dentro dos limites da lingua materna, foneticistas e dialetólogos por natureza; não lhes passa despercebido nenhum matis dialetal nas pessoas que ouvem e não é raro mesmo

vê-las tentar caricaturas escritas das pronúncias que lhes causam estranheza. Um professor com preparação fonética, aproveitando estas disposições naturais, facilmente transformará o objecto de troça em objecto de ciência.

A meu ver a Faculdade de Letras deve tomar a iniciativa do ensino da fonética portuguesa aos futuros professores de português e linguas estrangeiras. E para isso é indispensável criar-se um laboratório de fonética experimental, logo que a conclusão do novo edificio permita a instalação d'ele em lugar conveniente e alivie os orçamentos da Faculdade de modo a poder-se mandar um professor a Paris e Londres estudar os laboratórios da *Sorbonne* e de *University College* e adquirir o indispensável material. Não me parece que a verba para fazer face a estas despesas seja ruínosa.



Como o professor RIPPMMANN, director dos cursos de verão, é um dos *leaders* da campanha a favor da reforma ortográfica, pude seguir de perto esse movimento, que, embora conte já alguns anos e tenha últimamente aumentado de actividade, é pouquíssimo conhecido entre nós.

O partido da simplificação ortográfica, a *Simplified Spelling Society*, ou antes, como ela se ortografa, *Simplified Speling Sosieti*, é hoje uma agremiação numerosa e conta nomes illustres na filologia, na literatura, na sciência e até—o que é mais para admirar—no jornalismo.

O sistema actualmente proposto não é dos chamados de base *rómica*, isto é, nos quais os sons ingleses são representados por letras tendo aproximadamente o valor que lhes pertencia no alfabeto latino, sendo as vogais longas destrinçadas das breves pela duplicação do sinal gráfico. É dos que se baseiam no valor das letras no inglês moderno, tomando para símbolo invariável dum som a grafia que o representa na maioria dos casos na escrita tradicional. É, portanto, um daqueles que o Prof. HENRY SWEET definia dizendo que eram «fonéticos com uma base antifonética» (*New English Grammar*, vol. I, pág. 274).

Seria demasiado longo e mesmo descabido fazer aqui um extenso tratado dessa ortografia simplificada, ou antes *unificada*, pois a redução de sons idênticos à mesma grafia nem sempre deu em resultado uma simplificação quanto ao número de letras usadas, que algumas vezes foi aumentado. Quero apenas dar uma resumidíssima notícia dela e começarei para isso pelas

Vogais em sílaba tónica

Transcrevo do livro de propaganda *Simplified Spelling, an Appeal to Common Sense*, pág. 42:

«Escreva-se:

aa em *faather*, ar em *far*
 ai » *maid*, air » *fair*
 au » *laud*, or » *lord*».

Assim *made* e *maid* terão a mesma grafia: *maid*; *day* será escrito *dai*; *great*, *grait*; *there* e *their* serão escritos *thair*; *bear* e *bare*, *bair*, etc.

Bawl e *ball* serão *baul*; *bought* será *baut*; *thought*, *thaut*; *broad*, *braud*, mas o mesmo som antes de *r* escrever-se-á *o* e assim *form*, *port*, *orb* e muitas outras palavras nenhuma modificação ortográfica sofrerão.

Retomo a transcrição:

«Escreva-se:

êe em *feel*
 ie » *liet* (*light*)
 òe » *loed* (*load*)
 iuu » *truuth* (*truth*)
 yu » *yuth* (*youth*)

mas escreva-se:

e
 i
 o
 u } antes doutra vogal».

Assim *speak* e *speech* terão a mesma grafia para a sua vogal e serão: *speec* e *speech*. Os sinais *e* *i* *o* *u* não só serão escritos simples para os valores acima exemplificados antes de vogal, mas também nos monossílabos que por eles terminarem, como *be*, *she*, *he*, *me*, etc.

A vogal de *good* (*u* breve e frouxo) é escrita *oo*.

A grafia *yu* designará também o som nas sílabas átonas, como em *volyum*.

Os ditongos *oi* e *ou* (*coin*, *count*) terão sempre esta representação.

A vogal que sôa nas palavras *fur*, *spur*, etc., e a que sôa nas palavras *but*, *butter*, *bud*, etc., sempre seguidas de consoante, embora não sejam idênticas e em notação fonética rigorosamente científica fênham símbolos diferentes, são ambas escritas com *u*.

Vogais em sílabas átonas

Embora em sílabas átonas predomine a vogal chamada neutra, a comissão de reforma, atendendo a que numerosos puristas praticam

e defendem uma diferença de pronúncia entre as sílabas finais de palavras como: *tailor* e *trailer*; *alter* e *altar*; *beggar* e *bigger*; *able* e *label*, etc., resolveu conservar provisoriamente estas e outras semelhantes diferenças gráficas. A mesma transigência houve com as diversíssimas grafias usuais do *i* breve átono, que é a vogal da sílaba final de palavras como estas: *vestige*, *pastage*, *carriage*, *colley*, *folly*, *captain*, *satin*, *business*, *shepherdess*¹. O opúsculo que há pouco citei diz que «aqueles que quizerem usar uma ortografia mais harmônica com o seu falar natural, o que de forma alguma quer dizer descurado, ficam com plena liberdade para o fazer»².

Consoantes

A simplificação gráfica faz-se sentir menos nas consoantes. Foram banidos do alfabeto os sinais *x*, *k* e *q* e o dígrafo *ph*; são eliminadas da escrita de todas as palavras que as tinham as letras *ornamentais*, como *gh* de *though* e *through*; as letras *s* e *z* passam a ter valores fixos; o mesmo sucede aos dígrafos *sh* e *ch*, o segundo dos quais tem por vezes na escrita tradicional o valor do primeiro, e *a* *j* e *g*, com as quais se dava análoga confusão de funções. O *u* e *i* consoantes são sempre escritos *w* e *y*. A consoante que se ouve em *vision*, *usual*, etc., isto é, o som simples de *j*, é representado pelo dígrafo *zh*, de modo que aquelas duas palavras são ortografadas: *vi~~z~~hon* e *yuzhyual*.

São estas, salvo êrro, as modificações introduzidas na grafia das consoantes.

Provavelmente a consideração das dificuldades que a introdução dum novo sinal traria às tipografias vulgares impediu que fossem adoptadas grafias diversas para o *th* sonoro e o *th* surdo, o que é

¹ Para prevenir as exclamações de pasmo e indignação dalgum leitor a quem a grafia perturbe demasiadamente a agudeza auditiva, transcrevo do *Phonetic Dictionary of the English Language* do sr. DANIEL JONES aquelas palavras no sistema de notação exacta da Associação internacional de Fonética: *vestid ʒ, poustid ʒ, kærɪd ʒ, vɒli, fɒli, kæptɪn, sætɪn, biʒɪnɪs, sepədis*.

Todavia o mesmo autor em um dos seus volumes de transcrições fonéticas reconheceu a necessidade dum símbolo para representar o valor entre (*e*) e (*i*) que esta vogal toma na pronúncia oratória quando escrita com *e*, *ey*, *a* ou *ai*.

² Os defensores da conservação das diferenças ortográficas nas sílabas átonas em que sôa sempre no falar natural a vogal «obscura» ou «neutra» argumentam também com os derivados, nos quais o acento, recaindo na vogal que na palavra primitiva era átona e portanto neutra, lhe restitue o pleno valor. Não se pode fechar os olhos, parece-me, à força deste argumento. Assim temos: *métal*, mas *me-állic*; *idol*, mas *idólatry*; *báron*, mas *barónial*; *ócean*, mas *oceánic*.

uma falta bastante lastimável na escrita simplificada, cujos princípios acabamos de ver.

Vejamus agora um pequeno trecho ortografado pelo sistema proposto.

Ortografia reformada

John Gilpin woz a sitizen
Ov credit and renoun,
A trainband captin eec woz hi
Ov faimus London tour.

John Gilpin'z spouz sed tu her deer,
«Tho weded we hav been
Theez twies ten teedius yeerz, yet we
No holiday hav seen.

Tumoroe iz our weding dai,
And we wil then repair
Untu the Bel at Edmonton,
Aul in a shaiz and pair.

Mi sister, and mi sister'z chield,
Mieself and children thre
Wil fil the shaiz; so yu must ried
Ou horsbac aafter we.

He suun replied, I duu admier
Ov woomanciend but wun,
And yu ar she, mi deerest deer
Thairfor it shal be dun.

Cwoeth Mrs Gilpin, that'z wel sed;
And for that wien iz deer,
We wil be furnished with our oen,
Which iz boeth briet and cleer.

John Gilpin cist his luving wief;
Oerjoid woz he tu fiend
That, tho on plezher she woz bent,
She had' a fruugal miend.

Ortografia usual

John Gilpin was a citizen
Of credit and renown,
A trainband captain eke was he
Of famous London town,

John Gilpin's spouse said to her dear,
«Though wedded we have been
These twice ten tedious years yet we
No holiday have seen.

To-mo:row is our wedding day,
And we will then repair
Unto the Bell at Edmonton
All in a chaise and pair.

My sister, and my sister's child,
Myself and children three
Will fill the chaise; so you must ride
Ou horseback after we ¹.

He soon replied, — «I do admire
Of womankind but one,
And you are she, my deerest dear,
Therefore it shall be done.

Quoth Mrs. Gilpin, — that's well said
And for that wine is dear,
We will be furnished with our own
Which is both bright and clear.

John Gilpin kissed his loving wife;
O'erjoyed was he to find,
That, though on pleasure she was bent,
She had a frugal mind.

¹ Por «after us».

Ouvi numa lição destinada ao curso de férias expôr as bases desta nova ortografia e assisti em Ramsgate a uma conferência pública sôbre o mesmo assunto pelo Prof. RIPPmann, que foi muitíssimo aplaudida. Creio que todos os conferentes sôbre êste assunto são sempre assim aplaudidos, mas apesar disso não me parece que a S. S. S. esteja muito perto do dia do triunfo.

Dizia há alguns anos o notável filólogo francês ALBERT DAUZAT que não era da Inglaterra conservadora mas da América do Norte, país de ousadas iniciativas, que se devia esperar a reforma ortográfica. Parece-me que se engana na sua previsão. A América já tem realizado modestas reformas na ortografia inglesa e se assim continuar é natural que passado um século tenha conseguido pelo processo inglês de transformações lentas uma reforma completa. É pelo contrário na Inglaterra que se batalha por uma reforma sistemática e radical, destinada, penso eu, por essas qualidades ao fracasso que teve na América análoga tentativa em 1906.

Os adversários da reforma não apresentam, é certo, contra ela argumento algum que não seja totalmente destruído com inflexível lógica pelos defensores.

Á objecção fundada nas numerosas palavras homógrafas que da ortografia reformada resultariam, obscurecendo o sentido da frase, respondem que na ortografia corrente há também muitíssimas palavras homógrafas, sem que ninguém se sinta por elas embaraçado. Uma ou outra vez mesmo a ortografia reformada torna o sentido da frase mais claro. É o que se dá por exemplo com todas aquelas em que entra o presente ou o pretérito do verbo *to read*. Quando se escreve «*I read*» nada indica se se trata do presente ou do pretérito. Como a cada uma dessas formas homógrafas, na grafia usual, corresponde uma vogal diferente, a nova ortografia distingui-las-á, como vimos nos padrões atrás apresentados, de modo que *I reed* será claramente o presente, havendo para o vocalismo do pretérito a escrita: *I red*. Igualmente *lead* (chumbo) não se confundirá, como agora sucede, com o verbo *to lead*, visto que o verbo passará a ser escrito *leed* e o substantivo *led*. E isto mesmo sucederá em todos os casos em que a escrita usual tem para sons diferentes idêntica representação gráfica.

Ao argumento da «salutar disciplina» que é para as crianças a aprendizagem da difficilima ortografia inglesa, respondem os defensores da reforma que, se se trata de apresentar dificuldades a vencer, é melhor então ensiná-las a escrever com os pés.

Á objecção, — apresentada em regra por ignorantes —, de que a nova ortografia é uma ofensa á etimologia, respondem que um dos

mais ilustres etimologistas ingleses, o Dr. SKEAT falecido há poucos anos, acompanhava com a maior simpatia os trabalhos da S. S. S. E provam além disto com bastantes exemplos que as palavras escritas segundo a reforma se aproximam por vezes muito mais dos seus étimos e das palavras correspondentes nas línguas afins do que carregadas com os seus europeis pretendidamente etimológicos. Além disto, e este é o principal argumento, dizem que a etimologia é uma sciência para um pequeno número de estudiosos que não precisam dos rótulos ortográficos para estabelecer as relações entre as palavras dum grupo de línguas ou de fases diversas da história da mesma língua, ao passo que a leitura e a escrita são destinadas a toda a gente, à imensa maioria da qual a etimologia é totalmente indiferente. «Opor-vos-eis diz um dos opúsculos publicados pela S. S. S., a um enorme ganho para as crianças das gerações futuras, em virtude de considerações desta natureza?... Não há exagêro em dizer-se que por cada pessoa que pensa um pouco em derivações de palavras há mil outras que sofrem por causa duma má ortografia; e aquele um por mil não precisa que as falsas grafias lhe lembrem as derivações. O sábio não precisa que estas indicações o auxiliem a estabelecer a genealogia das palavras e o ignorante nenhum beneficio recebe de tais auxílios etimológicos; o primeiro sabe sem essas indicações, o segundo nem com elas fica a saber, de modo que, por qualquer lado que se olhem, não aproveitam a ninguém»¹. E em nota a esta passagem transcrevem com aplauso estas palavras de SAINT-BEUVE: «*Pour une lettre de plus ou de moins, les ignorants ne sauront mieux reconnaître l'origine du mot et les hommes instruits la reconnaîtront toujours*».

Parece-me porêrn trabalho perdido o que se emprega em destruir os frouxos argumentos dos contendores da reforma. Succede-lhes o que se dá com os hipnotizados que, ignorando que os actos que praticam derivam do impulso duma vontade extranha, procuram encontrar para eles uma justificação racional. Estes não comprehendem que a sua opposição é toda de sentimento e não de razão e por isso amontôam para a escorar razões asbtrusas. E a prova está no que observei em alguns dos que acabavam de aplaudir com entusiasmo uma conferência sôbre a reforma ortográfica: ao lerem o primeiro texto na nova ortografia o seu entusiasmo murchou instantaneamente. Intellectualmente eram adeptos, instintivamente adversários. Em igualdade de circunstâncias, não duvido que, lá como cá, a nova ortografia fosse capaz de suscitar opposição... política.

Li em Londres um excelente artigo sôbre o assunto, na revista

¹ *An Appeal to Common Sense*, págs. 25 e 26.

de filologia inglesa, *English Studies*. Comparava o autor a relutância contra a nova ortografia que procura cingir-se à realidade fonética da língua com o sentimento de repugnância causado pelas figuras esfoladas dum atlas de anatomia. Não gostamos, dizia êle, de ver os factos da nossa pronúncia postos a nú, como não gostamos de ver a imagem dos nossos músculos despidos da pele. A comparação não me parece exacta, por estabelecer paridade entre uma cousa tão essencial ao corpo como é a pele e os inúmeros adornos ortográficos, sobrepostos uns, herdados outros, mas todos igualmente inúteis por não corresponderem a nenhuma realidade da língua falada. Seria mais justo comparar esse furtivo sentimento de repulsão ao pudor duma dama pele-vermelha de cujo rosto um prodígio fizesse de súbito desaparecer as tatuagens, ou o duma donzela negra que se visse em publico sem a decência das suas enfiadas de búzios ao pescoço e à cinta a proteger-lhe a nudez. Mas seja qual for o ridículo desta repugnância pela reforma, ela é um facto real e creio que inabalável, pelo menos por muito tempo. É lamentável que assim seja, porque a ortografia reformada simplificaria muitíssimo o trabalho de aprendizagem duma língua, cuja maior dificuldade para os estrangeiros está na enorme discordância entre a escrita e os sons, correspondendo a cada som uma multiplicidade de símbolos e reciprocamente a cada símbolo não menor número de sons, não falando já nos numerosos símbolos a que não corresponde qualquer som. A ortografia proposta é maduramente estudada e rigorosamente coerente na aplicação dos seus principios fundamentais. Não é destas reformas híbridas em que à base fonética proscreeve, e muito bem, símbolos inúteis para o mesmo fonema e consoantes duplas que se pronunciam como as simples, mas em que duas ou três *marottes* etimológicas põem tudo ainda mais complicado do que estava.



Não quero terminar a parte do meu relatório que diz respeito ao curso de férias da Universidade de Londres sem apresentar um alvitre que me parece razoavel e que me foi sugerido por uma exposição de livros para o ensino das línguas inglesa, francesa e alemã que havia em uma sala de *University College* destinada a leitura e reunião dos estudantes estrangeiros, nos intervalos das conferências e trabalhos práticos. Compreendia essa exposição livros desde os mais elementares e destinados a principiantes infantis até obras monumentais de história literária e filologia. Folheando-as nas horas vagas, lembrei-me que a Faculdade de Letras ou a Escola Normal Superior

anexa prestariam um excelente serviço tendo permanentemente uma exposição semelhante, mas só de obras destinadas ao ensino secundário e primário superior. Isso seria para os futuros professores de línguas estrangeiras uma janela aberta para os progressos desta literatura didáctica nos países mais adiantados e, quando mais tarde fossem membros de comissões encarregadas do exame de livros destinados ao seu ramo de ensino, êste modelo impedi-los-ia de aprovar dessas cousas medonhas sob todos os aspectos, pedagógico, económico e estético, que de tempos a tempos são impostas à consciência dos professores e à bolsa dos chefes de família.

Uma outra vantagem e não menor teria esta exposição. É muito para rezear que venha a suceder cá o que se dá por toda a parte com os professores de ensino secundário ao passarem dos seus estudos universitários para uma cadeira liceal: uma impaciência para transmitir o ensino superior das literaturas estrangeiras que acabam de cursar a espíritos infantis ainda incapazes de o receber. A familiaridade com essas obras elementares despertar-lhes-ia pela literatura didáctica infantil uma simpatia que seria um correctivo no ensino das classes elementares contra o zêlo excessivo pela iniciação dos alunos nos seus conhecimentos superiores, fazendo com que o guardassem, e ainda assim grandemente atenuado para as classes complementares.

Em uma série de conferências sôbre o ensino secundário das línguas modernas, o Prof. RIPPMMANN referiu-se a êste facto, apontando sensatamente as suas gravíssimas consequências. Um professor de línguas, dizia êle, que teima em fazer estudar e comentar aos seus alunos obras que estes ainda não estão em estado de apreciar, só consegue gerar no espírito deles um fastio de toda a vida por algumas obras primas. Conversando um dia com o sr. K. ECKERMANN, professor de francês e inglês em Colónia, espírito vivíssimo e muito culto, perguntei-lhe qual seria a razão por que os alemães, quando os estrangeiros lhes falam em algum dos mais altos monumentos do génio de sua raça, *Hermann und Dorothea*, por exemplo, concordam em termos convencionais com a nossa admiração e mudam de conversa. «É muito simples», respondeu sem um momento de hesitação o meu interlocutor, como quem ouvia falar num facto que lhe era de há muito familiar, «isso é um resultado fatal de os fazerem ingerir prematuramente nos liceus essas obras carregada com os mais sábios comentários. Nunca mais se curam das consequências da indigestão». Não respondo pela rigorosa exactidão das palavras, mas foi esta a ideia expressa.

A despesa a fazer com a exposição de que falo seria pequena e é até muito possível que, determinando ela a venda dum sofrível número

de exemplares das obras expostas, os editores as enviassem gratuitamente à Faculdade ou à Escola Normal Superior.

III

Os meus estudos na biblioteca do Museu Britânico

Começo finalmente a dar conta do emprêgo principal do meu tempo na Inglaterra: os meus estudos na biblioteca do Museu Britânico.

A entrada na biblioteca não é livre. Muito pelo contrário um severo regulamento a defende da invasão dos ociosos que iriam tirar com curiosidades frívolas ou pela simples vaidade de parecerem estudiosos lugar aos leitores, tempo aos empregados e perturbar o socêgo indispensável ao trabalho intelectual. Para obter um bilhete de entrada, válido sempre por um tempo limitado, o máximo seis meses, é indispensável apresentar ao director uma carta de recomendação dum «*householder of recognised position*», em que, de conhecimento próprio, se afirme que o pretendente é pessoa capaz de utilizar devidamente a biblioteca. Não são aceites recomendações de proprietários de hotéis ou *boarding houses*, nem de pessoas que alugam quartos. Isto, é claro, para evitar que se desenvolva junto a estas indústrias a das cartas de recomendação para o augusto *reading room* do *British London Museum*. Apresentada a carta, o director interroga o aspirante a leitor sôbre o objecto das suas investigações e às respostas de carácter vago como «literatura», «história», «estudar», corresponde geralmente um adiamento *sine die* da concessão do bilhete de entrada. Estas precauções são perfeitamente razoáveis, visto a enorme sala circular ter lugares para 458 leitores e ser freqüentada diariamente por mais de 700, número que tende constantemente a aumentar.

A perfeição dos serviços é porém tal, que apesar dêste monstruoso movimento as requisições são satisfeitas com a maior prontidão. Nunca esperei por um livro mais de meia hora, e êste limite só em casos muito excepcionais foi atingido. A média do tempo que decorre entre o depósito do boletim de requisição em uma das caixas a isso destinadas e a chegada do livro ao lugar do requisitante está oficialmente calculada em 11 minutos. É simplesmente um prodígio e causa a maior admiração aos alemães e franceses, habituados nas grandes bibliotecas dos seus países a terem que fazer as requisições de véspera. Acrescente-se que a cortezia do pessoal é inexcedível. Todos os funcionários são zelosíssimos e amabilíssimos, sempre que

é necessário auxiliar um leitor embaraçado nas suas pesquisas por alguma dificuldade que torna necessária a intervenção de quem tenha uma familiaridade profissional com todos os segredos daquela perfeitíssima organização.

«A sala de leitura da Biblioteca, diz o guia destinado aos leitores e mandado publicar pela direcção, é, tanto prática como teóricamente, uma oficina literária e não um lugar destinado a recreio, a estudos de mero aperfeiçoamento pessoal, ou à consulta casual de livros que podem facilmente obter-se em qualquer outra parte. As pessoas que mais fortes direitos à admissão podem alegar são as que precisam de consultar fontes originais, livros ou publicações periódicas que se não encontram nas bibliotecas vulgares e os que para fins literários ou scientificos, ou com qualquer outro intuito sério em vista, precisam dum número maior de livros sôbre o assunto do seu estudo do que lhes proporcionam as outras bibliotecas. Os pretendentes não devem esquecer isto quando apresentam as razões por que pedem o seu bilhete de entrada.

«A fim de reservar o espaço limitado que oferece a sala de leitura só para aqueles que estão legitimamente no caso de a utilizar estabeleceram-se as seguintes restrições quanto à concessão de bilhetes e quanto aos livros que é permitido consultar na biblioteca.

«Não são admitidos menores de 21 anos, excepto por uma ordem especial dos administradores, que não é concedida sem haver para isso fortes razões.

«Ninguém é admitido para se preparar para exames ou para escrever trabalhos destinados a obter prémios escolares ou postos a concurso, a não ser que para isso sejam apresentadas razões especiais; também se não admitem leitores com o fim de consultar livros correntes de indicações práticas.

«Não se fornecem aos leitores romances publicados há menos de cinco anos. Os que por qualquer razão especial precisarem dum romance recente terão que expor o fim para que o querem ao superintendente da sala de leitura».

Se estes rigores conseguem garantir aos estudiosos sérios o seu lugar na biblioteca, não conseguem, parece, que todos esses autênticos investigadores estejam no caso de prescindir de sobretudos, agasalhos e mais *property* que de direito lhes não pertença. É o que se deprende dêste aviso traduzido do guia oficial que acabo de citar: «Não se devem deixar sôbre as mesas objectos de valor pecuniário e não é prudente deixar sobretudos e peles pelas cadeiras. Quando não forem precisos, devem ser depositados em um dos vestiários do corredor entre o vestibulo e a sala de leitura».

Esta precaução achava-se também afixada à porta da sala em grandes letras, reforçada com a notícia de que nos últimos tempos as transferências de propriedade tinham sido de assustadora frequência. Entre os artigos mais atreitos a mudarem de dono citavam-se no impresso as malinhas de mão. Não é para causar espanto que entre setecentos leitores de procedências diversas apareça um ou outro afeiçoado ao alheio. Em Portugal e em agrupamentos menos numerosos e menos heterogêneos os objectos deixados sem protecção pelas cadeiras e mesas não estariam menos arriscados à desapareição.

Foi ao Prof. WALTER RIPPMMANN da Universidade de Londres que devi o obséquio duma carta de recomendação para o director da biblioteca. Se por falta de respeitabilidade do apresentante não corria o mínimo risco de recusa dum bilhete de entrada, não o corria tão pouco pela impossibilidade de formular com nitidez um assunto especial de investigação. O que ali me levava ocupava havia muitos anos o meu espírito e tinha já feito sobre êle estudos muito imperfeitos, mas tão aprofundados quanto mo permitiam as condições deficientísimas do meio em que os fiz e os acanhados limites dos meus recursos pessoais.

Era êle esse período da literatura inglesa que decorre desde os fins do primeiro quartel do século XVIII até à aparição de *Lyrical Ballads*, por WORDSWORTH e COLERIDGE, em 1798. Ousara mesmo, apesar de lhe reconhecer as grandes dificuldades, publicar sôbre êle um volume, cujas lacunas e imperfeições se advinham sabendo-se que foi escrito em Portugal e, para mais, na província. Tratando-se dum período de transição em que não abundam muito as obras com bastante valor intrínseco para justificar reedições, é claro que só numa dessas enormes bibliotecas em que se encontra tudo o que se procura é que eu poderia estudar todos os poetas, críticos e teóricos da literatura caídos no esquecimento, em cujas obras, embora com muita hesitação e grandes oscilações, se vai acentuando gradualmente um espírito novo, que foi o germe de que se desenvolveu o do século XIX¹.

¹ No trabalho a que me refiro tratei superficialmente, por falta de documentação, alguns aspectos do assunto mas a consciência só me acusa de ter uma vez única arriscado uma frase de apreciação a um livro de que não conhecia senão uma pequena transcrição. Pareceu-me tão característica essa passagem que julguei lícito avaliar por ela o espírito da obra. Pois enganei-me redondamente, e como penitência aqui o confesso. Tratava-se das *Letters on Chivalry and Romance*, de HURD, que me não fôra possível obter na edição original e que ainda não estavam réeditadas quando escrevi. A pequena passagem que me tentara, reposta no conjunto de que fôra separada, perdia a falsa significação que, vendo-a isolada, lhe atribui.

Êste capítulo de história literária inglesa, da mais alta importância para todas as literaturas da Europa, fôra estudado anos antes de eu começar a sentir-me atraído para êle por dois sábios investigadores americanos, cujos trabalhos foram para mim um auxiliar precioso. Todavia ambos eles se cingiram com excessivo rigor a uma feição apenas do vasto e multiforme movimento, o que deu em resultado para os seus trabalhos de investigação, aliás magistras, uma lastimável estreiteza de limites, e, como estes nem sempre foram respeitados, um não pequeno número de incoerências. Os que entraram depois nesta ordem de estudos encontraram ainda muito que ceifar; até a mim, o mais humilde e obscuro de todos, isso succedeu. Era natural que mesmo dentro das fronteiras bastante artificiais que a si próprios traçaram, os iniciadores, no deslumbramento da descoberta, deixassem na sombra muitos pontos da mais alta importância. Assim a história das origens da escola miltónica, pelos fins do primeiro quartel do século XVIII não foi por eles tratada de modo a esgotar o assunto, podendo tê-lo sido, apenas com um pouco mais de atenção prestada a dois dos dirigentes da segunda geração que entrou no movimento, os irmãos JOSÈ e TOMAS WARTON. A obra critica de ambos eles foi mais citada do que estudada a fundo, o que deu em resultado uma exploração igualmente imperfeita do movimento spenseriano, contemporâneo do miltónico. O Prof. W. L. PHELPS fez um catálogo exaustivo das imitações e paródias spenserianas do século XVIII; mas o espirito e as feições essenciais dêste resurgir do interesse pelo poeta cavalheiresco não foram nitidamente estudados. As *Observações* de TOMAS WARTON sôbre *Faerie Queene* e todo o pequeno ciclo de trabalhos criticos sôbre o mesmo assunto, conquanto sejam dos mais característicos monumentos da transição da critica dogmática para o novo critério histórico, ficaram inexplorados, ou quasi. Outros trabalhos de igual significação como documentos dos progressos do critério histórico na filosofia literária foram deixados totalmente no esquecimento.

As leituras, transcrições e resumos que fiz de obras nestas condições forneceram-me os materiais para um capítulo novo, na refundição, em que trabalho, da obra imperfeitissima, começada a publicar por mim no *Instituto*, no verão de 1911. Essa refundição, que será um livro quasi inteiramente novo, constituirá o verdadeiro relatório da minha viagem de estudo, como tive ocasião de dizer na primeira sessão de conselho a que assisti depois do meu regresso de Inglaterra. Alongar-me aqui mais sôbre o assunto seria fazer do livro que preparo um tôsko esbôço, que só serviria para o prejudicar.

Quando nos países em que a história literária está mais adiantada,

isto é, mais firmemente assente em investigações sérias, ainda por vezes aparecem desdenhosas alusões ao «método chamado histórico» na crítica literária, censurando os seus adeptos por se ocuparem de figuras literárias de segunda e terceira ordem, não me parece nada descabido no nosso país dizer algumas palavras em defesa do assunto dos meus estudos. As palavras que acima aspeei são dum pequeno prefácio do bem conhecido crítico inglês ARTHUR SYMONS a uma edição recente da *Biographia Literaria* de COLERIDGE. A essas opiniões antiquadas responde triunfantemente GEORGE SAINTSBURY, no prólogo de que precedeu a sua benemérita edição, infelizmente ainda incompleta, de «*Minor Poets of the Caroline Period*».

Diz êle:

«Um grande crítico inglês, Mr. MATTHEW ARNOLD e um grande homem de letras francês, MÉRIMÉE, embora não concordassem em tudo, concordavam num ponto — rebaixar e desanimar o estudo da literatura menor... Ambos eles são antagonistas formidáveis: e GOETHE, de quem é provável que ambos derivassem pelo menos apoio para a sua opinião e que como é notório pelo menos nos seus últimos anos a sustentava, parecerá sem dúvida à maior parte da gente um antagonista ainda mais formidável. Mas um dos princípios cardeais da cavalaria andante literária, bem como das outras, é que o aventureiro não deve ter em demasiada conta — se é que lhe é lícito ter em alguma — o número, a bravura e a reputação dos seus adversários. Quanto maiores e mais numerosos são, tanto maior a sua glória se triunfar e tanto menor o seu descrédito se succumbir — quando a sua causa é justa e a deles injusta. Não me resta dúvida de que GOETHE, MÉRIMÉE e Mr. ARNOLD estavam em êrro...

«A história literária é um membro muito moderno da família histórica e os seus livros clássicos são poucos e disputados. A maior parte dos que pretendem esta posição foram baseados precisamente nos princípios que aqui estão sendo atacados. Um livro como o de TAINE, por exemplo, omite propositadamente escolas inteiras, períodos inteiros, assuntos inteiros... Mesmo na esfera das cousas inorgânicas, inanimadas e irracionais, nenhum homem de ciência sensato quereria generalizar dum só ou dalguns exemplos, deixando muitos por examinar. E as expressões do espírito e da sensibilidade humana na arte são infinitamente mais individuais e individualmente diferenciadas do que dois fragmentos da mesma rocha, duas flôres da mesma planta, ou dois espécimes da mesma raça animal. Cada novo exemplo pode apresentar — é lícito dizer que cada novo exemplo apresenta com efeito — a regra com uma diferença; a grande maioria destas diferenças é pelo menos ilustrativa. De se restringir o estudo a alguns poucos

exemplos, por mais brilhantes e famosos que sejam, resultam generalizações precipitadas, uma exposição insuficiente e não raro absolutos êrros. Nem basta que o historiador tenha feito um exame mais ou menos exaustivo para seu próprio uso, o que raras vezes sucede; é para desejar que sejam fornecidos aos que o estudam os meios de verificar o seu exame, de o contraprovar, de o ilustrar».

O exemplo de TAINE é bem escolhido. E, se me é permitido citar-me, eu já o apresentara um ou dois anos antes de ter conhecimento do prefácio de SAINTSBURY. TAINE caracteriza muito bem a filosofia literária que se desenvolve lentamente no século XVIII:

«Dans cette confusion laborieuse, deux grandes idées se dégagent... La première consiste à dire ou plutôt pressentir que notre idéal n'est pas l'idéal: c'en est un, mais il y en a d'autres. Le barbare, l'homme féodal, le cavalier de la Renaissance, le musulman, l'Indien, chaque âge et chaque race a conçu sa beauté, qui est une beauté. Juissons en et pour cela mettons-nous à la place de ceux qui l'ont inventée; mettons-nous-y tout à fait; ce ne sera pas assez de représenter, comme les romanciers et les dramatises précédents, des mœurs modernes et nationales sous des noms étrangers et antiques; peignons les sentiments des autres siècles et des autres races avec leurs traits propres, si différents que ces traits soient des nôtres et si déplaisants qu'ils soient pour notre goût. Montrons notre personnage tel qu'il fut, grotesque ou non, avec son costume et son langage: qu'il soit féroce et superstitieux, s'il le faut...»¹.

¿Mas quais são os monumentos onde se mostra em germe esta revolução do pensamento e através de que outros monumentos se desenvolveu o embrião? TAINE não o diz, nem provavelmente conhecia esta atitude de espírito senão na sua fase adulta. A febre de se entregar a generalizações brilhantes e arrojadas não se compadecia com os vagares da investigação paciente. Só muitos anos depois da publicação da sua obra, pouco mais ou menos à data da sua morte é que esses problemas da historia literária inglesa começaram a ser esclarecidos, e não tanto na Inglaterra como nas universidades americanas, onde o influxo do pensamento e dos métodos alemães é intensíssimo.

Mas mais e melhores argumentos do que apresenta o prefácio de que faço transcrições, em defesa do estudo dos *menores*, derivam da distinção entre os que viveram no período áureo dum movimento literário, de que foram impecáveis e impessoais reflexos, e os que floresceram para os fins desse movimento, quer prenunciem tímida e bal-

¹ *Histoire de la Littérature Anglaise*, vol. IV, pag. 290.

buciantemente a revolução que se aproxima, quer a tornem mais compreensível pelo exagêro que apresentam das fórmulas, das convenções ou das extravagâncias da escola agonisante. É certo que, por exemplo, um contemporâneo de POPE, fazendo *Moral Essays* que arremedem na máxima perfeição os do mestre, não é de considerável importância para o historiador das correntes do gôsto. Apenas lhe servirá para ajudar a formar atmosfera e também para lhe mostrar, pela comparação, onde reside a originalidade e portanto a superioridade do modelo copiado.

¿Mas como será possível compreender a reacção que na segunda metade do século XVII se dá na expressão poética, feita de sentenças concisas e sêcas como fórmulas algébricas e na forma métrica em disticos independentes que se mnemonizam e citam como provérbios, se não se tiverem estudado os poetas carolinos editados pelo autor atrás citado? ¿Muitos falam nos excessos do seiscentismo, mas quantos conhecerão deles mais que um trecho, citado por TAINE, duma poesia extravagante da mocidade de DRYDEN? ¿Quantos terão lido essas longas epopeias «românticas» do século XVII, em que quasi não há uma frase que não seja uma metáfora e metáfora que não seja um conceito rebuscado, em que os períodos enrolando-se nos meândros duma sintaxe labirintica contem dezenas de versos e em que o *overflow*, o salto do sentido de verso para verso, se mantêm sem interrupção do principio ao fim do periodo ensurdecendo de tal forma a rima emparelhada que parece que estamos a ler verso solto?

Não será decerto lendo uma obra-prima de CORNEILLE ou RACINE que nós compreenderemos a revolta dos românticos franceses contra a fórmula da tragédia clássica. Há de ser travando conhecimento com essa aluvião de tragédias do século XVIII, que não passavam dum problema de *emballage* de assuntos convencionais dentro das sacrosantas unidades e do número ritualmente invariável de actos.

Não será também pelas obras geniais de JANE AUSTEN, GEORGE ELIOT, STENDHAL ou BALZAC que quem num próximo futuro historiar a morte do romance há de compreender o nosso fastio actual do género. Para isso precisará de ler algumas dezenas e folhear algumas centenas dos muitos milhares de romances que se teem vindo amontoando sufocadoramente em volta de nós e que, quer sejam de observação ou de análise, quer sejam místicos ou cínicamente pessimistas, virtuosos ou libertinos, dão sempre a impressão de dizeres com que se preenchem as casas vazias dum invariável modelo impresso.

Nada mais interessante, mais tristemente interessante, do que o espectáculo da impotência com que se debate contra os ferros hirtos das suas fórmulas uma época literária moribunda, na ância de alcançar

a originalidade e, como as barreiras são invencíveis, procurando-a a dentro das estreitas jaulas, por meio de atitudes extravagantes, — transportando as églogas duma Arcádia convencional para um Oriente não menos convencional, como se fazia na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII; refrescando os idílios estampados pela transferência do cenário pastoril para o cenário piscatório, como sucedeu em Portugal no fim do mesmo século, ou dando outras semelhantes voltas absurdas de rato engaiolado, que gira no mesmo círculo à procura de saída, como os romancistas dos nossos dias.

Por outro lado nos movimentos literários a aparição do génio é sempre precedida dum período mais ou menos longo de tímidas tentativas de mediano valor intrínseco, mas que é indispensável conhecer para que a fase genial da corrente não pareça um prodígio, uma criação maravilhosa tendo como matéria prima o nada. Tem-se dito muitas vezes, e com inteira verdade, que o génio é um milagre. Assim é, com efeito. Nada nos explica a sua aparição; mas a direcção que tomou, bem como a possibilidade de triunfo das suas especiais tendências, essas são perfeitamente explicáveis, teem antecedentes que as determinaram e sem o conhecimento deles tudo é confusão para o estudioso de qualquer literatura. Nenhuma novidade há nesta doutrina, mas a prática que dela deriva para a história literária está longe de ser antiga, como já disse. Diz o notável investigador das origens do romantismo DANIEL MORNET, que apenas uns dez anos antes da data em que escrevia (1912) nada preciso se podia dizer sobre o assunto em França. Hoje, graças à investigação paciente, as origens remotas estão de tal modo esclarecidas que o estudioso pode informar-se suficientemente das feições gerais do movimento incipiente com a leitura apenas dêsse excelente volume *Le Romantisme Français au XVIII^{me} Siècle* do autor citado, que além dum consciencioso erudito é um prosador admirável.

Nenhuma dúvida me resta pois, em virtude das razões apresentadas e de todos estes autorizados exemplos, de que o melhor comentário que se pode fazer a grandes poetas como WORDSWORTH, COLERIDGE, SCOTT, BYRON, SHELLEY, KEATS, é traçar a longa genealogia dos modestos predecessores que prepararam lentamente as condições próprias para a expansão dessas poderosas individualidades. E assim julgo-me justificado de ter consagrado os meus esforços àquelas figuras com poucas excepções secundárias, logo que me foi dado penetrar nesse gigantesco «*literary workshop*», que é, segundo as palavras do guia que atrás citei, a biblioteca do Museu Britânico.

Antes de partir tinha tomado nota, é claro, das obras que me era indispensável conhecer a fundo para ficar com um conhecimento

seguro do movimento cujo estudo queria aprofundar. Mas logo que comecei a folhear os catálogos, as minhas notas bibliográficas, que, diga-se de passagem, não me tinham custado pouco trabalho, sumiram-se no meio das descobertas que a cada instante fazia. E não me refiro a obras modernas relacionadas com os assuntos que me interessavam. A notícia destas vinha-me de manusear os volumes do *Subject Index* e destinei-lhes um caderno especial, consultando apenas as que mais inadiável curiosidade me causavam e reservando a leitura das outras para quando tivesse concluído, se me restasse ainda tempo, a consulta das fontes, ou propondo-nos indicar à Faculdade de Letras a conveniência de adquirir algumas das mais úteis, no caso de as não poder ali estudar. Falo apenas das obras do século XVIII referentes ao meu assunto. Esta fácil e rápida multiplicação bibliográfica era devida a fazer-se referência no catálogo geral, junto ao nome de cada autor, a todos os trabalhos biográficos e críticos a êle respeitantes que existem na biblioteca, — e na biblioteca do Museu Britânico há tudo ¹.

Darei um exemplo. Procurando no catálogo geral *Observations on Spenser's Faerie Queene*, de T. WARTON, que nunca pudera ver em Portugal e de que só tinha conhecimento indirecto por autores a quem, tive depois ocasião de verificar, o livro era quasi tão desconhecido como a mim, as referências bibliográficas de que falo revelaram-me uns poucos de livros contemporâneos alguns de polémica, sobre o mesmo assunto. A leitura deles sugeriu-me a ideia de comparar a primeira edição do livro de WARTON com a segunda para ver se um ataque provocado por aquela alguma cousa influira nesta. E com efeito notei modificações de certo interesse para a história das ideias literárias no período de que me occupava. Queria estudar um único livro e uma página de catálogo deu-me o fio condutor para a história dum assunto: a attitude da critica perante a poesia cavalheiresca da Renascença, pelo meado do século XVIII.

¹ Para dar uma ideia da enormidade da biblioteca traduzo as seguintes linhas do guia official para uso dos leitores: «... há na biblioteca *algumas milhas* de estantes e nada menos de *quarenta e seis milhas* de prateleiras...». Mais de setenta e quatro quilómetros de espessura de livros.

Em 1912 o catálogo geral feito pelo novo processo que poupa muitíssimo espaço compunha-se de cerca de mil volumes contendo mais de 4 milhões de títulos. O número de volumes do catálogo geral aumenta anualmente dez a vinte volumes; o número de espécies catalogadas cerca de 30.000. O antigo catálogo por verbetes mss., como os que se usam em Portugal, em 1880, data em que foi substituído pelo actual, tinha à roda de 3.000 volumes e aumentava anualmente 30 a 40. E note-se que se trata aqui apenas de livros impressos. Mss. e jornais não entram nestas contas.

Comecei a frequentar a biblioteca pelo fim de julho. Ao fim duma semana ou pouco mais fui obrigado a interromper as minhas leituras por ter de sair de Londres por três semanas, pelos motivos que noutra parte expuz. As minhas excursões tomaram-me em setembro aproximadamente duas semanas. Descontando estas duas interrupções, o tempo útil durante o qual frequentei a biblioteca foi pelo menos de oito semanas.

A sala de leitura abre às nove da manhã e está ininterruptamente aberta até às sete da tarde. Eu entrava geralmente cêrca das 10 horas e trabalhava em leituras, cópias, resumos e algumas vezes sómente em copiar indicações bibliográficas dos grossos volumes do *Subject Index*, com os intervalos apenas das duas refeições nacionais do *lunch* (à 1 hora) e do *afternoon tea* (às 4 e meia) até à hora do encerramento. Nos dias em que me sentia excessivamente fatigado, quando saía para o chá não voltava. Uma ou outra vez, muito excepcionalmente, dava o meu trabalho por terminado à hora do *lunch*, para aproveitar a tarde em algum passeio a sítios que ainda não vira.

Apesar desta assiduidade, só consegui, não direi esgotar, mas penetrar rasoavelmente no meu assunto, restringindo as minhas leituras a obras e autores que não figuravam nas colecções que adquiri em Londres para a biblioteca da Faculdade. Tencionava, depois de concluir o trabalho que tinha em vista, embrenhar-me por algum tempo na série de «*true tragedies*» de assunto histórico nacional, que estabelecem a transição do teatro medieval para o drama dos fins do século XVI e primeiro quartel do seguinte, no qual convergiram as influências populares e clássicas. Mas nem cheguei a começar a executar êste plano, demasiado vasto para o tempo de que dispunha.

Tenho porém a consciência de ter feito quanto me foi possível para aproveitar a oportunidade que me propôrcionava a Faculdade de Letras de Coimbra para aperfeiçoar os meus conhecimentos.

CARLOS DE MESQUITA.

Princípios fundamentais do cálculo das probabilidades

Datam de certo dos tempos mais remotos da humanidade as questões que envolvem os princípios do cálculo das probabilidades, pois justo é supôr que os jogos, que provocaram o seu estudo, terão bem cedo ocupado a sua atenção com as suas variadíssimas formas.

Contudo só no século xvii, tão notável pelos fecundos resultados que então se apuraram, é que esta doutrina tomou valor científico, podendo ser considerados PASCAL e FERMAT os primeiros géometras que trataram profundamente uma questão desta ordem — a divisão das paradas entre jogadores da mesma fôrça, que resolvem suspender uma partida antes do seu fim, que deveria ter lugar quando um dêles atingisse um certo número de pontos, préviamente convencionado.

A primeira exposição metódica foi apresentada por HUYGENS no seu tratado, *De ratiociniis in ludo aleae*. Pouco depois HUDDE, WITT, HALLEY publicaram as primeiras tábuas de mortalidade. Em 1711 appareceu o tratado de MOIVRE, que é autor duma expressão muito elegante, que tem por base uma fórmula de STERLING, sôbre a probabilidade da diferença entre as probabilidades dos acontecimentos e a sua possibilidade, quando aumenta indefinidamente o número das observações e experiências, na qual, apparece a raiz quadrada de π .

DANIEL BERNOULLI occupou-se da esperança matemática, e BAYES, em 1763, conseguiu a resolução do problema da probabilidade das causas.

GALILEU, D'ALEMBERT, LEIBNITZ, LAGRANGE, POISSON, GAUSS, COURNOT, CONDORCET, e outros géometras notáveis trataram da teoria das probabilidades.

Sôbre a noção de probabilidade, diversas opiniões teem sido apresentadas, e além dos nomes illustres já citados é justo lembrar MORGAN, KRIES, STUMPF, MEINONG, CANTOR, BERTRAND e H. POINCARÉ.

Dois trabalhos, porém, destacam no meio de tantos notáveis: a obra do génio brilhante que foi JACQUES BERNOULLI — *Ars congectandi*,

que só foi publicada em 1713, sete anos depois da morte daquele célebre matemático; e a *Théorie analytique des probabilités*, de LAPLACE, obra magistral dum grande sábio, que a um extraordinário espírito analítico aliava profundos conhecimentos filosóficos, como facilmente se reconhece com a leitura da sua inegalável introdução, que constituiu um curso sobre probabilidades feito em 1795 nas Escolas Normais de Paris, e o extenso e profundo estudo analítico da teoria das probabilidades, publicado em 1812, o qual com justa razão sugere ao espírito superior de BERTRAND, a seguinte apreciação: «On ne peut bien connaitre le Calcul des probabilités sans avoir lu le livre de Laplace».

Tendo-se ocupado desta doutrina tão notáveis génios e talentos deveria esperar-se que se encontrasse estabelecida em bases sólidas e incontrovertidas.

Sobre a grande importância dos resultados a que tem conduzido não há divergência possível. A teoria dos erros, para a qual, num precedente artigo, procurei fazer ver como pode ser estabelecida, duma forma simples e lógica, a ligação com a teoria das probabilidades, é, dentre as suas fecundas aplicações, seguramente uma das mais importantes e útil.

Foi baseado na teoria das probabilidades que LAPLACE pôde chegar a algumas das suas mais valiosas conclusões, entre outras às causas da equação secular da Lua, das grandes irregularidades de Júpiter e Saturno, da lei dos movimentos médios dos três primeiros satélites de Júpiter.

Mas é curioso notar como ao mesmo tempo se conserva ainda vaga e discutida a sua base. Doutro modo não teria justificação este curto artigo, escrito com o fim de contribuir para que se estabeleça um ponto de partida lógico, e que por isso inspire completa confiança em assunto de tão grande importância.

Para ficarem desde já justificadas estas considerações basta atentar na maneira como o ilustre sábio H. POINCARÉ, cujo desaparecimento prematuro a ciência profundamente deplora, abre o seu curso de Cálculo das Probabilidades, recentemente professado na Faculdade de Ciências de Paris:

«L'on ne peut guère donner une définition satisfaisante de la *Probabilité*. On dit ordinairement: La probabilité d'un événement est le rapport du nombre des cas favorables à cet événement au nombre total des cas possibles».

E os seus últimos trabalhos como *La science et l'hypothèse*, confirmam esta opinião. Referindo-se a esta definição diz a pág. 214: «Un exemple simple va faire comprendre combien cette définition est